EFÉSIOS



JOÃO CALVINO

EFÉSIOS

JOÃO CALVINO

O apóstolo declara que a divina e eterna eleição é o fundamento e a causa primeira, tanto de nosso chamamento como de todos os benefícios que de Deus recebemos. Se se nos pede a razão por que Deus nos chamou a participar do evangelho, por que diariamente nos concede bênçãos em grande profusão, por que nos abre os portões celestiais, teremos sempre que retroceder a este princípio, a saber: que Deus nos elegeu antes que o mundo viesse à existência. O próprio tempo da eleição revela que ela é gratuita; pois, o que poderíamos merecer, ou em que consistiria o nosso mérito, antes que o mundo fosse criado?

EDIÇÕES PARACLETOS

Efésios

João Calvino

Tradução
Valter Graciano Martins



Edição baseada na tradução para o inglês de T.H.L. Parker,
publicada por Wm. B. Eerdmans Publishing Company,
Grand Rapids, Michigan, U.S.A., 1965.

1ª edição em português, São Paulo, 1998
Tiragem – 3.000 exemplares

Revisão
Álvaro Almeida Campos
Cremilda Alves Martins
José André

Editoração
Graphic Work

Capa
Franco e Associados

Logomarca
Eline Alves Martins

Distribuição
Vereda Cristã – Livraria Evangélica Ltda.
Rua Marechal Deodoro, 981 – centro
09710-011 – São Bernardo do Campo-SP
☎(011) 458-5142 / fax: (011) 458-4755

Edições Paracletos
Rua Dr. Miranda de Azevedo,1085 apto 52
Pompéia – 05027-000 São Paulo-SP ☎/fax: (011) 263-5123



Índice

Prefácio 7
Dedicatória 11
Tema 15
Capítulo 1 21
Capítulo 2 50
Capítulo 3 82
Capítulo 4 107
Capítulo 5 151
Capítulo 6 178

Prefácio à Versão Brasileira

A biblioteca teológica dos pastores e demais estudiosos da Palavra de Deus está sendo enriquecida de maneira notável com a publicação em língua portuguesa dos comentários que João Calvino fez às Sagradas Escrituras.

A importância desse ilustre teólogo e reformador do século XVI, denominado "o exegeta da Reforma", jamais poderá ser exaustivamente avaliada, pois seus ensinos se revelam, através dos tempos, sempre atuais e pontos inevitáveis de referências a quaisquer estudos sérios da Bíblia Sagrada.

O pensamento teológico de João Calvino, brilhantemente sistematizado em suas "Institutas da Religião Cristã", estava sendo "detalhado" enquanto escrevia seus comentários específicos sobre os livros das Escrituras. O conjunto de suas obras forma a monumental teologia protestante.

São reconhecidos em Calvino não apenas sua habilidade intelectual, o profundo conhecimento das Escrituras e de suas línguas originais, a seriedade dos seus estudos exegéticos, as informações críticas, a lucidez e firmeza de suas convicções espirituais, como também o seu temor a Deus, o zelo pela

Palavra, sua disposição em atender aos sinais do Espírito Santo, a fidelidade no testemunho de Jesus Cristo e sua eloqüente proclamação da soberania de Deus.

Deus levantou esse *Homem* no século XVI, dando-lhe as condições necessárias para elaborar os princípios teológicos da Igreja Reformada, alicerçados na fiel interpretação da Bíblia Sagrada.

Durante longos anos, as obras de João Calvino não podiam ser utilizadas mais amplamente em nossa Pátria, posto que uma significativa porcentagem de pastores e outros estudiosos da Palavra não tem facilidade na leitura de textos em outros idiomas. Chegou, porém, no tempo de Deus, o momento em que tal empecilho não mais existe.

Deus tem vocacionado um homem chamado *Valter Graciano Martins*, colocando-o no ministério da Igreja Presbiteriana do Brasil. Cumprindo sua missão pastoral, tem se preocupado em oferecer ao rebanho uma segura exposição bíblica, edificando a Igreja de forma sólida e fiel ao texto sagrado. Mostra sua preocupação ao ver parte da Igreja sendo atraída por autênticos "modismos teológicos", os quais satisfazem aos superficiais e incautos, mas que comprometem irreversivelmente a fidelidade à Palavra de Deus.

Dentro de sua característica humildade, sonhou por muito tempo em viabilizar a tradução dos comentários bíblicos de João Calvino, como uma maneira pessoal de contribuir para a edificação das igrejas evangélicas em nossa Pátria. Deus o abençoou, e seus sonhos estão se tornando magníficas realidades.

Agora temos sua tradução do comentário de João Calvino à Epístola de Paulo aos Efésios. A leitura desse comentário,

em nossa língua, é algo cativante. O tradutor revela tal intimidade com o texto original, que o faz fluir em nosso vernáculo de forma natural, singela, agradável e fiel. Tem-se a impressão de estar lendo o próprio original dessa obra.

A figura do tradutor é de grande relevância. Ele precisa ser exímio conhecedor da língua original em que a obra foi escrita, do contexto cultural e teológico daquela época e do pensamento do autor num sentido bem amplo. Por outro lado, precisa conhecer bem nosso próprio idioma para usar palavras e expressões que reflitam com a maior precisão possível o que o autor desejava transmitir. Tudo isso se encontra na pessoa de Valter Graciano Martins.

Com muita alegria e gratidão aceitei o privilégio de prefaciar esta tradução, certo de que esta obra será de grande valor para todos quantos buscam transmitir à igreja uma teologia fiel e consistente com a revelação bíblica.

A Deus toda a glória!

Carlos Aranha Neto

Dedicatória

Ao ilustríssimo Príncipe e Soberano,
Senhor Christopher, Duque de Wirtemberg,
Conde de Montbellard etc.,
João Calvino envia saudações

Ainda que para convosco eu vos seja um desconhecido, mui ilustre Príncipe, não me arreceia dedicar-vos esta obra. É possível que alguém me censure por tal ousadia, como um ato precipitado e carente de justificativa. Mas isso é tão simples que me permite ser breve. As razões que me levam a reportar-me a vós são primordialmente duas. Conquanto tendes seguido o curso certo, de boa vontade e com muito vigor, cheguei à conclusão de não ser perda de tempo apelar a vós diretamente para que examineis uma obra por meio da qual podereis ser muitíssimo abençoado. Pois Deus vos agraciou com uma bênção da qual a maioria dos príncipes de nossos dias carece, a saber: tivestes desde a infância uma educação liberal no conhecimento do latim, e assim pudestes empregar vosso lazer em leitura de livros úteis e religiosos. Se tem havido um tempo quando necessário se faz extrair

consolação da sã doutrina, esse tempo é agora, quando a presente tensão da igreja e os mais volumosos e graves problemas, tudo indica, são iminentes, não restando nenhum conforto mesmo nos espíritos mais heróicos. Portanto, quem quer que deseje permanecer firme até ao fim, deve depositar sua total confiança nesse apoio. Quem quiser contar com uma proteção segura, deve aprender a procurar refúgio, por assim dizer, neste santuário. Demais, nessas quatro epístolas [Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses], minhas exposições sobre as quais ora vos apresento, nobilíssimo Príncipe, encontrareis muitos recursos para consolação, os quais são mui eficazes para estes tempos; todavia não os mencionarei agora, senão quando se me deparar melhor ocasião e lugar mais adequado.

Chego agora à segunda razão para dedicar-vos esta obra. Na confusão do presente momento, alguns se sentem aturdidos e outros, totalmente sucumbidos. Vós, porém, tendes preservado uma inusitada serenidade e moderação, seguidas de uma extraordinária firmeza em meio a todo gênero de tormentas. Considero, pois, que será em extremo proveitoso a toda a Igreja que demonstreis em vós mesmo, como num espelho de imagem nítida, um exemplo a que todos possam imitar. O Filho de Deus convoca a todos os seus seguidores, sem qualquer exceção, a que decidam combater sob o brasão de sua cruz, em vez de escolher o triunfo junto ao mundo. Todavia, mui poucos se sentem preparados para travar esse gênero de guerra. Portanto, é urgentemente necessário que todos se sintam estimulados e adestrados por exemplos tão raros, como é o vosso, a fim de que corrijam sua pusilanimidade.

De meus comentários, direi apenas que, provavelmente,

contenham mais do que devo em minha modéstia reconhecer. Neste ponto, porém, prefiro que vós mesmo os leiais e julgueis. Adeus, mui ilustre Príncipe! Que o Senhor Jesus vos preserve por longo tempo, para ele mesmo e para sua Igreja, e vos guie através de seu Espírito!

Genebra, 1 de fevereiro de 1548

Tema e Conteúdo da Epístola aos Efésios

ÉFESO, sobejamente conhecida por uma série de nomes, era uma cidade muitíssimo celebrada da Ásia Menor. A maneira como Deus conquistou ali um povo para si através dos labores de Paulo, os primórdios e o desenvolvimento dessa igreja, Lucas faz um relato em Atos. No presente, apenas mencionarei o que leva diretamente ao tema da Epístola. Paulo havia instruído os efésios na sã doutrina do evangelho. Enquanto era prisioneiro em Roma, percebeu que eles necessitavam de confirmação, e então lhes escreveu a presente Epístola.

Os três primeiros capítulos se ocupam primordialmente em enaltecer a graça divina. Pois imediatamente após a saudação que abre os três primeiros capítulos, ele trata da eleição soberana de Deus, de modo que pudessem reconhecer que agora são chamados para o reino de Deus, visto que foram destinados à vida antes que viessem à existência. E a portentosa misericórdia divina resplandece no fato de que a salvação dos homens emana de sua graciosa adoção como

sua genuína e natural fonte. Como as mentes humanas, porém, são por demais indolentes para apreenderem tão sublime mistério, o apóstolo se vale da oração, para que Deus iluminasse os efésios no pleno conhecimento de Cristo.

No segundo capítulo, desejando magnificar a graça divina por meio de uma comparação, ele lança um forte facho de luz sobre as riquezas da graça divina. Ele lhes lembra quão miseráveis haviam sido antes que fossem chamados para Cristo. Pois jamais somos devidamente sensibilizados do quanto somos devedores a Cristo nem avaliamos suficientemente sua munificência para conosco, até que a extrema infelicidade de nosso estado seja por ele posta diante de nossos olhos. Sua segunda explanação consiste em que os gentios viviam alienados das promessas de vida eterna, com as quais Deus honrara exclusivamente os judeus.

No terceiro capítulo, ele declara que fora designado para ser peculiarmente o *Apóstolo dos gentios*, para que eles, que haviam por tão longo tempo permanecido estranhos, pudessem agora ser enxertados no povo de Deus. Visto que esse evento era algo incomum, e sua novidade perturbava muitas mentes, ele o chama "mistério que estivera oculto das eras", mas que sua administração lhe havia sido confiada.

Para o encerramento do capítulo, ele uma vez mais ora para que Deus enchesse os efésios com um sólido conhecimento de Cristo, ao ponto de não desejarem conhecer nada mais. Seu alvo não visava meramente levá-los à gratidão a Deus por tantos favores e testificar dessa gratidão, consagrando-se integralmente a ele, senão que, antes, fosse removida toda dúvida acerca de seu chamamento. Paulo, provavelmente, temia que os falsos apóstolos viessem a abalar sua fé, insinuando que haviam sido apenas semi-

instruídos. Viveram como gentios, e quando abraçaram o puro cristianismo, não chegaram a ser devidamente informados acerca das cerimônias ou da circuncisão. Mas aqueles que impunham a lei sobre os cristãos gritavam em voz alta que aqueles que não fossem iniciados em Deus por meio da circuncisão eram profanos. Essa era sua incessante cantilena: que qualquer homem que não recebessem a circuncisão não deveria ser reconhecido no seio do povo de Deus, e que todos os ritos prescritos por Moisés deviam ser observados. Conseqüentemente, acusavam a Paulo de fazer Cristo o Salvador comum tanto de gentios como de judeus, sem qualquer distinção.

Asseveravam que seu apostolado era uma profanação da doutrina celestial e prostituía o pacto da graça com os perversos sem qualquer discriminação. Ele desejava precaver os efésios, alertá-los para essas calúnias, para que não cedessem. Enquanto argumenta de forma tão veemente que foram chamados para o evangelho, em razão de haverem sido eleitos antes da criação do mundo, ele, em contrapartida, os proíbe de imaginarem que o evangelho lhes fora acidentalmente comunicado pela vontade humana, ou que lhes afluíra contingentemente. Pois a proclamação de Cristo entre eles não era outra coisa senão o anúncio do decreto eterno. Enquanto põe diante deles a infeliz condição de sua vida pregressa, ao mesmo tempo lhes conta que fora por singular e maravilhosa mercê de Deus que haviam sido claramente arrancados de tão profundo abismo. Enquanto proclama sua própria comissão apostólica destinada aos gentios, ele os confirma na fé que uma vez receberam, porquanto foram divinamente admitidos na comunhão da igreja. E todavia todas as frases contidas nesta devem ser entendidas como

exortações convenientemente preparadas para moverem os efésios à gratidão.

No capítulo quatro, ele descreve a maneira pela qual o Senhor governa e protege sua igreja, que é, por meio do evangelho, proclamada pelos homens. Daí segue-se que nenhum outro meio pode ser conservado sólido, e que esse é o alvo da genuína perfeição. O desígnio do Apóstolo é confiar aos efésios o ministério pelo qual Deus reina entre nós. A seguir ele avança para os frutos dessa proclamação – inocência e santidade, bem como todos os deveres da piedade. Nem descreve ele apenas em termos gerais como os cristãos devem viver, senão que formula os preceitos particulares pertencentes a cada vocação particular.

Comentário

Capítulo I

[vv. 1-6]

Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, a todos os santos que vivem em Éfeso, e fiéis em Cristo Jesus: Graça a vós e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; bem como nos elegeu nele antes da criação do mundo, para que fôssemos santos e sem culpa diante dele em amor; tendo nos predestinado para adoção por meio de Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para o louvor da glória de sua graça, a qual nos fez aceitos no Amado.

1. **Paulo, apóstolo**. Uma vez que a mesma forma de saudação, ou, ao menos, com bem pouca diferença, é usada em todas as epístolas, seria supérfluo repetir aqui o que já ficou expresso alhures. Ele se intitula de *apóstolo* de **Jesus Cristo**; pois a todos quantos foi concedido o ministério da reconciliação, sua função é a de embaixador de Cristo. A palavra 'apóstolo' é, deveras, mais especializada; pois não é todo ministro do evangelho (como veremos mais adiante,

em 4.11) que de fato é apóstolo. Este tema, porém, eu já o abordei mais amplamente em Gálatas.

O apóstolo adiciona **pela vontade de Deus**. Porquanto nenhum homem deve tomar essa honra para si próprio, mas deve esperar pela vocação divina, pois Deus é o único que pode legitimar os ministros. Ele assim confronta os escárnios dos homens ímpios com a autoridade de Deus, e remove toda e qualquer ocasião de disputa irrefletida.

Ele os denomina de **santos**, a quem em seguida chama de **fiéis em Cristo**. Portanto, nenhuma pessoa crente deixa de ser igualmente santa; em contrapartida, nenhuma pessoa santa deixa de ser igualmente crente. A maioria das cópias gregas omite o termo **todos**; fiquei, todavia, relutante em eliminá-lo, visto que, ao menos, ele deve ser compreendido.

3. Bendito seja Deus. O apóstolo enaltece sublimemente a graça de Deus para com os efésios, buscando incitar seus corações à gratidão com o fim de deixá-los todos inflamados, e assim invadi-los e enchê-los com essa idéia. Aqueles que reconhecem em si mesmos uma efusão tal da bondade de Deus, tão plena e absolutamente perfeita, e que se exercitam nela com fervorosa meditação, jamais abraçarão novas doutrinas, as quais obscurecem a própria graça que sentem tão poderosamente em seu interior. O propósito do apóstolo, portanto, ao afirmar a imensurabilidade da graça divina para com os efésios, era prepará-los a fim de que não permitissem que sua fé fosse abalada pelos falsos apóstolos, como se seu chamamento fosse algo duvidoso, ou como se sua salvação devesse ser vista por outro prisma. Ele lhes assegura, ao mesmo tempo, que a plena certeza da salvação consiste no fato de que, através do evangelho, Deus revela, em Cristo, seu amor para conosco. A fim de confirmar, porém, a questão

mais plenamente, ele chama sua atenção para a causa primeira, para a fonte, ou seja, a eterna eleição divina, por meio da qual, antes que houvéssemos nascido, fomos adotados como filhos. E isso para que soubessem eles [e nós!] que já estavam salvos, não por meio de qualquer ocorrência fortuita ou prevista, mas por meio do eterno e imutável decreto de Deus.

O verbo *abençoar* é aqui usado em mais de um sentido, tanto em se referindo a Deus como em se referindo aos homens. Encontro na Escritura uma quádrupla significação para ele. Abençoamos a Deus quando o louvamos, declarando sua munificência. Diz-se, porém, que Deus nos abençoa, quando ele torna nossas atividades bem sucedidas, e em sua benevolência nos concede felicidade e prosperidade; e a razão é que somos abençoados unicamente em seu beneplácito. Notemos como ele expressa o grande poder que habita em toda a Palavra de Deus para a Igreja e para cada crente individualmente. Os homens abençoam uns aos outros através da oração. A bênção sacerdotal é mais do que uma oração, visto ser ela um testemunho e garantia da bênção divina; porquanto os sacerdotes receberam a incumbência de abençoar no Nome do Senhor. Portanto, Paulo, aqui, abençoa [=*bendiz*] a Deus com uma confissão de louvor, porque Deus nos abençoou, ou seja, nos enriqueceu com toda sorte de bênção ou graça.

Não faço objeção alguma contra a observação de Crisóstomo, quando ele diz que a palavra *espirituais* traça um contraste implícito entre a bênção de Moisés e a de Cristo. A lei continha suas bênçãos, mas é só em Cristo que a perfeição é encontrada, porquanto é ele a perfeita revelação do reino de Deus, que nos conduz diretamente ao céu. Quando a própria substância é revelada, as figuras não são mais necessárias.

Quando ele diz *celestiais*, pouco importa se antepomos 'lugares' ou 'benefícios'. Ele simplesmente desejava expressar a superioridade daquela graça que nos é concedida através de Cristo; que sua felicidade não está neste mundo, e, sim, no céu e na vida eterna. A religião cristã, sem dúvida, como ensinamos alhures [1 Tm 4.8], contém promessas não só referentes à vida futura, mas também com referência à vida presente; seu alvo, porém, é a felicidade espiritual, quanto mais sendo o reino de Cristo espiritual. O apóstolo contrasta Cristo com todos os símbolos judaicos, nos quais está contida a bênção sob o regime da lei. Porque, onde Cristo se faz presente, todas aquelas coisas se fazem supérfluas.

4. Assim como nos elegeu nele. Aqui, o apóstolo declara que a eterna eleição divina é o fundamento e causa primeira, tanto de nosso chamamento como de todos os benefícios que de Deus recebemos. Se se nos pede a razão por que Deus nos chamou a participar do evangelho, por que diariamente ele nos concede bênçãos em grande profusão, por que ele nos abre os portões celestiais, teremos sempre que retroceder a este princípio, ou seja: que Deus nos elegeu antes que o mundo viesse à existência. O próprio tempo da eleição revela que ela é gratuita; pois, o que poderíamos merecer, ou em que consistiria o nosso mérito, antes que o mundo fosse criado? Pois quão pueril é o raciocínio sofístico, o qual afirma que não fomos eleitos porque já éramos dignos, e, sim, porque Deus previra que seríamos dignos. Todos nós estamos perdidos em Adão; portanto, Deus não poderia ter-nos salvo de perecermos por meio de sua própria eleição, se não havia nada para ser previsto. O mesmo argumento é usado em Romanos, onde, ao falar de Jacó e Esaú, diz ele: "E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem

ou o mal" [Rm 9.11]. Embora, porém, eles ainda não tivessem agido, algum sofista da Sorbonne poderia replicar: "Deus previra o que eles poderiam fazer." Tal objeção não possui força alguma à luz da natureza corrupta do homem, em quem nada pode ser visto senão matérias para a destruição.

Ao acrescentar: **em Cristo**, estamos diante da segunda confirmação da soberania da eleição. Porque, se somos eleitos em Cristo, tal fato se encontra fora de nós próprios. Isso não tem por base nosso merecimento, e, sim, porque nosso Pai celestial nos enxertou, através da bênção da adoção, no Corpo de Cristo. Em suma, o nome de Cristo inclui todo mérito, bem como tudo quanto os homens possuem de si próprios; pois quando o apóstolo diz que somos eleitos em Cristo, segue-se que em nós mesmos não existe dignidade alguma.

Para que pudéssemos ser santos. O apóstolo indica o propósito imediato, não, porém, o principal. Pois não existe qualquer absurdo em supor-se que uma coisa possua dois objetivos. O propósito em realizar uma construção é para que haja uma casa. Esse é o alvo imediato. Mas a conveniência de se habitar nela é o alvo último. Era necessário mencionar-se isso de passagem; pois Paulo de imediato menciona outro alvo – *a glória de Deus*. Todavia, não há nenhuma contradição aqui. A glória de Deus é a finalidade mais elevada, à qual a nossa santificação está subordinada.

Desse fato inferimos que a santidade, a inocência, e assim toda e qualquer virtude que porventura exista no homem, são frutos da eleição. E assim uma vez mais Paulo expressamente põe de lado toda e qualquer consideração de *mérito* [humano]. Se Deus houvera previsto em nós tudo o que porventura fosse digno de eleição, então se diria precisamente o contrário.

Pois a intenção de Paulo é que toda a nossa santidade e inocência de vida emanam da eleição divina. Como explicar, pois, que alguns homens são piedosos e vivem no temor do Senhor, enquanto que outros se entregam sem reservas a toda espécie de perversidade? Se Paulo merece credibilidade, a única razão é que os últimos conservam sua disposição natural, enquanto que os primeiros foram eleitos para a santidade. Certamente que a causa não segue o efeito, e portanto a eleição não depende da justiça que vem das obras, a qual Paulo declara aqui ser a causa.

Além do mais, nessa cláusula ele quis dizer que a eleição não abre as portas à licenciosidade, como que dando aos ímpios ocasião a que blasfemem e digam: "Vivamos da maneira que nos agrade, pois se já fomos eleitos, é impossível que venhamos a perecer." O apóstolo está afirmando-lhes claramente que é uma atitude ímpia dissociar a santidade de vida da graça da eleição; porquanto Deus chama e justifica a todos aqueles a quem ele elegeu. É igualmente sem fundamento a inferência que os cataristas, os celestinos e os donatistas extraíram destas palavras, ou seja: que nos é impossível atingir a perfeição nesta vida. Esse é o alvo em direção ao qual devemos manter todo o curso de nossa vida; nunca, porém, o atingiremos até que nossa corrida haja terminado. Onde estão os homens que se espantam e evitam a doutrina da predestinação como sendo um confuso labirinto, que a reputam como sendo inútil e mesmo quase nociva? Nenhuma doutrina é mais útil e proveitosa quando utilizada de forma adequada e sóbria, ou seja, como Paulo o faz aqui, ao apresentar ele a consideração da infinita munificência de Deus e estimular-nos a render graças. Essa é a legítima fonte da qual devemos extrair nosso conhecimento da misericórdia

divina. Se os homens usassem um outro argumento, a eleição fecharia sua boca, para que não se atrevam e não reivindiquem nada para si próprios. Lembremo-nos, porém, do propósito para o qual Paulo discute a predestinação, a fim de que, arrazoando com algum outro objetivo, não sigamos arriscadamente algum desvio.

Diante dele em amor. Santidade, aos olhos de Deus, tem a ver com uma consciência pura; pois Deus não é enganado, à semelhança dos homens, pela pretensão externa; ele, porém, olha para a fé, ou seja, para a veracidade do coração. Se você atribuir a Deus a palavra 'amor', então significa que a única razão pela qual ele nos elegeu foi o seu amor pela humanidade. Prefiro, porém, considerar o amor à luz da última parte do versículo, ou seja: que a perfeição dos crentes consiste no amor; não que Deus requeira somente amor, mas que ele é uma evidência do temor de Deus e da obediência a toda a lei.

5. Que nos predestinou. O que vem a seguir salienta ainda mais a sublimidade da graça divina. Já mencionamos a razão por que o apóstolo inculcou tão energicamente nos efésios Cristo e a adoção gratuita nele, bem como a eterna eleição que a precedeu. Como a misericórdia de Deus, porém, em nenhum outro lugar é expressa de forma mais sublime, esta passagem merece nossa especial atenção. Nesta cláusula são mencionadas três causas de nossa salvação, e uma quarta é acrescentada logo a seguir. A *causa eficiente* é o beneplácito da vontade de Deus; a *causa material* é Cristo; e a *causa final* é o louvor de sua graça. Vejamos agora o que ele diz acerca de cada uma.

À primeira pertence todo este contexto: Deus nos predestinou nele mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para adoção, e nos fez aceitos por meio de sua graça.

No verbo *predestinar* devemos novamente atentar para a ordem. Nem mesmo existíamos, portanto não existia nenhum mérito propriamente nosso. Conseqüentemente, a causa de nossa salvação não procedeu de nós mesmos, e, sim, tão-somente de Deus. Paulo, todavia, ainda não satisfeito com essas afirmações, acrescenta: **nele mesmo**. Naturalmente que o equivalente grego disso é: ἐν αὐτῷ; ἐν αὐτῷ, porém, tem o mesmo significado que a frase usada por ele aqui εἰς αὐτόν. Com isso ele está dizendo que Deus não buscou uma causa fora de si próprio, senão que nos predestinou porque ele assim o quis.

O que se segue, porém, é ainda mais claro: **segundo o beneplácito de sua vontade**. A palavra 'vontade' seria suficiente, pois o apóstolo estava acostumado a contrastá-la com todas as causas externas pelas quais o homem imagina que a mente de Deus é passível de receber influência. Todavia, para que não permaneça qualquer ambigüidade, ele usa o contraste 'beneplácito', o que expressamente exclui todo e qualquer mérito. Portanto, ao adotar-nos, o Senhor não levou em conta o que somos, e não nos reconciliou consigo mesmo com base em alguma dignidade que porventura tivéssemos. Seu único motivo é o eterno beneplácito por meio do qual ele nos predestinou. Por que, pois, os sofistas não se envergonham de associar-lhe outras considerações, quando o apóstolo tão contundentemente nos proíbe de enxergarmos algo mais além do beneplácito divino?

Finalmente, a fim de que nada mais ficasse faltando, ele acrescenta: ἐχαρίτωσεν ἐν χάριτι. Com isso ele nos afiança que Deus nos envolve graciosamente em seu amor e favor, não com base em retribuição meritória, senão que ele nos elegeu quando nem ainda tínhamos nascido, quando

nada o motivara senão ele próprio.

A *causa material*, tanto da eleição eterna quanto do amor que nos é agora revelado, é *Cristo*, a quem ele chama o *Amado*, querendo dizer-nos que por meio dele o amor de Deus é sobre nós derramado. Portanto, ele é o bem-amado para reconciliar-nos. O propósito mais elevado e último é acrescentado imediatamente, a saber: o glorioso louvor de uma graça infinitamente rica. Todo homem, pois, que oculta esta glória está contribuindo para o ofuscamento do propósito eterno de Deus. Tal é a doutrina dos sofistas, que vira tudo de ponta cabeça, a fim de que toda a glória de nossa salvação não seja atribuída única e exclusivamente a Deus.

[vv. 7-12]

Em quem temos a redenção pelo seu sangue, o perdão dos pecados, segundo as riquezas de sua graça, que ele fez plenificar para conosco em toda sabedoria e prudência, fazendo-nos conhecer o mistério de sua vontade, segundo o seu beneplácito, que nele propôs, para a dispensação da plenitude dos tempos, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra, nele, digo, através de quem também fomos recebidos em herança, havendo sido predestinados segundo o propósito daquele que opera todas as coisas segundo o conselho de sua vontade, a fim de sermos para o louvor de sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo.

7. Em quem temos a redenção. Isso se refere ainda à *causa material*, pois o apóstolo explica como fomos reconciliados com Deus através de Cristo, como, por meio de sua morte, ele apaziguou o Pai por nós. Portanto, é mister que volvamos sempre nossa mente para o sangue de Cristo, se quisermos que nele encontremos graça. E diz ainda que,

pelo sangue de Cristo, obtemos a redenção, a qual ele imediatamente chama de **perdão dos pecados**. Ele está querendo dizer com isso que somos redimidos porque os nossos pecados não nos são mais imputados. Daqui emana a justiça gratuita pela qual somos aceitos por Deus, bem como somos libertados da escravidão do mal e da morte. Precisamos observar cuidadosamente a oposição que define a maneira de nossa redenção; porque, quanto mais permanecemos sujeitos ao juízo de Deus, mais presos ficamos em miseráveis cadeias. Portanto, livrar-se da culpa é, de fato, uma liberdade inestimável.

Segundo as riquezas. O apóstolo volta à *causa eficiente*: Cristo deu-se a si mesmo a fim de ser nosso Redentor, visto que Deus fora riquíssimo em bondade ativa. E ele emprega a palavra 'riquezas', aqui, bem como a palavra 'superabundar', para magnificar essa bondade, de modo que Deus passa a plenificar a mente dos homens com suas maravilhas. Ele não pode estar suficientemente satisfeito em celebrar a bondade de Deus. Que a mente dos homens esteja imersa na riqueza da graça que é aqui enaltecida! Nenhum lugar teria encontrado mais espaço para as satisfações e mesquinharias tais, engendradas pelos homens, por meio das quais o mundo acredita poder redimir-se, como se o sangue de Cristo fosse secar-se sem algum auxílio subsidiário.

8. Em toda sabedoria. O apóstolo agora traz a lume a *causa formal*, ou seja: a pregação do evangelho, por meio da qual a bondade de Deus flui para nós. Porque, por meio da fé, Cristo nos é comunicado, através de quem chegamos a Deus, e através de quem usufruímos os benefícios da adoção. Ele dá ao evangelho os magnificentes títulos de *sabedoria e prudência*, a fim de que os efésios pudessem desprezar todas

e quaisquer doutrinas contrárias. Os falsos apóstolos cultivavam a pretensão de ensinar algo ainda mais sublime do que os rudimentos que Paulo transmitia. E o diabo, a fim de solapar nossa fé, tudo fazia para desacreditar o evangelho até onde lhe fosse possível. Paulo, ao contrário, solidifica a autoridade do evangelho, para que os crentes possam descansar nele com segurança. 'Toda sabedoria' significa a plena ou perfeita sabedoria.

Visto que a novidade assustara alguns, o apóstolo trata com o erro por bastante tempo, e chama essa novidade de **o segredo da vontade divina**, e no entanto um segredo que a Deus aprouve agora revelar. Como anteriormente atribuíra a eleição deles ao beneplácito de Deus, assim também agora faz com sua vocação, para que os efésios pudessem reconhecer que Cristo tornou-se-lhes conhecido e lhes fez conhecido o evangelho que lhes fora anunciado, não porque merecessem alguma coisa, mas porque a Deus aprouve fazê-lo.

Que propusera nele mesmo na dispensação. Tudo fora sábia e adequadamente planejado. O que pode ser mais justo do que seus propósitos, os quais estão ocultos dos homens, e que são conhecidos somente de Deus, enquanto ele queira guardá-los só para si mesmo? Ou, de outra forma, estaria em sua própria vontade e poder predeterminar o tempo em que esses propósitos seriam conhecidos aos homens? Portanto, o apóstolo está nos dizendo que o decreto que se encontrava na mente de Deus, de adotar os gentios, esteve oculto até agora; todavia, de maneira tal, que ele o mantivera em seu próprio poder até ao tempo da revelação. Ora, se alguém alegar que foi uma ocorrência nova e sem precedente, a saber: aqueles que antes tinham sido estranhos a Deus seriam escolhidos e postos na Igreja, é justo pensar em Deus como

sendo ele de menos conhecimento do que os homens? No caso de alguém perguntar por que um tempo e não outro foi selecionado, o apóstolo antecipa tal curiosidade, denominando o que fora designado por Deus de 'na plenitude dos tempos' – o tempo pleno e apropriado, como temos em Gálatas 4.4. Que a presunção humana se reprima, e, ao julgar a sucessão dos eventos, que ela se curve ante a providência de Deus. A palavra 'dispensação' aponta na mesma direção, porquanto a perfeita administração de todas as coisas depende do juízo divino.

De fazer convergir. A Vulgata traz *instaurare* [=restaurar]. Erasmo acrescentou *summatim*. Prefiro conservar o significado estrito da palavra grega, ἀνακεφαλαιώσασθαι, porque está em mais harmonia com o contexto. Pois, segundo penso, Paulo desejava ensinar que fora de Cristo todas as coisas estavam em desordem, mas que, por meio dele, elas foram reconduzidas à ordem. E, de fato, fora de Cristo, o que podemos divisar no mundo senão meras ruínas? Pelo pecado estamos alienados de Deus; e o que fazer se somos nômades e alquebrados? A condição natural das criaturas as leva a afastar-se de Deus. O ἀνακεφαλαίωσις, que nos lembra a ordem regular, diz-nos o apóstolo, foi feito em Cristo. Moldados em um corpo, somos unidos a Deus e mutuamente ligados uns aos outros. Sem Cristo, porém, o mundo todo se encontra como era, ou seja, um caos disforme e em tremenda confusão. Só ele nos converge em verdadeira unidade.

Mas, por que ele inclui seres celestiais nesta avaliação? Os anjos jamais estiveram separados de Deus, nem mesmo dispersos. Há quem ofereça a seguinte explicação: Diz-se que os anjos têm de viver juntos porque os homens que se unem a eles são unidos igualmente a Deus e alcançam a

bênção comum juntamente com eles nesta abençoada unidade. Assim como falamos de toda uma construção sendo reparada, muitas partes da mesma estavam em ruínas ou caindo, ainda que algumas partes permaneciam inteiras. Isso é verdade. Não há, porém, razão alguma para não dizermos que os anjos também foram mantidos juntos, não reunidos de uma dispersão, senão que antes eles estavam unidos a Deus perfeita e completamente, e então puderam conservar esse estado para sempre. Porquanto, que analogia [=*proportio*] existe entre a criatura e o Criador sem a interposição do Mediador? Pelo fato de serem *criaturas*, eles estariam sujeitos a mudança e a queda, e não abençoados eternamente, e nem tampouco poderiam dispensar os benefícios de Cristo. Quem, pois, negaria que tanto os anjos como os homens foram restaurados a uma ordem imutável pela graça de Cristo? Os homens se perderam; os anjos, porém, não ficaram fora de perigo. Por meio da união de ambos em seu próprio Corpo, Cristo os uniu a Deus o Pai, para que pudesse estabelecer uma autêntica harmonia, tanto no céu como na terra.

11. Através de quem também, Até aqui o apóstolo falou, em termos gerais, de todos os eleitos; agora ele começa a fazer distinções. Fala então de si mesmo e dos judeus, ou, se se preferir, de todos aqueles que representavam as primícias do Cristianismo; e em seguida se dirige aos efésios. Muito foi feito pela sua confirmação (falo dos efésios), os quais ele inclui a si e aos outros crentes, que eram, por assim dizer, os primogênitos na Igreja. É como se dissesse: "A condição de toda pessoa piedosa é exatamente a mesma que a vossa; pois nós, a quem Deus chamou primeiro, devemos nossa aceitação por parte dele à sua eterna eleição." Assim ele demonstra que, desde o primeiro até ao último, todos têm

alcançado a salvação simplesmente pela graça, porque foram graciosamente adotados de acordo com a eleição eterna.

Faz todas as coisas. Notemos a perífrase por meio da qual ele descreve a Deus como o único a fazer todas as coisas segundo a sua própria vontade, não deixando ao homem nada para fazer. Portanto, em nenhum sentido ele admite que os homens sejam participantes nos louvores divinos, como se eles produzissem alguma coisa de si ou por si mesmos. Porque Deus não encontra nada fora de si mesmo por meio do quê fosse ele motivado a eleger-nos, porquanto o conselho de sua *própria vontade* é a única causa apropriada e intrínseca da eleição. Dessa forma pode-se refutar o erro, ou, antes, a loucura daqueles que, a menos que vejam uma razão nas obras de Deus, nunca cessam de atacar os seus desígnios.

A fim de sermos para o louvor. Ele repete o propósito. Porque só então a glória de Deus brilha em nós, já que nada somos senão vasos de sua misericórdia. A palavra 'glória' denota κατ' ἐξοχήν, peculiarmente a que resplandece na bondade de Deus; pois não há nada propriamente seu, por meio do qual ele deseja ser glorificado, a não ser sua bondade.

[vv. 13-14]

Em quem também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, em quem também crestes, fostes selados com o Santo Espírito da promessa, o qual é o penhor de nossa herança, para a redenção da possessão alcançada, para o louvor de sua glória.

13. Em quem também vós. O apóstolo associa-se com os efésios e com o restante daqueles que se constituíram

nos primeiros frutos; porque ele diz que confiavam em Cristo da mesma forma. Seu objetivo é demonstrar que ambos tinham a mesma fé; e assim ele repete a palavra 'confiavam'. Em seguida ele acresce que tinham sido conduzidos à esperança por meio da pregação do evangelho.

Ele aplica ao evangelho duas qualificações: "a palavra da verdade" e o instrumento da salvação dos efésios. Ambas merecem nossa cuidadosa atenção, porque, visto que nada é mais solicitamente intentado por Satanás do que impregnar nossas mentes, ou com dúvidas, ou com menosprezo pelo evangelho, Paulo nos mune de duas defesas por meio das quais podemos repelir ambas as tentações. Portanto, é preciso que demos este testemunho contra todas as dúvidas de que o evangelho não é apenas certa verdade que não pode enganar, senão que é chamado κατ' ἐξοχήν, **a palavra da verdade**; de modo que, estritamente falando, não existe nenhuma verdade fora dele. Se porventura nos sentirmos sempre tentados a menosprezar ou a sentir repugnância pelo evangelho, lembremo-nos de que o seu poder e eficácia estão no fato de que é por meio dele que nos vem a salvação; assim como alhures ele ensina que o evangelho é o poder de Deus para a salvação dos crentes [Rm 1.16]. Aqui, porém, ele expressa muito mais, pois declara que os efésios, tendo sido feitos participantes da salvação, perceberam isso através da experiência. Infelizes são aqueles que se cansam, como o mundo geralmente faz, perambulando por muitos caminhos tortuosos, negligenciando o evangelho e se deleitando com imaginações errantes; aprendendo muito e jamais enriquecendo o conhecimento da verdade ou jamais descobrindo a vida! Felizes, porém, são aqueles que abraçaram o evangelho e firmemente permanecem nele! Porque ele – o

evangelho –, fora de qualquer dúvida, é a verdade e a vida.

Em quem temos também crido. Uma prova da exatidão que ele atribuíra ao evangelho. E por meio de qual patrocinador seria ele melhor garantido do que pelo Espírito Santo? É como se o apóstolo dissesse: "Havendo chamado o evangelho de Palavra da verdade, não o demonstrarei pela autoridade humana; pois tendes o próprio Autor, o Espírito de Deus, que sela a veracidade dele em vossos corações." Essa excelente comparação é extraída dos selos, por meio dos quais a dúvida é afastada de entre os homens. Os selos imprimem autenticidade tanto aos alvarás como aos testamentos. Além disso, o selo era especialmente usado nas epístolas, para identificar o escritor. Em suma, um selo distingue o que é genuíno e indubitável do que é inautêntico e fraudulento. Tal ofício Paulo atribui ao Espírito Santo, não só aqui, mas também no capítulo 4.30 e em 2 Coríntios 1.22. Nossas mentes jamais se fazem suficientemente firmes, de modo que a verdade prevaleça conosco contra todas as tentações de Satanás, enquanto o Espírito Santo não nos confirme nela. A genuína convicção que os crentes têm da Palavra de Deus, acerca de sua própria salvação e de toda a religião, não emana das percepções da carne, ou de argumentos humanos e filosóficos, e, sim, da selagem do Espírito, o que faz suas consciências mais seguras e todas as dúvidas removidas. O fundamento da fé seria quebradiço e instável, se porventura ela repousasse na sabedoria humana; portanto, visto que a pregação é o instrumento da fé, por isso o Espírito Santo torna a pregação eficaz.

Mas aqui o apóstolo parece sujeitar à fé a selagem do Espírito. Se esse é o caso, então a fé precede o ato de selar. Minha resposta consiste em que a ação do Espírito na fé é

dupla, correspondendo às duas partes principais das quais a fé consiste. Ela ilumina o intelecto [=*mens*] e também confirma o pensamento [=*animus*]. O princípio da fé é o conhecimento; sua consolidação é aquela convicção firme e estável, a qual não admite a oposição da dúvida. Cada caso, como já disse, é obra do Espírito. Não admira, pois, que Paulo declare que os efésios não só receberam, pela fé, a verdade do evangelho, mas também foram confirmados nela através do selo do Espírito Santo.

O apóstolo o denomina de Espírito da promessa, a partir de seu efeito. Pois é ele que faz com que a promessa de salvação não nos seja feita em vão. Porque, assim como Deus promete em sua Palavra que nos será por Pai, também por meio de seu Espírito ele nos comunica a evidência de sua adoção.

14. O qual é o penhor. Ele usa o mesmo termo duas vezes em 2 Coríntios 1 e 5. A metáfora é tomada por empréstimo das transações que são então confirmadas pela entrega de uma garantia, para que nenhum espaço seja deixado para uma mudança de intenção. Daí, ao recebermos o Espírito de Deus, temos as promessas dele confirmadas em nós e não somos assaltados pelo receio de que se retrate. Não que as promessas de Deus sejam por natureza débeis; mas porque nunca descansamos nelas confiadamente, enquanto as mesmas não recebem o endosso do testemunho do Espírito. O Espírito, pois, é o penhor de nossa herança, ou seja: da vida eterna; para a redenção, ou seja: até ao dia em que a redenção se plenifique. Enquanto vivemos neste mundo, necessitamos de um penhor, porque combatemos em esperança; mas quando a possessão mesma se manifestar, então cessará a necessidade e o uso do penhor.

O símbolo de um penhor só termina quando ambas as partes tiverem cumprido o contrato; e, conseqüentemente, ele diz mais adiante: *até ao dia da redenção* [Ef 4.30]. Ele está falando, porém, do dia do juízo, pois ainda que já estejamos redimidos pelo sangue de Cristo, o resultado desta redenção ainda não é visível; pois toda criatura geme, desejando libertar-se da corrupção. E nós mesmos também, que já recebemos as primícias do Espírito, ansiamos pela mesma liberdade; pois ainda não a alcançamos, exceto por meio da esperança. Quando Cristo surgir para o juízo, então desfrutaremos da realidade. É nesse sentido que Paulo usa o termo *redenção* em Romanos 8.23, e bem assim nosso Senhor, quando diz: "Erguei vossas cabeças, porque a vossa redenção se aproxima" [Lc 21.28].

Περιποίησις, que traduzimos através do latim, *acquisitam haereditatem* (a aquisição da possessão), não é o reino do céu, nem a bendita imortalidade, mas a Igreja mesma. Isso é adicionado visando à consolação dos efésios, para que não viessem a pensar ser muito difícil sustentar sua esperança até ao dia da vinda de Cristo, nem se sentissem envergonhados se ainda não eram participantes da herança prometida; pois essa é a sorte comum de toda a Igreja.

Para o louvor de sua glória. A palavra *louvor*, como um pouco antes, é usada no sentido de 'proclamação'. Sua glória pode às vezes ficar oculta ou obscura. E assim Paulo diz que, no caso dos efésios, Deus dera provas de sua benevolência, a fim de que sua glória fosse celebrada e conhecida publicamente. Aqueles, pois, que faziam pouco caso da vocação dos efésios, igualmente odiavam e menosprezavam a glória de Deus.

Sua freqüente menção da glória de Deus não deve ser

considerada como sendo algo supérfluo, pois aquilo que é de caráter infinito não pode ser discutido exaustivamente. Isso é particularmente verdadeiro em se tratando do enaltecimento da misericórdia divina, cujo significado nenhuma pessoa piedosa seria capaz de fazer justiça com palavras. Todas as línguas santas estarão tão prontas a expressar seus louvores quanto seus ouvidos abertos para ouvi-los. Pois se homens e anjos juntassem sua eloqüência em função deste tema, ainda assim tocariam mui diminutamente em sua imensurabilidade. Podemos também observar que não há uma refutação mais forte que feche mais os lábios dos ímpios do que demonstrarmos que defendemos a glória de Deus, ainda que a obscureçam.

[vv. 15-19]

Por isso também eu, tendo ouvido [falar] da fé no Senhor Jesus, a qual existe entre vós, e do vosso amor para com todos os santos, não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós em minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de sabedoria e de revelação no conhecimento dele; sendo iluminados os olhos de vosso entendimento, para que saibais qual é a esperança de sua vocação, e quais as riquezas da glória de sua herança nos santos, e qual a suprema grandeza de seu poder para conosco, os que cremos, segundo a operação da força de seu poder.

15. Por isso também eu. Esta ação de graças não foi apenas um testemunho de seu amor para com os efésios. Paulo também lhes relata qual o juízo que formara deles, e se congratula com eles na presença de Deus, o que era em extremo agradável. Observe-se aqui que, sob a fé e o amor, Paulo condensa toda a perfeição dos cristãos. Diz ele: "fé

em Cristo", visto ser ele propriamente dito o alvo e o objeto (como dizem) da fé. O amor deve abranger a todos os homens; aqui, porém, se menciona especialmente os santos; porque o amor, propriamente designado, começa com eles para, em seguida, fluir para todos os demais. Se o amor deve confiar em Deus, quanto mais uma pessoa se aproxima dele, tanto mais elevada é a posição que ela deve manter.

16. Fazendo menção de vós. Para apresentar sua ação de graças, como era seu costume, ele adiciona uma oração, a fim de incitá-los a um progresso ulterior. Era indispensável que os efésios entendessem que haviam ingressado no curso certo, para que não se desviassem em direção a alguma sorte de nova doutrina; e no entanto também deviam saber que teriam de prosseguir; pois nada é mais arriscado do que fartar-se de bênçãos espirituais. Por mais que nossas virtudes sejam fortes, teremos sempre e cada vez mais que progredir em direção ao alvo.

O que, porém, Paulo deseja para os efésios? O espírito de sabedoria e a iluminação dos olhos de seu entendimento. E não haviam ainda tomado posse de tal bênção? Sim. Ao mesmo tempo, porém, necessitavam de crescer, para que, uma vez revestidos de uma medida mais rica do Espírito, e sendo mais e mais iluminados, pudessem possuir mais livre e abundantemente o que já possuíam. O conhecimento dos santos nunca é suficientemente puro, senão que alguns problemas turvam seus olhos, e a obscuridade os impede a que vejam com clareza. Examinemos, porém, as palavras detalhadamente.

Diz ele: **o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo**. Pois o Filho de Deus se fez homem, de tal maneira, que ele fez Deus comum conosco. Como ele mesmo testificou: "Subo para

meu Deus e vosso Deus" [Jo 20.17]. E a razão pela qual ele é o nosso Deus, é porque ele é o Deus de Cristo, cujos membros somos nós. Tenhamos, pois, em mente que isso pertence à sua natureza humana; de modo que sua sujeição não detrai nada de sua eterna deidade.

Ele denomina Deus de **o Pai da glória**. Esse título emerge do anterior; pois a gloriosa paternidade de Deus é demonstrada em seu Filho sujeitar-se à nossa condição, para que, através do Filho, ele pudesse ser nosso Deus. "O Pai da glória" é uma expressão idiomática hebraica bem conhecida, equivalente a "o Pai glorioso". Não desaprovo a junção dessas duas frases: que ele é o glorioso Pai de Cristo, e lendo a palavra 'Deus' separadamente.

O Espírito de sabedoria e de revelação é aqui formulado à guisa de metonímia, o que equivale: a graça que o Senhor derramou sobre nós através de seu Espírito. Observemos, porém, que os dons do Espírito não são os dotes da natureza. Enquanto o Senhor não os abrir, os olhos de nosso coração são cegos. Enquanto não formos instruídos pelo Espírito, nosso bendito Mestre, tudo o que conhecemos não passa de futilidade e ignorância. Enquanto o Espírito de Deus não descortinar diante de nós por meio de uma revelação secreta, o conhecimento de nossa divina vocação não poderá ir além da compreensão de nossas mentes naturais.

Onde traduzimos: **no conhecimento dele**, pode-se também ler: "no conhecimento de si mesmo". Ambas as traduções se adequam bem. Porquanto aquele que conhece o Filho, também conhece o Pai. No entanto, prefiro minha tradução, procurando manter o estrito sentido do pronome relativo.

O termo 'coração' é a tradução da Vulgata; é também a redação de alguns manuscritos gregos. Não importa muito, porquanto os hebreus às vezes o usa para a parte racional da alma; embora, mais estritamente, sendo a sede das afeições, ele signifique a vontade ou a parte apetitiva da alma. Tenho, porém, preferido a redação mais usual.

E quais as riquezas. Ele proclama a excelência dessas riquezas, de modo que pudéssemos lembrar-nos quão incapazes somos nós para tão sublime conhecimento; porquanto o poder de Deus não é uma questão de somenos importância. Ele diz que esse imensurável poder havia sido exercido em favor dos efésios; não de forma superficial, mas sobrepujantemente. Além do mais, esse poder pôs os efésios sob constante obrigação de obedecer ao seu chamamento. O apóstolo enaltece a graça de Deus para com eles, para que não se esquivassem dela com desdém ou enfado. Com esplêndidos louvores, ele nos declara que a fé é uma obra e dom de Deus, tão maravilhosos, que a mesma não pode ser suficientemente enaltecida. Paulo não recorre a hipérboles indiscriminadamente; mas quando trata da fé, a qual é superior ao mundo, ele nos arrebata para a admiração do poder celestial.

19. Segundo a operação da força de seu poder. Há quem tome operação somente em relação ao termo 'crer', que vem imediatamente antes; eu, ao contrário, a considero como sendo a grandeza do poder, de modo que ela constitui uma nova ampliação, como se o apóstolo quisesse dizer: "Na grandeza do poder surge a eficácia da força de seu poder", ou, se se preferir: "a grandeza do poder é um exemplo e evidência da eficácia do poder". A repetição do termo δυνάμις é aparentemente supérflua. No primeiro caso,

porém, ele se restringe a uma classe; no segundo, ele tem uma aplicação geral. Paulo, entendemos, nunca se demonstra satisfeito em proclamar nossa vocação. E certamente que o espantoso poder de Deus se exibe quando somos trazidos da morte para a vida; e quando, sendo nós filhos do inferno, somos transformados em filhos de Deus e herdeiros da vida eterna.

Os insensatos acreditam que tal linguagem se constitui num tremendo exagero; os santos, porém, que se encontram numa luta diária de consciência, facilmente percebem que não existe aqui uma palavra sequer que não seja perfeitamente verdadeira. Visto que a importância do tema não pode ser tão contundentemente expressa, então Paulo se expressou de uma maneira sublime, diante de nossa incredulidade e ingratidão. Ou nunca ponderamos de forma suficientemente sublime acerca do tesouro a nós oferecido no evangelho, ou, se o fazemos, então não podemos persuadir-nos de que somos suscetíveis dele, já que não percebemos nada em nós que lhe seja correspondente, senão que tudo é adverso. Por isso é que Paulo tudo fez para magnificar a glória do reino de Cristo entre os efésios, bem como para impregnar suas mentes com um profundo senso da graça divina. E para que não fossem esmagados pela visão de sua própria indignidade, o apóstolo os exorta a que considerassem o poder de Deus; como se quisesse dizer que sua regeneração fora obra de Deus, ainda que extraordinária, na qual ele exibira grandiosamente seu infinito poder.

Há três termos aqui sobre os quais podemos notar o seguinte: *força* é como se fosse a raiz; *poder* é como se fosse a árvore; e *eficácia* é como se fosse o fruto, o ato de Deus alongar seus braços, os quais são vistos em ação.

[vv. 20-23]

Que operou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar-se à sua direita nos lugares celestiais, muito acima de todo principado, e autoridade, e poder, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste mundo, mas também no vindouro; e pôs todas as coisas debaixo de seus pés, e o deu à igreja para ser o cabeça sobre todas as coisas, que é seu corpo e a plenitude daquele que enche tudo em todas as coisas.

20. Que operou em Cristo. O termo grego é ἐνέργησεν, do qual ἐνέργεια é derivado. O que equivale dizer: "Segundo a eficácia com que ele efetuou." Minha tradução, porém, tem o mesmo resultado e é menos abrupta.

O apóstolo mui acertadamente nos concita a contemplarmos esse poder em Cristo; porquanto, em nós, ele ainda está velado, porque o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza [2 Co 12.9]. Em que nos avantajamos aos filhos do mundo, senão no fato de nossa condição parecer ainda pior? Ainda que o pecado não reine, ele continua a habitar em nós e a morte é ainda poderosa. A bem-aventurança se encontra embutida na esperança; o mundo ainda não a percebe. O poder do Espírito é algo ainda ignorado pela carne e pelo sangue. Os infindáveis distúrbios a que estamos sujeitos tornam nossa condição muito mais desprezível do que a dos demais homens.

Portanto, tão-somente Cristo é o espelho através do qual podemos contemplar o que a fraqueza da cruz obscurece em nós. Quando nossas mentes se despertarem para confiar na justiça, na salvação e na glória, aprendamos a volvê-las para Cristo. Ainda estamos sob o poder da morte; mas aquele que ressuscitou dentre os mortos pelo poder celestial tem o

domínio da vida. Digladiamos sob a servidão do pecado e, cercados por infindáveis misérias, empreendemos uma renhida batalha; mas aquele que se encontra sentado à mão direita do Pai é detentor do mais elevado governo no céu e na terra, e triunfa gloriosamente sobre os inimigos que ele conquistou e subjugou. Vivemos aqui desprezados e de forma em extremo modesta; mas, quanto a ele, foi-lhe dado um nome diante do qual anjos e homens se curvam reverentemente e à menção do qual os demônios e os perversos estremecem. Aqui vivemos oprimidos pela insuficiência de todos os nossos dons; mas ele foi designado pelo Pai para ser o único Juiz e Despenseiro de todas as coisas. Por essas razões, é para o nosso bem transferirmos para Cristo os nossos pensamentos, para que nele, como num espelho, vejamos os gloriosos tesouros da graça divina e a imensurável grandeza desse poder que ainda não se manifestou em nós.

E o fez sentar-se à sua direita. Esta passagem revela mais que qualquer outra o que "a mão direita de Deus" significa. Não quer dizer algum lugar em particular, mas, sim, o poder que o Pai delegou a Cristo para que seu *Nome* pudesse administrar o governo do céu e da terra. É inútil, pois, sofismar, como fazem alguns, dizendo que Estêvão o viu em pé, enquanto que Paulo, aqui, o descreve como que sentado. A referência não é a uma postura física, senão que denota o mais elevado poder de governar, com o qual Cristo foi investido. Isso concorda com as palavras de Paulo: "Acima de todo principado, etc.", porquanto essa descrição como um todo foi adicionada em termos explicativos, para expressar o significado de "mão direita".

Diz-se que Deus elevou Cristo à sua direita no sentido em que o fez partícipe de seu governo; pois é por meio de

Cristo que Deus exerce todo o seu poder. A metáfora é tomada por empréstimo dos príncipes terrenos, os quais conferem aos seus generais a honra de sentarem-se ao lado deles. Visto que a mão direita de Deus enche céu e terra, segue-se que o reino e o poder de Cristo se encontram difusos por toda parte. Portanto, é errônea a tentativa de provar-se que o ato de sentar-se à mão direita de Deus significa que Cristo habita somente o céu. Sua humanidade, dizem, a qual prossegue sendo genuína, está no céu e não na terra; o argumento, porém, está fora de pauta. Pois o que se segue – **nos lugares celestiais** – não significa que a direita de Deus esteja restrita ao céu. O que ele deseja é que saibamos que Cristo ascendeu às alturas, à glória celestial de Deus, para que alcançasse o mais elevado cume na bem-aventurada imortalidade entre os anjos.

21. Muito acima de todo principado. Não fica dúvida alguma de que por todos esses títulos o apóstolo quisesse referir-se aos anjos, os quais são assim nomeados em razão de ser por meio de sua agência que Deus exerce seu poder, autoridade e domínio. Pois ainda quando comunica às criaturas o que pertence a si próprio, ele quis atribuir-lhes o seu próprio nome; eis a razão por que eles são chamados אֱלֹהִים, deuses. Ora, ainda que da diversidade de nomes concluímos que há várias ordens, todavia, investigá-los mais minuciosamente, fixar seu número e determinar suas hierarquias, não seria mera curiosidade, e, sim, também temeridade ímpia e perigosa.

Mas, por que o apóstolo não os denominou simplesmente de *anjos*? Minha resposta consiste em que Paulo adicionou esses títulos com o fim de magnificar a glória de Cristo; como se dissesse: "Não há nada que tão sublime ou excelente

venha ser, seja qual for o nome venha chamar-se, que não esteja sujeito à majestade de Cristo." Houve uma antiga superstição, comum entre judeus e gentios, que era a de atribuir aos anjos muitas coisas, a qual desviava as mentes humanas da pessoa de Deus e do verdadeiro Mediador. Por isso é que Paulo se mostra precavido, em todas as suas epístolas, a fim de impedir que essa glória imaginária dos anjos ofusque os olhos dos homens, obscurecendo assim o resplendor de Cristo; no entanto sua extrema diligência não conseguiu impedir que a astúcia do diabo tivesse êxito nesta questão. Pois vemos como o mundo afastou-se de Cristo por cultivar uma preocupação errônea acerca dos anjos. Foi inevitável que a correta concepção acerca de Cristo desaparecesse em meio às invenções acerca dos anjos.

Acima de todo nome. *Nome*, aqui, é tomado no sentido de 'grandeza' ou 'excelência'; e 'ser nomeado' significa desfrutar de celebridade e exaltação.

Mas também no [mundo] vindouro é expressamente mencionado para indicar que a excelência de Cristo não é temporária, e, sim, eterna; e que não se limita a este mundo, mas também viceja no reino de Deus. É por essa razão que também Isaías o chama de "o Pai da eternidade" [Is 9.6]. Em suma, todas as glórias dos homens e dos anjos, colocadas em seu devido lugar, abrem caminho à glória de Cristo, para que somente ela venha a brilhar acima de todos eles incomparavelmente e sem impedimento algum.

22. E o deu à igreja para ser o cabeça. Ou seja: ele foi feito a Cabeça da Igreja para que pudesse assumir a administração de todas as coisas. O apóstolo quer dizer, porém, que não foi um mero título que o designara Cabeça da Igreja, e, sim, que lhe fora confiado o total comando e

governo do universo. A metáfora da Cabeça denota a mais elevada autoridade. Não me sinto disposto a discutir em torno de um nome, mas esses incensores do ídolo romano, por sua impiedade, nos conduz a ele [o nome]. Pois já que Cristo é o único a ser chamado *Cabeça*, todos os outros, sejam anjos ou homens, são forçosamente postos em seu devido lugar como membros; de modo que aquele que é mantido em seu mais elevado posto é ainda um dos membros sujeitos à Cabeça comum. E no entanto não se envergonham de provocar confusão, dizendo que a Igreja será ἀκέφαλον [=acéfala], a menos que ela tenha uma cabeça na terra além de Cristo. Que perverso sacrilégio é esse, de atribuir a Cristo tão pouca honra? Se a honra que ele alcançou é só aquela que seu Pai lhe conferiu, então a Igreja deve ser considerada como se fosse mutilada. Ouçamos, porém, o apóstolo declarando que a Igreja é seu Corpo. Com essa metáfora ele quer dizer que aqueles que se recusam submeter-se a ele são indignos de sua comunhão, porquanto a unidade da Igreja depende unicamente dele.

23. A plenitude daquele. Eis aqui a mais elevada honra da Igreja: se o Filho de Deus não estiver unido a nós, então ele mesmo se considerará imperfeito em alguma extensão. Que glorioso ânimo recebemos ao ouvirmos isto: enquanto não nos tiver como um só corpo com ele, então não estará completo em todas as suas partes, ou seja, ele deseja ser considerado como um todo perfeito! Por isso em 1 Coríntios, quando Paulo usa a metáfora do corpo humano, ele inclui sob o singular nome de Cristo a Igreja toda [12.12].

Que isso, porém, seja tomado no sentido que em Cristo estaria faltando algo, caso ele estivesse separado de nós; pois Paulo uma vez mais adiciona: **que enche tudo em todas as**

coisas. Seu desejo de ser plenificado, e em algum sentido ser aperfeiçoado em nós, não emana de qualquer necessidade ou pobreza. Pois que ele conduz todas as coisas e todas as criaturas para que nos sirvam. E sua munificência se revela ainda maior em fazer-nos surgir do nada, para que ele, de sua parte, esteja e viva em nós. Não existe absurdo algum em limitar-se o termo 'tudo' no presente contexto; porque, embora Cristo realize todas as coisas por sua vontade e poder, Paulo, porém, está aqui falando particularmente do governo espiritual da Igreja. Aliás, não há nada que nos impeça de referi-lo ao governo universal do mundo; limitá-lo, porém, ao presente caso é a interpretação mais provável.

Capítulo 2

[vv. 1-3]

E vós, quando estáveis mortos em vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência, entre os quais todos nós também uma vez vivíamos nas concupiscências de nossa carne, fazendo os desejos da carne e da mente, e éramos por natureza filhos da ira, como os demais.

1. E vós, quando estáveis mortos. Eis aqui uma *epexergasia* das afirmações anteriores – ou seja, uma explicação e esclarecimento. Com o fim de aplicar com maior eficácia, aos efésios, a declaração geral da graça, o apóstolo lhes lembra sua condição anterior. Esta aplicação contém duas partes. "Vós, uma vez, estivestes perdidos; agora, porém, Deus, mediante sua graça, vos resgatou da destruição." Mas ao envidar esforços para salientar cada uma dessas partes, o apóstolo interrompe seu argumento por meio de hipérbato. Existe certa dificuldade na linguagem, mas o significado é claro. Temos apenas que nos reportar a ambas estas partes. Quanto à primeira, vemos que o apóstolo diz que os efésios

estiveram mortos; e expõe, ao mesmo tempo, a causa da morte, a saber: os *pecados*. Sua intenção não é apenas dizer que viveram sob o risco de morte; senão que declara que ela era uma morte real e presente, pela qual foram subjugados. Como a morte espiritual não é outra coisa senão o estado de alienação em que a alma subsiste em relação a Deus, já nascemos todos mortos, bem como vivemos mortos até que nos tornamos participantes da vida de Cristo; daí João também dizer: "Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão" [Jo 5.25].

Os papistas, que são tão ávidos em agarrar-se a cada oportunidade que tenham para enfraquecer a graça de Deus, afirmam que fora de Cristo estamos meio mortos. Entretanto, não foi a troco de nada que o próprio Senhor, e bem assim este apóstolo, nos excluíram completamente da vida enquanto permanecermos em Adão, e declaram que a regeneração é a nova vida da alma, e que é por meio daquela que esta ressuscita dos mortos. Reconheço que algum gênero de vida permanece em nós durante o tempo em que somos estranhos em relação a Cristo; porquanto nem os sentidos, nem a vontade, nem as faculdades da alma foram extintos dos incrédulos. O que isso, porém, tem a ver com o reino de Deus? O que isso tem a ver com a vida bem-aventurada, quando tudo o que pensamos e desejamos é morte? Que seja indestrutível, pois, o seguinte pensamento: que a união de nossa alma com Deus é a genuína e única vida; e que fora de Cristo estamos completamente mortos, visto que o pecado, a causa da morte, reina em nós.

2. Nos quais andastes outrora. A partir dos efeitos ou frutos ele comprova que o pecado uma vez reinou neles; porque, a menos que o pecado se prorrompa em atos externos,

os homens não se conscientizarão suficientemente de seu poder.

Ao adicionar: **segundo o curso deste mundo**, o apóstolo subentende que a morte que tem estado a mencionar devasta a natureza humana e se constitui numa enfermidade universal. Ele não se refere àquele curso do mundo ordenado por Deus, nem aos elementos, tais como o céu, a terra e o ar, e, sim, à depravação com a qual estamos todos contaminados; de modo que o pecado não é algo peculiar a uns poucos, senão que permeia o mundo inteiro.

Segundo o príncipe. Ele avança mais e explica que a causa de nossa corrupção deve ser encontrada no domínio que o diabo exerce sobre nós. Não se pode pronunciar uma condenação mais severa sobre a humanidade! O que ele nos deixa, quando declara que somos escravos de Satanás e submissos à sua vontade, enquanto nossas vidas se mantêm excluídas do reino de Cristo? Nossa condição, portanto, ainda que muitos vivam satisfeitos com ela (ou, pelo menos, pouco desprazerosos), deve, naturalmente, causar-nos horror. Onde, pois, está o livre-arbítrio, o governo da razão, a virtude moral, acerca dos quais os papistas palreiam tanto? O que encontrarão tão puro ou santo sob a tirania do diabo? Astutamente, porém, se fazem em extremo cuidadosos ao abominarem esta doutrina como sendo a pior heresia de Paulo. Digo, porém, que não há nessas palavras nenhuma obscuridade, e que todos os que vivem segundo o curso do mundo, ou seja, segundo as inclinações da carne, batalham sob o comando de Satanás.

O apóstolo fala do diabo no singular, segundo o uso comum da Escritura. Como os filhos de Deus possuem uma Cabeça, assim também os ímpios; pois cada grupo forma um

corpo. Portanto, ele atribui à primeira o domínio sobre todo o mal, assim como a segunda tipifica a plenitude da impiedade. Quanto a atribuir ele ao diabo as potestades do ar, esse é um assunto a ser considerado no capítulo seis. No momento, notaremos apenas a estupidez irracional dos maniqueus, diligenciando-se por engendrar desta passagem dois princípios, como se Satanás pudesse realizar algo contra a vontade de Deus. Paulo não lhe concede o supremo governo, o qual pertence exclusivamente à vontade de Deus, a não ser que lhe atribui aquela tirania cujo exercício procede da permissão divina. O que é Satanás senão o verdugo de Deus para punir a ingratidão humana? Isso se encontra implícito na linguagem de Paulo, porquanto afirma que ele é poderoso somente em relação aos incrédulos, e assim isenta os filhos de Deus de seu poder destruidor. Se tal coisa procede, então presume-se que Satanás nada pode fazer senão aquilo que lho permite a vontade de um superior, e que ele não é αὐτοκράτωρ.

Não obstante, ao mesmo tempo deduzimos que os ímpios não têm justificativa alguma de que são obrigados por Satanás a cometerem todos os seus crimes. Como concluir que se encontram sujeitos à tirania do diabo, senão pelo fato de serem rebeldes contra Deus? Se ninguém mais é escravo de Satanás senão aqueles que quebram o jugo divino e que se recusam a devotar obediência a Deus, então que se considerem responsáveis por preferirem um senhor tão cruel.

Pela cláusula, **filhos da desobediência**, o apóstolo quer dizer, de acordo com o costume hebreu, *os obstinados*. O incrédulo vive associado com a desobediência; de modo que ela é a fonte e mãe de todos os obstinados.

3. Entre os quais nós também. Para que não parecesse

difamar do caráter anterior dos efésios, ou, como judeu, desprezasse os gentios, o apóstolo associa a si e a sua raça com eles. Isso não é expresso hipocritamente, mas como sincera confissão de gloriar-se em Deus. Todavia, é possível que cause estranheza o admitir ele que andava nas concupiscências da carne, quando em outras ocasiões alega que sua vida fora totalmente irrepreensível. Eis minha resposta: isso aplica-se a todo aquele que não foi ainda regenerado pelo Espírito de Cristo. Por mais que a vida de alguns pareça revestida de excelência, visto que suas luxúrias não se prorrompem aos olhos humanos, não existe nada puro e incorruptível a não ser que emane da fonte de toda pureza.

Agora, pois, é-nos mister observar sua definição de **vivíamos nas concupiscências de nossa carne**, ou seja: obedecendo aos desejos da carne e da mente; ou, em outras palavras: vivendo de acordo com a vontade de nossa natureza e mente. 'Carne', aqui, significa a *disposição* ou o que se denomina a *inclinação da natureza*. Ele adiciona o termo διανοιῶν, aquilo que procede da mente. 'Mente' inclui razão, tal como existe inerentemente no ser humano. 'Concupiscências' não significam só os apetites mais inferiores, ou o que se chama a parte sensual, senão que se estende à totalidade [do ser].

E éramos por natureza filhos da ira. Ele declara a todos os homens, sem exceção, tanto judeus como gentios [como em Gl 2], como sendo culpados até que se vêem livres em Cristo. De modo que fora de Cristo não há justiça alguma, nem salvação e, em suma, nem mérito. Pela expressão 'filhos da ira' compreende-se simplesmente os que são perdidos e merecem a morte eterna. 'Ira' significa o juízo divino; de modo que 'filhos da ira' significa os que estão condenados

diante de Deus. Os tais, Paulo no-lo diz aqui, foram os judeus e tantos quantos se fizeram eminentes na Igreja; eles o foram por natureza, ou seja: desde sua própria origem e desde o ventre materno.

Eis aqui uma passagem notável contra os pelagianos e todos os que negam o pecado original. O que reside inerentemente em todos é certamente original; mas Paulo ensina que somos todos inerentemente passíveis de condenação. Portanto, o pecado habita em nós, visto que Deus não condena o inocente. Os pelagianos sofismam, dizendo que o pecado se propagou, a partir de Adão, a toda a raça humana, não por derivação, mas por imitação. Mas Paulo afirma que nascemos com o pecado, à semelhança das serpentes que produzem sua peçonha desde o ventre. Os demais que negam que isso é realmente pecado não contradizem menos a linguagem de Paulo; porque onde a condenação se faz presente, é porque seguramente presente está o pecado. É contra o pecado que a ira de Deus se dirige, e não contra pessoas inocentes. Nem é de admirar que a depravação que nos é congênita, herdada de nossos pais, seja considerada como pecado diante de Deus; pois enquanto a semente está ainda oculta, ele a percebe e a condena.

Uma pergunta, porém, surge aqui. Por que Paulo sujeita os judeus à ira e maldição [divinas], à semelhança dos demais, quando eram na verdade a semente abençoada? Respondo que possuem uma natureza comum. Os judeus diferem dos gentios unicamente nisto: pela graça da promessa Deus os livrou da destruição; o remédio, porém, era ainda futuro. Ainda outra pergunta: visto que Deus é o Autor da natureza, como é possível que não seja ele responsável, se somos inerentemente perdidos? Respondo que a natureza é dupla: a

primeira foi criada por Deus; a segunda é a corrupção da primeira. A condenação, pois, de que Paulo fala não procede de Deus, e, sim, de uma natureza depravada. Pois agora não nascemos tais como Adão fora inicialmente criado, senão que somos a semente adulterada do homem degenerado e pecaminoso.

[vv. 4-7]

Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em pecados, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus, para que nos séculos vindouros pudesse derramar as supremas riquezas de sua graça em bondade para conosco em Cristo Jesus.

4. Mas Deus, sendo rico em misericórdia. Segue-se agora a segunda causa, cuja substância é: Deus salvou os efésios da destruição à qual se encontravam antes jungidos; mas ele usa termos distintos. "Deus, sendo rico em misericórdia", diz ele, "nos vivificou juntamente com Cristo". O que ele quer dizer é que não há outra vida da alma senão aquela que é bafejada em nós por Cristo; de modo que só começamos a viver quando somos enxertados nele e passamos a desfrutar vida comum com ele. Daqui deduzimos o que ele quis dizer anteriormente pelo termo *morte*. Pois aquela morte e essa ressurreição são opostas uma à outra. Tornarmo-nos participantes da vida do Filho de Deus, de modo a sermos animados pelo mesmo Espírito, o que constitui um benefício incomparável.

Sobre esta base ele louva a misericórdia divina, compreendida por suas riquezas, as quais haviam sido derramadas liberal e excelentemente. Embora aqui ele atribua

toda a nossa salvação à misericórdia divina, um pouco depois a situa mais precisamente no beneplácito divino, ao adicionar que tal coisa foi feita em virtude do imensurável amor de Deus. Pois ele quer dizer que Deus foi movido por essa singular consideração. Justamente como João também afirma: "Não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou primeiro" [1 Jo 4.10,19]. A partícula *ainda* é enfática, como em Romanos 6.

5. Pela graça sois salvos. Não sei se essa cláusula foi inserida por outra mão; mas, como é perfeitamente ajustável ao contexto, sinto-me disposto a considerá-la como provinda da pena de Paulo. Notamos que ele jamais se satisfaz em proclamar as riquezas da graça, e conseqüentemente enfatiza a mesma coisa com variados termos, visando a que tudo em nossa salvação seja atribuído a Deus. E, certamente, aquele que avalia a ingratidão humana não denunciará que este parêntese é supérfluo.

6. E nos fez assentar nos lugares celestiais. O que ele declara da ressurreição e do assentar-se no céu não é ainda contemplado com os olhos. Contudo, como se aquelas bênçãos já se encontrassem em nossa posse, ele conclama que elas nos foram conferidas para que pudéssemos declarar a mudança em nossa condição, ao sermos conduzidos de Adão a Cristo. É como se ele quisesse dizer que fomos transferidos do mais profundo inferno ao próprio céu. Certamente que, embora, com respeito a nós mesmos, nossa salvação esteja ainda oculta na esperança, todavia em Cristo já possuímos a bem-aventurada imortalidade e glória.

Portanto ele acrescenta, **em Cristo**, visto que o que ele fala não se vê ainda nos membros, mas somente na Cabeça; todavia, por causa da união secreta, tal fato pertence

verdadeiramente aos membros. Alguns o traduzem, "através de Cristo"; mas, diante da razão já mencionada, "em Cristo" se adequa melhor ao contexto. E desse fato podemos extrair a mais rica consolação – que de tudo quanto agora nos falta, temos um seguro penhor e primícia na Pessoa de Cristo.

7. Que nos séculos vindouros. Ele reitera a causa final, ou seja: que Deus seja glorificado; e isso para que os efésios pudessem exercitar-se persistentemente nela, e assim sentir-se mais seguros de sua salvação, sabendo que sua causa era a mais justa. Igualmente acrescenta que foi da vontade do Senhor consagrar em todos os tempos a lembrança de tão imensurável munificência. Isso faz ainda mais odioso o ataque desferido por aqueles que combatem a graciosa vocação dos gentios; pois tentavam reprimir imediatamente o que fora posto para ser lembrado através dos séculos. Mas por meio de tal atitude somos admoestados que a misericórdia divina, que aprouve a nosso Pai admitir em seu povo, merece ser mantida em eterna lembrança. A vocação dos gentios é espantosa obra da divina munificência, a qual deve ser mantida dos pais aos filhos, e destes aos netos, para que a mesma jamais seja apagada das mentes dos homens pelo silêncio.

As riquezas de sua graça em bondade. Ele agora demonstra ou confirma, à guisa de repetição, que o amor que Deus nos revela em Cristo emana da misericórdia. Diz ele: "para que pudesse derramar as riquezas de sua graça." Como? "Em bondade para conosco", como a árvore em seus frutos. Portanto, não só assevera ele que o amor divino era gracioso, mas também que Deus exibiu nele as riquezas de sua graça, não de forma ordinária, mas extraordinária.

Deve-se notar, também, que a palavra *Cristo* é reiterada; pois não devemos esperar da parte de Deus nenhuma graça,

nenhum amor, a não ser através da mediação de Cristo.

[vv. 8-10]

Porque pela graça tendes sido salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós, é o dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se vanglorie. Porque somos obra sua, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.

8. Porque pela graça tendes sido salvos. Essa é, por assim dizer, a inferência das afirmações anteriores. Pois ele tratara da eleição e da vocação gratuita, visando a chegar à conclusão de que haviam obtido a salvação unicamente através da fé. Primeiramente, ele assevera que a salvação dos efésios era inteiramente a obra – e obra gratuita – de Deus; eles, porém, alcançaram essa graça por meio da fé. De um lado, devemos olhar para Deus; de outro, para o homem. Deus declara que não nos deve nada; de modo que a salvação não é um galardão ou recompensa, mas simplesmente graça. Ora, pode-se perguntar: como o homem recebe a salvação que lhe é oferecida pelas mãos divinas? Eis minha resposta: pela instrumentalidade da fé. Daí o apóstolo concluir que aqui nada é propriamente nosso. Da parte de Deus é graça somente, e nada trazemos senão a fé, a qual nos despe de todo louvor, então segue-se que a salvação não procede de nós.

Não seria, pois, aconselhável manter silêncio acerca do livre-arbítrio, das boas intenções, das preparações inventadas, dos méritos e das satisfações? Nenhum desses deixa de reivindicar a participação no louvor da salvação do homem; de modo que o louvor devido à graça, no dizer de Paulo, não seria integral. Quando, por parte do homem, é posto exclusivamente na fé como única forma de se receber a

salvação, então o homem rejeita todos os demais meios nos quais o ser humano costuma confiar. A fé, pois, conduz a Deus um homem vazio, para que o mesmo seja plenificado com as bênçãos de Cristo. E assim o apóstolo adiciona: **não vem de vós**; para que, nada reivindicando para si mesmos, reconheçam unicamente a Deus como o Autor de sua salvação.

9. É o dom de Deus. Em vez do que havia dito, que a salvação deles é de graça, ele agora afirma que ela é o dom de Deus. Em vez do que havia dito, "não vem de vós", ele agora diz: **não [vem] de obras**. Daí descobrimos que o apóstolo não deixa ao homem absolutamente nada em sua busca da salvação. Pois nessas três frases o apóstolo envolve a substância de seu longo argumento nas Epístolas aos Romanos e aos Gálatas, ou seja: que a justiça que recebemos procede exclusivamente da misericórdia de Deus, a qual nos é oferecida em Cristo através do evangelho, e a qual é recebida única e exclusivamente por meio da fé, sem a participação do mérito procedente das obras.

À luz desta passagem torna-se fácil refutar os tolos sofismas pelos quais os papistas tentam esquivar-se do argumento. Paulo, nos dizem eles, está falando acerca de cerimônias, ao dizer-nos que somos justificados sem [a participação de] obras [humanas]. Mas é perfeitamente certo que ele aqui não está tratando de algum gênero de obras, senão que rejeita a total justiça do homem, a qual consiste em obras – mais ainda: a totalidade do homem e de tudo o que ele tem de propriamente seu. É mister que observemos o contraste existente entre Deus e o homem, entre graça e obras. Por que, pois, Deus teria que ser contrastado com o homem, se a controvérsia concerne só a cerimônias?

Os papistas são compelidos a reconhecer que Paulo, aqui,

atribui à graça de Deus toda a glória de nossa salvação. Mas a seguir engendram outra idéia, a saber: que isso foi dito em razão de Deus conceder "a primeira graça". Mas são na verdade insensatos ao imaginarem que terão sucesso nessa vereda, visto que Paulo exclui o homem e suas faculdades, não só do ponto de partida na obtenção da salvação, mas [o exclui] totalmente da própria salvação.

Mas são ainda mais imprudentes omitindo a conclusão: **para que ninguém se vanglorie**. Algum espaço deve sempre ser reservado à vanglória humana, contanto que os méritos sejam de alguma valia à parte da graça. A afirmação de Paulo não pode vigorar, a menos que todo o louvor seja dedicado somente a Deus e à sua misericórdia. Comumente, porém, torcem o sentido deste texto e restringem a palavra 'dom' exclusivamente à fé. Mas Paulo não faz outra coisa senão reiterar sua afirmação anterior, usando outros termos. Ele não quer dizer que a fé é o dom de Deus, mas que a salvação nos é comunicada por Deus; ou, que tomamos posse dela mediante o dom divino.

10. *Porque somos obra sua*. Ao excluir o contrário, o apóstolo prova o que diz, ou seja, que somos salvos pela graça, dizendo que nenhuma obra nos é de alguma utilidade para merecermos a salvação, porque todas as boas obras que porventura possuímos são os frutos da regeneração. Daí, segue-se que as próprias obras são uma parte da graça. Ao dizer que somos obra de Deus, sua intenção não é considerar a criação em geral, por meio da qual as pessoas nascem, senão que assevera que somos novas criaturas, as quais são formadas para a justiça pelo poder do Espírito de Cristo, e não pelo nosso próprio. Isso se aplica somente no tocante aos crentes, os quais, ainda que nascidos de Adão, ímpios e perversos,

são espiritualmente regenerados pela graça de Cristo, e então começam a ser um novo homem. Portanto, tudo quanto em nós é porventura bom, provém da obra supernatural de Deus. E segue-se uma explicação; pois ele adiciona que somos obra de Deus em razão de sermos criados, não em Adão, mas em Cristo, e não para qualquer tipo de vida, mas para as boas obras.

E agora, o que fica para o livre-arbítrio, se todas as boas obras que de nós procedem foram comunicadas pelo Espírito de Deus? Que os leitores piedosos avaliem prudentemente as palavras do apóstolo. Ele não diz que somos assistidos por Deus. Ele não diz que a vontade é preparada e que, então, age por sua própria virtude. Ele não diz que o poder de escolher corretamente nos é conferido e que temos, a seguir, de fazer nossa própria escolha. Esse é o procedimento daqueles que tentam enfraquecer a graça de Deus (até onde podem), os quais estão habituados a sofismar. Mas o apóstolo diz que somos obra de Deus, e que tudo quanto de bom exista em nós é criação dele. O que ele pretende dizer é que o homem como um todo, para ser bom, tem de ser moldado pelas mãos divinas. Não a mera virtude de escolher corretamente, nem alguma preparação indefinida, nem assistência, mas é a própria vontade que é feitura divina. De outro modo, o argumento de Paulo seria sem sentido. Ele tenciona provar que o homem de forma alguma busca a salvação por sua própria iniciativa, mas que a adquire gratuitamente da parte de Deus. A prova consiste em que o homem nada é senão pela graça divina. Quem quer, pois, que apresente a mais leve reivindicação em favor do homem, excluindo a graça de Deus, lhe atribui a habilidade de obter a salvação.

Criados para boas obras. Os sofistas, desviando-se do pensamento de Paulo, torcem este texto com o propósito de injuriar a justiça [procedente] da fé. Envergonhados de negar honestamente que somos justificados pela fé e cônscios de que fariam isso em vão, buscam guarida no seguinte gênero de subterfúgio: Somos justificados mediante a fé, porque a fé pela qual recebemos a graça de Deus é o ponto de partida da justiça; mas nos tornamos justos por meio da regeneração, porque, sendo renovados pelo Espírito de Cristo, andamos em boas obras. E assim fazem da fé a porta pela qual nos introduzimos na justiça, mas acreditam que a obtemos por meio das obras; ou, ao menos, definem justiça como sendo retidão, quando alguém é reformado para uma vida boa. Não me preocupa quão antigo esse erro venha ser; o fato é que o erro deles consiste em buscar neste texto apoio para tal conceito.

É mister que descubramos o propósito do apóstolo. Sua intenção é mostrar que nada levamos a Deus pelo quê ele fique endividado em relação a nós; mostra ainda que até mesmo as boas obras que praticamos procedem dele. Daí, segue-se que nada somos, senão por sua graciosa liberalidade. Ora, quando esses sofistas inferem que somos meio justificados através das obras, o que tem isso a ver com a intenção de Paulo ou com o tema que ora desenvolve? Uma coisa é discutir em que consiste a justiça, e outra é estudar a doutrina que não procede de nós mesmos, com o argumento de que nas boas obras não há nada procedente de nós, salvo o fato de que fomos moldados pelo Espírito de Deus para tudo o que é bom, e isso através da graça de Cristo. Quando Paulo define a causa da justiça, ele insiste principalmente neste ponto: que nossas consciências jamais desfrutarão de paz até

que descansemos no perdão de nossos pecados. Mas aqui ele não trata de nada desse gênero. Todo o seu objetivo é provar que somos o que somos unicamente pela graça de Deus.

As quais Deus de antemão preparou. Isto não se aplica ao ensino da lei, como o fazem os pelagianos, como se Paulo quisesse dizer que Deus ordena o que é justo e delineia uma regra apropriada de vida. Ao contrário, ele enfatiza o que começara a ensinar, ou seja, que a salvação não procede de nós mesmos. Diz ele que, antes que nascêssemos, as boas obras haviam sido preparadas por Deus; significando que por nossas próprias forças não somos capazes de viver uma vida santa, mas só até ao ponto em que somos adaptados e moldados pelas mãos divinas. Ora, se a graça de Deus nos antecipou, então toda e qualquer base para vanglória ficou eliminada. Observemos criteriosamente o termo 'preparou'. O apóstolo mostra, à luz da própria seqüência, que, com respeito às boas obras, Deus não nos deve absolutamente nada. Como assim? Porque elas foram extraídas dos tesouros divinos, nos quais haviam sido antes geradas; pois a quem ele chamou, também justifica e regenera.

[vv. 11-13]

Portanto, lembrai-vos que outrora vós, gentios na carne, chamados incircuncisão pelos que na carne se intitulam circuncisão, feita por mãos humanas, estáveis naquele tempo sem Cristo, alienados da comunidade de Israel, e estranhos aos objetos da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo. Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto.

11. Portanto, lembrai-vos. O apóstolo sempre busca chegar ao princípio básico, caracterizá-lo bem e enfatizá-lo

com mais vigor. Ele novamente chama a atenção dos efésios para que se lembrassem como sua vocação fora antes. Essa consideração foi suficiente para que descobrissem que não lhes ficava razão alguma para orgulho. Ele, subseqüentemente, realça o *método* da reconciliação, a saber: que, satisfeitos unicamente com Cristo, não viessem a supor que necessitariam de outros auxílios. A primeira cláusula pode ser assim sumariada: "Lembrai-vos que, quando vivíeis incircuncisos, éreis estranhos a Cristo, alheios à esperança de salvação, excluídos da Igreja e do reino de Deus; de modo que não desfrutáveis de nenhum relacionamento com Deus." E a segunda: "Mas agora, enxertados em Cristo, sois ao mesmo tempo reconciliados com Deus." Já dissera acima o que está implícito e que efeito a lembrança disso produziria em suas mentes.

Gentios na carne. Primeiramente, recorda-lhes que careciam daquelas marcas que distinguem o povo de Deus. Pois a circuncisão era um símbolo externo pelo qual o povo de Deus era marcado e distinguido dos demais, enquanto que a incircuncisão era a marca [registrada] de um homem profano. Portanto, visto que Deus geralmente associa sua graça com os sacramentos, o apóstolo deduz de sua carência dos sacramentos que também não eram participantes da graça. O argumento, naturalmente, nem sempre é procedente, embora ele encerre a dispensação ordinária de Deus. Daí o texto: Adão foi lançado fora do jardim para que não tomasse do fruto da árvore da vida, comesse dele e vivesse [Gn 3.22-24]. Se houvera comido toda a árvore, mesmo assim não haveria, por meramente comê-la, recobrado a vida. Ao afastar o sinal, porém, o Senhor afastou também o próprio elemento. E assim Paulo realçou a incircuncisão aos efésios como um sinal de corrupção. Ele lhes arrebata o símbolo de

santificação, e assim os priva também da coisa significada.

Engana-se, pois, todo aquele que conclui que tudo isso é expresso com o fim de manifestar desdém pela circuncisão externa. Ao mesmo tempo, reconheço que a frase qualificativa, **na carne... feita por mãos [humanas],** realça uma dupla circuncisão, como se quisesse moderar a glória dos judeus, os quais se vangloriavam futilmente na circuncisão literal, bem como para livrar os efésios de todos os escrúpulos sobre seu próprio valor, visto que eram cônscios de que possuíam a coisa principal – não só isso, mas possuíam toda a verdade ou essência do sinal externo. Ele o intitula de "incircuncisão na carne", visto que exibiam em seu corpo o sinal de sua poluição; ao mesmo tempo, porém, o apóstolo insinua que sua incircuncisão não mais era uma desvantagem, porquanto haviam sido circuncidados espiritualmente por Cristo.

Isso pode ser lido junto: "na carne feito por mãos", ou separado, de modo que ele o intitule de *carnal*, e em seguida *feito por mãos humanas*. Além do mais, ele contrasta esse gênero de circuncisão com a do Espírito, a qual é feita no coração, também intutilada de "a circuncisão de Cristo", em Colossenses 2.11.

Pelos que se intitulam. O termo 'circuncisão' pode ser considerado, aqui, ou como um substantivo coletivo para os próprios judeus, ou literalmente, significando a coisa em si mesma; e então o significado seria o seguinte: foram intitulados incircuncisão pelo fato de lhes faltar o símbolo sacro, ou seja, à guisa de distinção. Este último sentido é sancionado pela frase qualificativa; mas a substância do argumento é pouco afetada.

12. Naquele tempo estáveis separados de Cristo. O apóstolo agora declara que os efésios viviam alienados, não só dos símbolos externos, mas de tudo quanto se fazia necessário à salvação e à felicidade dos homens. Visto, porém, que Cristo é o fundamento de todas as promessas e da esperança, então afirma, primeiramente, que viviam separados dele. Mas, para aquele que não tem Cristo, nada resta senão destruição. Pois a comunidade de Israel fora fundada sobre Cristo. E em quem mais senão nele pode o povo de Deus ser reunido para formar a unidade de um corpo santo?

O mesmo pode-se dizer também de **os objetos da promessa**. De uma grande promessa dependem todas as demais; e sem aquela as outras se tornariam vazias: "Em tua descendência serão abençoadas todas as nações" [Gn 22.18]. Daí o texto: "Pois, tantas quantas forem as promessas de Deus, nele está o sim" [2 Co 1.20]. Elimine-se o pacto da salvação, e não restará esperança alguma. Traduzi διαθήκας, aqui, por os *objetos*, os quais são comumente chamados *instrumentos*. Porque Deus fez seu pacto com Abraão e sua posteridade, através de rito solene, para que fosse seu Deus para sempre. Os instrumentos desse pacto foram confirmados pelas mãos de Moisés e confiados, como sendo um tesouro peculiar, ao povo de Israel, porquanto não pertenciam aos gentios.

E sem Deus no mundo. Entretanto, nem os efésios, nem quaisquer outros gentios, estiveram sempre e completamente destituídos de toda a religião. A razão, pois, pela qual o apóstolo os chama ἄθεοι é porque ἄθεος, estritamente falando, consiste em alguém que não possui qualquer percepção da divindade e ridiculariza qualquer conceito do divino. Certamente, não costumamos denominar pessoas

supersticiosas de ἄθεοι, senão aqueles que não se deixam tocar por nenhuma sensibilidade ou religião; aliás, na verdade desejam vê-la completamente obliterada. Ao meu ver, Paulo se expressou corretamente, porquanto considerou todas as noções acerca dos falsos deuses como sendo absolutamente nada. E deveras todos os ídolos devem transformar-se em nulidade, visto que não representam nada no seio dos piedosos. Aqueles que não cultuam o verdadeiro Deus, por mais que multipliquem as modalidades de seus cultos, por mais que os ataviem com toda sorte de cerimônias, continuarão sem Deus! Porquanto adoram o que não conhecem. Portanto, observemos cuidadosamente que os efésios não são acusados de ἀθεϊσμός, como Diágoras e outros, os quais foram estigmatizados com esse reproche. Acusados desse crime foram aqueles que atribuíam a si próprios a alcunha de religiosos, visto que um ídolo é uma ficção e uma fraude, não a Deidade.

Do que ficou dito até aqui, a conclusão será facilmente formulada, ou seja: que fora de Cristo nada existe senão ídolos. Pois ele agora separa de Deus aqueles a quem havia a princípio declarado estar sem Cristo; e assim é, no dizer de João: "Todo aquele que vai além do ensino de Cristo, e não permanece nele, não tem a Deus" [2 Jo 9]. Portanto, saibamos nós que todos quantos não se conservam nesse caminho se afastam do verdadeiro Deus. Mas é possível que alguém pergunte: "Deus nunca se revelou a alguns dentre os gentios?" Eis minha resposta: fora de Cristo nunca houve manifestação divina entre os gentios, assim como também nunca houve entre os judeus. Pois ele não disse a uma só geração ou a uma só nação: "Eu sou o caminho"; senão que declara que somente através dele é que todos se chegam ao Pai [Jo 14.6].

13. Mas agora em Cristo Jesus. Ou enxertamos o verbo, e o sentido fica assim: "agora que já fomos recebidos em Cristo Jesus", ou o conectamos com a frase que vem a seguir: "através do sangue de Cristo", o que fará a exposição ainda mais clara. Em ambos os casos, o significado consiste em que os efésios, quando ainda viviam longe de Deus e da salvação, foram reconciliados com Deus por intermédio de Cristo, de modo que, em seu sangue, se aproximaram dele. Porque o sangue de Cristo eliminou a inimizade que havia entre eles e Deus, e de inimigos foram transformados em filhos [de Deus].

[vv. 14-16]

Porque ele é a nossa paz, que de ambos fez um; e, quebrando a parede divisória que jazia no meio, em sua carne desfez a inimizade e aboliu a lei de mandamentos que constava de ordenanças, para criar em si mesmo, dos dois, um novo homem, assim fazendo a paz; e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um só corpo, tendo por meio dela matado a inimizade.

O apóstolo agora estende aos judeus a bênção da reconciliação, e declara que todos se encontram unidos a Deus através de um único Cristo. E assim ele refuta a falsa confiança dos judeus que, desprezando a graça de Cristo, se vangloriavam de ser o povo santo de Deus e a herança eleita. Pois se Cristo é a nossa paz, segue-se que todos quantos se acham fora dele permanecem em estado de inimizade com Deus. Eis um belo título de Cristo: *a Paz entre Deus e os homens*. Que nenhum de nós alimente dúvida de que Deus lhe é propício, caso permaneça em Cristo.

Ele diz, especialmente: **que de ambos fez um**. Tal distinção era indispensável. Imaginavam que toda comunicação com

os gentios era inconsistente com sua superioridade. Com o fim de abater seu orgulho, o apóstolo declara que tanto eles quanto os gentios haviam sido unidos em um só corpo. Enfeixando todas essas coisas, o leitor poderá construir o seguinte silogismo:

> Se porventura os judeus desejam ter paz com Deus, então deverão ter a Cristo como seu Mediador.
>
> Mas Cristo não será sua paz de qualquer outra forma senão fazendo deles e dos gentios um só corpo.
>
> Portanto, a menos que os judeus admitam os gentios à comunhão, não terão nenhuma relação com Deus.

Quebrando a parede divisória que jazia no meio. Para entendermos esta cláusula, temos que observar duas coisas. Primeiramente, os judeus viveram por algum tempo separados dos gentios por determinação divina; em segundo lugar, as cerimônias, como símbolos públicos, testificavam dessa separação. Passando por alto os gentios, Deus escolheu para si um povo específico. Uma notável distinção foi então feita, visto que os judeus eram os membros da Igreja, enquanto que os demais eram estrangeiros em relação à Igreja. Isso foi o que Moisés disse em seu cântico: "Quando o Altíssimo dava às nações a sua herança, quando separava os filhos dos homens, estabeleceu os termos dos povos conforme o número dos filhos de Israel. Porque a porção do Senhor é o seu povo; Jacó é a parte de sua herança" [Dt 32.8-9]. E assim o leitor poderá notar que os limites foram fixados por Deus para separar um povo do restante; e desse fato suscitou a inimizade que Paulo menciona aqui. Quando os gentios foram rejeitados e Deus escolheu somente os judeus e os santificou, isentando-os da comum corrupção da

humanidade, uma segregação irrompeu-se entre eles. As cerimônias foram subseqüentemente adicionadas, as quais, como muros, circundaram a herança divina para que não fosse aberta a todos ou se confundisse com outras possessões; e assim os gentios se viram excluídos do reino de Deus.

Mas agora, diz o apóstolo, a inimizade é removida e o muro, derrubado. Ao estender a bênção da adoção para além dos limites da Judéia, Cristo então transformou a todos nós em irmãos. E assim se cumpre a profecia: "José habitará nas tendas de Sem" [Gn 9.27]. Agora, as palavras de Paulo se tornam claras. O muro divisório impedia Cristo de reunir judeus e gentios. Por isso, ele derrubou o muro. A razão pela qual foi ele derrubado é então acrescida: para abolir a inimizade por intermédio da carne de Cristo. O Filho de Deus, ao assumir a natureza comum a todos, sagrou em seu próprio Corpo uma unidade perfeita.

A lei de mandamentos que constava de ordenanças. Ele agora expressa com mais clareza o que havia metaforicamente compreendido pelo termo 'parede' [ou 'muro'], dizendo que as cerimônias, pelas quais a distinção fora declarada, haviam sido abolidas através de Cristo. Pois o que era circuncisão, sacrifícios, oblações e abstenção de certos tipos de alimentos, senão símbolos de santificação, lembrando os judeus de que sua sorte era diferente da sorte dos demais, assim como hoje a cruz branca e a cruz vermelha distinguem os franceses dos burgúndios? Paulo quer dizer não só que os gentios são igualmente admitidos à comunhão da graça, de modo que não mais diferem dos judeus, mas também que o sinal de diferença foi removido; pois as cerimônias haviam sido abolidas. E assim, como duas nações divergentes eram trazidas sob o domínio de um só príncipe,

o apóstolo não só deseja que vivessem em harmonia, mas que devessem também remover os emblemas e marcas de sua anterior inimizade. Ou quando um penhor é resgatado, a promissória é rasgada – metáfora que Paulo emprega sobre esse mesmo tema em Colossenses 2.14.

Alguns conectam a frase, em *ordenanças*, com *aboliu*; todavia se equivocam. Esse é seu modo como geralmente fala da lei cerimonial, na qual o Senhor não só junge os judeus a uma simples norma de vida, mas também os obriga por diversos estatutos. À luz desse fato podemos inferir que Paulo está aqui tratando exclusivamente da lei cerimonial; pois a lei moral não é um muro divisório a separar-nos dos judeus, senão que inclui o ensino que tem a ver conosco não menos que com os judeus. A partir desta passagem podemos refutar o erro de alguns que dizem que a circuncisão, bem como todos os ritos antigos, embora não obriguem os gentios, ainda permanecem hoje em vigor para os judeus. À base desse princípio, ainda haveria um muro divisório nos intermediando, coisa que facilmente se prova ser falsa.

Para criar em si mesmo. Ao dizer, em si mesmo, o apóstolo desvia a atenção dos efésios da diversidade dos homens, para que não buscassem a unidade em outra parte que não fosse em Cristo. Por mais que ambos diferissem em sua condição anterior, em Cristo se tornam um só homem. E não é sem razão que ele adiciona: **em um novo homem**. Sua intenção (o que ele ensina mais plenamente alhures [vejam-se 1 Co 7.19; Gl 5.6; 6.15]) é que em Cristo nem a circuncisão nem a incircuncisão tem algum valor, aliás nada do que é externo é de algum valor, senão que, ser uma nova criatura, mantém o primeiro e o último lugar. Portanto, há uma só regeneração espiritual que nos une. Se, pois, todos nós somos

renovados por Cristo, então que os judeus parem de congratular-se consigo mesmos sobre suas condições antigas; e que eles, tanto para si mesmos como para os outros, admitam que Cristo está presente em todos (como afirma em Ef 1.23).

16. Reconciliar ambos com Deus. O apóstolo assevera que somos não só mutuamente pacificados, mas que também passamos a desfrutar do favor divino. O que significa que os judeus não têm menos necessidade de um Mediador do que os gentios. Sem esse fator, nem a lei, nem as cerimônias, nem ser descendente de Abraão, nem todas as vantagens das quais desfrutavam eram de algum valor. Todos nós somos pecadores, e o perdão dos pecados só pode ser alcançado através da graça mediadora de Cristo.

Ele repete: **em um só corpo**, visando a ensinar aos judeus que o cultivo da unidade com os gentios é algo que se faz agradável a Deus.

Pela cruz. O vocábulo *cruz* é acrescentado para denotar o sacrifício expiatório. O pecado é a causa da inimizade entre Deus e nós; e até que ele seja abolido, nunca desfrutaremos do favor divino. Mas ele foi apagado pela morte de Cristo, na qual se ofereceu ao Pai como Vítima expiatória. Aliás, não há outra razão por que mencionar a cruz aqui, pois é através dela que todas as cerimônias foram abolidas.

Por conseguinte, segue-se: **tendo por meio dela matado a inimizade**, sendo esta, indubitavelmente, uma referência à cruz. Todavia, a frase pode admitir um de dois sentidos: ou que Cristo, por sua morte, reconciliou o Pai conosco e destruiu sua ira; ou que, ao redimir a ambos, judeus e gentios, ele os introduziu em um só rebanho. O último me parece ser

o mais provável, o qual concorda com a cláusula anterior – "abolindo em sua carne a inimizade".

[vv. 17-22]

E ele veio e anunciou paz a vós que estáveis longe, e paz aos que estavam perto. Porque através dele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito. Assim, pois, não sois mais estranhos nem estrangeiros, e, sim, concidadãos dos santos e membros da família de Deus, sendo edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo o próprio Cristo a principal pedra angular, em quem todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, em quem também vós sois juntamente edificados para habitação de Deus no Espírito.

Tudo quando ele ensinara sobre a reconciliação realizada por Cristo não teria sido de nenhuma valia, se porventura não fora proclamado através do evangelho. E assim, ele acrescenta que o fruto dessa paz estava sendo agora oferecido tanto a judeus como a gentios. Daí segue-se que Cristo veio para salvar igualmente a gentios e a judeus. Pois a proclamação do evangelho, que está destinada a ambos, indiscriminadamente, é um inabalável testemunho desse fato. A mesma ordem é seguida em 2 Coríntios: "Àquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós" [5.21]. E então: "Ele nos confiou o ministério da reconciliação. De sorte que somos embaixadores por Cristo" [5.19-20]. Primeiramente, ele declara que a *causa* da salvação se radica na morte de Cristo. E então ele descreve a maneira na qual Cristo nos comunica tanto ele mesmo como os benefícios de sua morte. Mas aqui Paulo insiste principalmente na circunstância em que os gentios se unem aos judeus no reino de Deus. Tendo retratado Cristo como comum a ambos, o apóstolo agora os faz

associados no evangelho, significando que, embora [os judeus] possuíssem a lei, dependiam igualmente do evangelho; e que Deus havia derramado sobre os gentios a mesma graça. Portanto, aqueles a quem Deus igualmente unira numa mesma participação da graça, então que o homem não tentasse separar. Os termos 'longe' e 'perto' não se referem a distância geográfica. Os judeus, por razões do pacto, foram aproximados de Deus; os gentios, que foram banidos do reino de Deus, no sentido em que não participavam de nenhuma promessa de salvação, foram distanciados.

17. E anunciou paz. Não necessariamente através de seus próprios lábios, mas através dos lábios dos apóstolos. Era indispensável que Cristo primeiro ressuscitasse dentre os mortos para depois chamar os gentios à comunhão da graça. Daí a declaração de Jesus: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" [Mt 15.24]. Ele proibira os apóstolos de levarem sua mensagem primeiro aos gentios, enquanto estivesse ainda no mundo [Mt 10.5]. Portanto, ele proclamou o evangelho aos gentios pela instrumentalidade dos apóstolos, como por meio de trombetas. O que fizeram, não só em seu nome e em obediência à sua ordem, mas como que pessoalmente em sua própria pessoa, lhe é fidedignamente atribuído com exclusividade. Nós também falamos como se Cristo mesmo exortasse os ouvintes por nosso intermédio. A fé procedente do evangelho seria deveras frágil, se fôssemos nós olhar somente para os homens. Toda a sua autoridade procede de reconhecermos que os homens são meros instrumentos de Deus e de ouvirmos Cristo nos falando por meio de lábios humanos. Observemos igualmente que o evangelho é a mensagem de paz, por meio do qual Deus se nos declara favorável e nos proclama seu paternal amor.

Retire-se o evangelho, e a guerra e a inimizade permanecerão entre Deus e os homens; e, em contrapartida, o efeito inevitável e normal do evangelho consiste em comunicar paz e tranqüilidade à consciência, a qual, de outra forma, seria atormentada por danosa inquietude.

18. Porque através dele ambos temos acesso. Este é um argumento com base no efeito; uma declaração de paz cujo acesso a Deus nos é aberto. Pois os ímpios, embalados em profundo sono, amiúde se enganam por uma falsa noção de paz, e que só podem desfrutar de descanso mediante o esquecimento do juízo divino e mantendo entre si e Deus a maior distância possível. Portanto, Paulo tinha boas razões para adicionar esta definição de paz evangélica, para que soubéssemos que ela não subjaz numa consciência entorpecida, numa falsa confiança, numa ostentosa vanglória, na ignorância de nossa própria miséria; e, sim, numa radiante tranqüilidade que anseia pela visão de Deus como a coisa mais desejável do que temível. Ora, é Cristo quem nos abre a porta; aliás, ele mesmo é a porta. Além do mais, como essa porta possui duas folhas, e que se abre de par em par tanto a judeus quanto a gentios, segue-se que Deus se encontra aberto para revelar a ambos seu amor paternal.

E acrescenta: **em um mesmo Espírito**, por cuja direção e orientação achegamo-nos a Cristo, e por meio de quem clamamos: "Aba, Pai"; porque é daqui que emana aquela ousadia que nos leva ao acesso. Os judeus possuíam vários meios de aproximação de Deus; agora todos possuem apenas um meio, a saber: deixando-se governar pelo Espírito de Deus.

19. Assim, pois, não somos mais estranhos. Ele faz alusão à sua afirmação anterior, ou seja: que os efésios,

anteriormente, eram estranhos ao pacto. Pois agora ele se dirige a eles só. Portanto, é como se quisesse dizer-lhes: "Vossa condição foi invertida: em vez de continuardes estrangeiros, Deus converteu-vos em cidadãos de sua Igreja." E assim o apóstolo enaltece com variados termos a honra que Deus lhes concedera. Ele os intitula, primeiramente, de **concidadãos dos santos**; em seguida, de **família de Deus**; e, finalmente, pedras propriamente ajustadas na construção do templo de Deus. O primeiro título é extraído da comparação que ele faz da Igreja com uma nação, o que ocorre mui freqüentemente na Escritura. Constitui-se uma grande honra o fato de que os que outrora eram profanos e indignos se convertem em companheiros dos santos; que agora possuem os mesmos direitos de cidadania juntamente com Abraão, com todos os santos patriarcas e profetas e reis; não apenas isso, mas também com os próprios anjos. O segundo, todavia, não é de menos importância, a saber: que Deus os admitiu em sua própria família. Pois a Igreja é a *Casa de Deus*.

20. Sendo edificados. A terceira honra expressa a maneira na qual os efésios e todos os demais se tornaram a família de Deus e concidadãos dos santos. Isto é, se porventura se encontram fundados na doutrina dos apóstolos e profetas. Somos assim capacitados a distinguir entre a genuína e a falsa Igreja. Isso é de primeira necessidade. Pois nenhuma imaginação é mais ameaçadora e nenhum deslize mais facilmente sujeito. Dificilmente algumas igrejas se blasonem em mais alto som de seu nome do que aquelas que portam um título falso e fútil, como é possível vermos em nossa própria época. Para proteger-nos contra os erros, Paulo põe em relevo a marca de uma Igreja genuína.

Fundamento, aqui, inquestionavelmente é uma referência à doutrina; porquanto o apóstolo não faz menção de patriarcas nem de reis piedosos, senão somente daqueles que conservam o ofício de ensinar e a quem Deus designou para edificar sua Igreja. E assim Paulo ensina que a fé da Igreja deve estar fundamentada nessa doutrina. O que, pois, pensar daqueles que descansam inteiramente nas invenções humanas, e ainda nos acusam de deserção em virtude de abraçarmos a perfeita doutrina de Deus? Deve-se notar, porém, a maneira como a mesma se encontra fundamentada; pois, estritamente falando, Cristo é o único fundamento, visto que unicamente ele sustenta toda a Igreja. Unicamente ele é a regra e o emblema da fé. Em Cristo, porém, a Igreja se encontra fundamentada pela ministração da doutrina. É por isso que os profetas e apóstolos são tidos na conta de *arquitetos*. Portanto, é como se Paulo dissesse que os profetas e apóstolos nunca intentaram nada senão fundar a Igreja sobre Cristo mesmo.

Descobriremos ser isso um fato incontestável, começando por Moisés. Porquanto Cristo é o fim da lei e a suma do evangelho. Lembremo-nos, pois: se quisermos ser reconhecidos entre os crentes, que não repousemos em nada mais senão neste fato: se quisermos ter bom progresso nas Escrituras, então que tudo seja direcionado para Cristo. Somos igualmente ensinados a buscar a Palavra de Deus unicamente nos profetas e apóstolos. Para que aprendêssemos como associá-los, o apóstolo mostra que eles viveram de mútuo acordo, visto que possuíam um mesmo fundamento e laboraram juntos na construção do santuário de Deus. Pois o ensino dos profetas não se tornou supérfluo, visto que temos os apóstolos como mestres; mas ambos realizaram uma só e mesma obra.

Afirmo que, da mesma forma que os marcionitas dos tempos antigos eliminaram a palavra 'profetas' desta passagem, também hoje há fanáticos que se nutrem do espírito marcionita. Protestam dizendo que a lei e os profetas não têm nada a ver conosco, visto que o evangelho pôs fim a todos eles. O Espírito Santo declara alhures que Deus, então, nos falou pelos lábios dos profetas e que quer ser ouvido nos escritos deles. Não é algo de pouca importância mantermos a autoridade de nossa fé observando que todos os servos, desde o primeiro até ao último, estão perfeitamente de acordo em que sua harmonia por si mesma claramente demonstra que é o mesmo e único Deus quem fala em todos eles. O princípio de nossa religião tem de ser buscado a partir da criação do mundo. É em vão que os papistas, os turcos, bem como outras seitas, se deleitam em sua antigüidade, pois tal coisa não passa de um produto degenerado da religião genuína e pura.

Sendo o próprio Cristo a principal pedra angular. Aqueles que transferem esta honra para Pedro, e defendem a tese de que a Igreja se encontra fundada sobre ele, são tanto impudicos quanto irresponsáveis em perverter este texto com o fim de apoiar seu erro. Objetam que Cristo é chamado a *principal pedra* angular em comparação com outras, e que há muitas outras pedras sobre as quais a Igreja está apoiada. A solução, porém, é simples. Os apóstolos usam várias metáforas segundo as circunstâncias, não obstante com o mesmo significado. O fator constante é que não se pode lançar nenhum outro fundamento. Portanto, ele aqui não quer dizer que Cristo é meramente uma pedra ou uma parte do fundamento; do contrário ele estaria se contradizendo. O que ele pretende, então? Ora, o que ele quer é reunir judeus e

gentios num só edifício de caráter espiritual. Eram antes como que separados por dois muros; mas ele põe Cristo bem no ângulo para fazer a junção dos dois; e isso é o que a metáfora significa.

Imediatamente após, ele declara satisfatoriamente que longe está de pretender limitar a Cristo a qualquer uma das partes do edifício, quando diz: **em quem todo o edifício, bem ajustado, cresce**. Se isso for procedente, o que, pois, se fará de Pedro? Quando Paulo, para os coríntios, o chama de *Fundamento*, ele não pretende dizer que a Igreja foi iniciada por ele e completada por outros; senão que simplesmente faz tal distinção visando a comparar seus próprios labores com os de outros homens. Sua parte fora fundar a Igreja em Corinto e deixar aos seus sucessores o término da construção.

No que concerne à presente passagem, o apóstolo ensina que todos quantos se encontram juntamente construídos em Cristo são santuários de Deus. Requer-se primeiramente uma adequação mútua, para que os crentes possam compreender e acomodar-se uns aos outros por mútua comunicação; de outra forma não seriam eles um edifício, e, sim, uma massa disforme. A principal simetria consiste na unidade da fé. Em seguida vem o progresso ou desenvolvimento. Aqueles que não são suficientemente unidos na fé e no amor, progredindo em Cristo, formam um edifício profano, o qual nada tem em comum com o santuário de Deus.

Cresce para templo santo. Em outra parte, os crentes, individualmente, são chamados *templos*, mas aqui diz-se que o templo de Deus consiste de todos eles. Ambas as afirmações são corretas e apropriadas. Pois Deus de tal forma habita em cada um de nós, que deseja que todos sejamos

envolvidos numa unidade santa, e que assim ele, de muitos, forma um só. Portanto, aquele que por si mesmo é um templo, quando unido a outros, é uma pedra de um templo. E isso é assim expresso com o propósito de enaltecer a unidade.

22. Em quem também vós sois juntamente edificados. A terminação grega, bem como a do latim [=*coedificamini*], é ambígua. Pois ambos, o modo imperativo e o indicativo, se adequam, e o contexto permitirá um e outro. Quanto a mim, porém, prefiro o imperativo. Temos aqui, creio eu, uma exortação dirigida aos efésios a que cresçam mais e mais na fé em Cristo, depois de terem sido uma vez fundados nela, e assim poderem ser uma parte daquele novo santuário que, através do evangelho, estava então sendo edificado por Deus por toda parte do mundo.

O apóstolo reitera a palavra *Espírito*, por duas razões. Primeiramente, para lembrá-los de que todas as faculdades humanas são de nenhuma valia sem a operação do Espírito; e, em segundo lugar, para contrastar o modo espiritual com todos os meios externos dos judeus.

Capítulo 3

[vv. 1-6]

Por essa razão eu, Paulo, o prisioneiro de Jesus Cristo, um embaixador para vós, gentios, se é que tendes ouvido acerca da dispensação da graça de Deus, que para vós me foi dada; como pela revelação me foi feito conhecido o mistério, como escrevi um pouco antes; pelo que, quando lerdes, podereis entender meu discernimento do mistério de Cristo, o qual em outras épocas não foi manifestado aos filhos dos homens, como se revelou agora a seus apóstolos e profetas pelo Espírito; a saber, que os gentios são co-herdeiros e membros do mesmo corpo e co-participantes de sua promessa em Cristo por meio do evangelho.

1. Por essa razão. A prisão de Paulo, que deve ter contribuído para confirmar seu apostolado, foi indubitavelmente uma representação de suas adversidades desfavoráveis. Ele, pois, põe em realce diante dos efésios que suas cadeias comprovaram e realçaram sua vocação. Porque a única razão que ocasionou sua prisão foi a proclamação do evangelho feita por ele aos gentios. Sua sólida e inabalável firmeza não foi uma confirmação pouco

relevante aos olhos dos gentios do fato de que se desincumbira de seu ofício com integridade.

A fim de tornar sua autoridade ainda mais consistente, o apóstolo fala com orgulho de sua prisão, e diz: **eu sou um embaixador**. Aos olhos do mundo e dos ímpios, tal declaração não passava de uma rematada tolice; mas, para os santos, ela era dignificante e fiel. Pois a glória de Cristo não só oblitera a ignomínia das cadeias, mas também converte o que fora um opróbrio na mais magnificente glória. Se o apóstolo houvera simplesmente dito: "Eu sou um prisioneiro", isso não haveria comunicado a idéia de ser um embaixador. Aprisionamento não tem como reivindicar tal honra, sendo, antes, a marca da perversidade e do crime. As cadeias, porém, de um prisioneiro de Jesus Cristo excede infinitamente à honra de coroas e cetros reais, e isso sem dizer das insígnias de um embaixador. Não que isso seja assim aos olhos humanos, senão que é nossa tarefa decidir a circunstância real. O nome de Cristo deve ser honrado por nós de uma forma tão sublime que aquilo que os homens consideram como sendo o mais tremendo opróbrio, para nós deve ser tido na conta da mais elevada honra.

Paulo põe em relevo suas perseguições diante dos efésios, dizendo que elas haviam sido suportadas em favor dos gentios. Provavelmente fora em extremo comovente para eles ouvirem que foi por sua causa que o apóstolo enfrentava lutas e perigos.

2. Se é que tendes ouvido. É provável que, enquanto Paulo permanecia em Éfeso, nada dissera no tocante a esses temas, visto que não havia necessidade de o assim fazer. Pois nenhuma controvérsia se irrompera entre eles com referência à vocação dos gentios. Pois se os houvera mencionado antes,

então teria aqui lembrado os efésios acerca deles, em vez de simplesmente fazer referência, como agora faz, às notícias comuns e à sua própria Epístola. Ele não suscitava controvérsias desnecessárias de seu próprio arbítrio. Ele só saía em defesa de seu ministério, quando a perversidade de seus adversários o tornava necessário. **Dispensação**, aqui, é usada para uma ordem ou mandamento divino, ou comissão, como é geralmente chamada.

3. Como pela revelação. Para que não parecesse que em seu apostolado agira temerariamente, e ter que pagar a penalidade de sua temeridade, ele insiste energicamente que Deus era o Autor de suas ações; e visto que, em virtude de sua novidade, ele contava com poucos defensores, o apóstolo o chama **um mistério**. Com esse designativo, ele remove a aversão que as ações divinas poderiam suscitar. Ele não estava tão preocupado consigo mesmo em tudo isso quanto com os efésios, os quais necessitavam imensamente de assegurar-se de que, através do propósito definido de Deus, haviam sido chamados pelo ministério de Paulo. Para que o que era pouco notório não se tornasse suspeito, ele põe a palavra *mistério* em oposição aos perversos juízos e opiniões que eram então prevalecentes no mundo.

Além do mais, ele diz que o mistério se lhe fizera conhecido por meio de revelação. Ele se dissocia daqueles fanáticos que atribuíam a Deus e ao Espírito Santo seus sonhos pessoais e inúteis. Os falsos apóstolos, igualmente, apresentavam suas reivindicações em favor de suas revelações, porém enganosamente. Paulo estava persuadido de que sua revelação era genuína, tinha como apresentar provas dela a outros, e certamente fala dela como um fato satisfatoriamente comprovado.

Como escrevi um pouco antes. Essa cláusula, ou lhes recorda o que havia expresso de passagem no segundo capítulo, ou está a referir-se a outra epístola, o que parece ser a opinião geral. Se for adotada a primeira explicação, então será melhor traduzi-la assim: "escrevi em poucas palavras"; pois ele apenas relanceara mui de leve o tema. Mas como a última interpretação, como já disse, é a mais prevalecente, tenho-a seguido em minha versão. A frase, ἐν ὀλίγῳ, que Erasmo traduziu "em poucas palavras", aparece, ao contrário, como uma referência a *tempo*, de modo a haver uma comparação implícita entre os escritos atuais e os anteriores. Mas não haveria absolutamente nenhuma razão para atrair a atenção à brevidade; pois não se pode imaginar uma expressão mais concisa do que este leve relance. Ao falar de *pouco tempo*, ele parece apelar propositadamente para sua reminiscência de um evento recente, embora eu não pretenda insistir sobre este ponto.

A dificuldade mais séria está no versículo seguinte: πρὸς ὃ δύνασθε ἀναγινώσκοντες νοῆσαι, etc. Erasmo o traduz assim: "Das quais coisas, quando lerdes, podereis entender." Em meu juízo, porém, a sintaxe grega não admitirá a tradução de ἀναγινώσκειν τι no sentido de 'ler'. Deixo ao critério dos leitores se porventura um significado mais adequado não seria este: "Prestando atenção (ou conhecendo) a essas coisas para que entendais." O particípio deve, pois, ser conectado à preposição πρός. Entretanto, se o leitor tomar ἀναγινώσκοντες separadamente e de forma absoluta, o significado será: "Ao lerdes, possais entender de acordo com o que temos escrito"; tomando a frase πρὸς ὃ como equivalente a καθ' ὃ. Quanto a mim, porém, ponho isso adiante meramente como uma conjectura numa questão duvidosa.

Se adotarmos o ponto de vista quase universal, de que o apóstolo anteriormente escrevera aos efésios, então essa não é a única epístola que se perdeu. E, no entanto, o escárnio dos ímpios não procede, quando dizem que o ensino da Escritura foi mutilado, ou que alguma parte dela tornou-se imperfeita. Se levarmos em conta, corretamente, a solicitude do apóstolo, sua vigilância e prudência, seu zelo e fervor, sua benevolência e prontidão em ajudar os irmãos, podemos facilmente presumir que ele teria escrito muitas epístolas, tanto pública quanto privativamente, para diversos lugares. Aquelas que o Senhor quis que fossem indispensáveis à sua Igreja, ele as consagrou por sua providência para que fossem perenemente lembradas. Saibamos, pois, que o que foi deixado nos é suficiente, e que sua insignificância não é acidental; senão que o cânon da Escritura, o qual se encontra em nosso poder, foi mantido sob controle através do grandioso conselho de Deus.

Meu discernimento do mistério. Dessa freqüente reiteração podemos deduzir quão necessária é a certeza da vocação [divina], tanto no povo como nos ministros. Paulo, porém, olha mais para os outros do que para si próprio. Na verdade ele fora o responsável, em todos os lugares, por fazer o evangelho comum a judeus e a gentios. Agora, porém, por iniciativa própria se preocupava demasiadamente consigo mesmo, já que percebia que havia muitos cuja fé vacilava diante do fato de que as calúnias dos homens perversos os levavam a pôr em dúvida seu apostolado. Essa era a razão por que com tanta freqüência lembrava os efésios de que ele conhecia a vontade e a ordenação de Deus.

Ao que antes chamara simplesmente de *mistério*, ele agora o denomina de **o mistério de Cristo**. O que o apóstolo

tem em mente é que ele [o mistério] permanecera oculto até ser revelado por meio da vinda dele [Cristo]; assim como as profecias referentes ao seu reino podem ser chamadas "profecias de Cristo". É mister que primeiramente expliquemos o termo 'mistério', e então consideraremos por que o apóstolo diz que ele permaneceu incognito ao longo de todas as eras. O mistério consistia no fato de que os gentios seriam encaminhados à participação da promessa, e portanto participantes da vida de Cristo, e isso por intermédio do evangelho. Quando tal título é atribuído ao evangelho, ele tem significados distintos, os quais não se aplicam à presente passagem. A vocação dos gentios, pois, era o mistério de Cristo; ou seja, deveria cumprir-se sob o domínio de Cristo.

Por que, então, o apóstolo afirma que ele [o mistério] permanecera incognito, quando o mesmo fora anunciado através de incontáveis predições? Pois os profetas, por toda parte, declaram que os povos viriam de todas as partes do mundo para adorarem a Deus; que um altar seria erigido tanto na Assíria como no Egito, e que todos igualmente falariam a língua de Canaã. O que queriam dizer com tais afirmações é que o culto devido ao Deus verdadeiro, bem como a própria profissão de fé, se difundiriam por toda parte. O reino de Cristo se estenderia desde o oriente até ao ocidente, e todas as nações da terra se lhe sujeitariam. Descobrimos também que os apóstolos citaram muitos testemunhos com esse mesmo propósito, não só a partir dos últimos profetas, mas também a partir de Moisés. Como, pois, seria possível manter incognito aquilo que fora proclamado através de tantos arautos? Por que, pois, Paulo pronuncia que todos, sem exceção, permaneceram na ignorância? Diríamos que os profetas falaram daquilo

que não sabiam e pronunciaram sons sem sentido?

Respondo que as palavras de Paulo não devem ser entendidas como se nunca houvera, absolutamente, qualquer conhecimento sobre esses temas. Sempre houve alguns na nação que reconheciam que, com o advento do Messias, a graça de Deus seria proclamada pelo mundo inteiro, e que buscaria a restauração da raça humana. Os próprios profetas vaticinaram da infalibilidade da revelação, mas deixaram o *tempo* e o *modo* indeterminados. Sabiam que alguma comunicação da graça de Deus seria feita aos gentios, mas acerca de quando, como e por quais meios lhes fora completamente velado. Havia nos apóstolos um notável exemplo desse gênero de ignorância. Não só haviam aprendido através das predições dos profetas, mas também ouviram a afirmação distinta de seu Mestre: "Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco; a essas também me importa conduzir, e elas ouvirão a minha voz: e haverá um rebanho e um pastor" [Jo 10.16]. E no entanto a novidade da matéria os impedia de entendê-la plenamente. De fato, mesmo após receberem o mandamento: "Ide pregar a toda criatura" [Mc 16.15]; e: "Ser-me-eis testemunhas desde Samaria até aos confins das nações" [At`1.8], temiam e recuavam da vocação dos gentios como sendo uma monstruosidade, visto que tal prática lhes era ainda desconhecida. Antes que o evento concreto chegasse, permaneciam em meio às trevas e confusos ante a amplitude das palavras de Cristo; porquanto as cerimônias eram como que um véu sobre seus olhos. Portanto, não há absurdo algum em Paulo qualificar esse fato de mistério e dizer que o mesmo permanecera incognito; pois não era conhecido que as cerimônias

haviam sido repetidas e que nesse fato estava o acesso.

Como se revelou agora. Para que não fosse acusado de arrogância ao alegar conhecer o que nenhum dos patriarcas, dos profetas ou dos santos reis havia conhecido, o apóstolo lhes recorda, antes de tudo, que ele compartilhava desse conhecimento com outros e que vivia na companhia dos doutores que lideravam a Igreja; e, em segundo lugar, que tal conhecimento era um dom do Espírito Santo, e que ele tem o direito de concedê-lo a quem lhe apraz. Pois não há outra medida de conhecimento além daquela com a qual ele nos aquinhoa.

Nessas poucas palavras o apóstolo expressa a eleição dos gentios para comporem o povo de Deus, para mostrar em que condição isso se daria, ou seja: que seriam colocados em pé de igualmente com os judeus, e assim formar um só corpo. Para que a novidade não provocasse nenhum escândalo, ele declara que tal deve se dar por intermédio do evangelho, cuja pregação era certamente algo novo e até então não ouvido, mas que todos os santos confessavam que viera do céu. Por que, pois, se considera surpreendente que, ao renovar o mundo, Deus teria que usar um método inusitado?

[vv. 7-13]

Do qual fui feito ministro, segundo o dom da graça de Deus, que me foi dado conforme a operação de seu poder. A mim, o menor de todos os santos, me foi dada a graça de anunciar entre os gentios as insondáveis riquezas de Cristo, e fazer com que todos os homens vejam qual é a comunhão do mistério que desde todas as eras esteve oculto em Deus, que a todas as coisas criou por meio de Jesus Cristo, ao planejar que agora, aos principados e potestades nos lugares celestiais, fosse feita conhecida, através da Igreja, a multiforme

sabedoria de Deus, segundo o propósito eterno que fez em Cristo Jesus nosso Senhor, através de quem temos ousadia e acesso em confiança pela fé nele. Portanto vos peço que não desfaleçais diante de minhas tribulações por vós, as quais são a vossa glória.

7. Do qual fui feito ministro. Havendo declarado ser o evangelho o instrumento de comunicar graça aos gentios, o apóstolo agora conecta este mandato com seu ofício, e então aplica sua afirmação a si próprio. Mas, para que não parecesse estar reivindicando para si mais do que lhe era devido, ele afirma que tal coisa era um dom da graça de Deus; e então que tal dom continha o poder de Deus; como se quisesse dizer: "Não imagineis que sou merecedor; pois, em sua graciosa munificência, o Senhor fez de mim um apóstolo designado para os gentios, não com base em minhas excelências pessoais, mas em sua própria graça. Não olheis para o que fui anteriormente; pois é do nada que o Senhor enaltece os homens. A operação de seu poder visa a produzir algo grande extraindo-o do nada."

8. A mim, o menor. Ele minimiza a si próprio e a tudo o que possui, até onde lhe era possível, com o intuito de enaltecer a graça de Deus ao seu ponto máximo. E por meio de tal reconhecimento, ele preconiza as objeções que seus adversários poderiam assacar contra ele, a saber: "Quem é esse homem, que Deus teria elevado acima de todos os mais? Que dons especiais ele possui, que fariam dele o escolhido [de Deus] antes de todos os outros?" Portanto, ele elimina todas essas comparações do campo do valor e da habilidade pessoais, ao confessar que se considerava o menor de todos.

Ao humilhar-se dessa maneira, ele não está expressando-se insinceramente. A maioria dos homens exterioriza uma

humildade simulada, enquanto que interiormente o orgulho os intumesce; verbalmente, se reconhecem como sendo os menores, enquanto seu coração deseja que sejam considerados supremos, e se imaginam sendo condecorados com os títulos da mais elevada honra. Paulo é sincero em admitir sua insignificância; aliás, alhures fala de si próprio como sendo muito mais torpe. "Pois eu sou o menor dos apóstolos, que nem mesmo sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a igreja de Deus" [1 Co 15.9]. Igualmente, ao qualificar a si próprio de "o principal dos pecadores" [1 Tm 1.15].

Observemos, porém, que quando ele fala de si próprio como o menor de todos, está levando em conta o que ele era por natureza, à parte da graça de Deus. Como se quisesse dizer que seu estado humilde não o impediu de ser designado o apóstolo dos gentios, enquanto que outros são ignorados. Pois quando fala do que lhe fora dado, ele está a referir-se ao dom especial [de Deus], e fala de forma relativa. Não quer dizer que só ele fora eleito para tal ofício, senão que mantinha a supremacia entre os doutores dos gentios, título que ele emprega alhures como sendo peculiar a ele mesmo.

Pela expressão **as insondáveis riquezas de Cristo** ele quer dizer os ilimitados e incríveis tesouros da graça, os quais Deus súbita e inesperadamente derramou sobre os gentios. Ele, pois, diz aos efésios como solicitamente e com quão profundo apreço o evangelho seria abraçado. Sobre este tema, porém, falamos na Epístola aos Gálatas. Certamente, pois, ainda que conservasse o ofício do apostolado em comum com outros, era-lhe uma honra peculiar que fosse designado apóstolo [destinado] aos gentios.

9. Qual é a comunhão do mistério. A proclamação é

denominada de comunhão, visto que a vontade de Deus consiste em que os homens tenham participação em seu propósito, o qual anteriormente estivera oculto. E ao dizer φωτίσαι πάντας, ele faz uso de uma metáfora adequada, como se em seu apostolado a graça de Deus esplendesse com luz muito mais plena.

O qual estivera oculto em Deus. Como fizera antes, elè evita o prejuízo que a novidade poderia trazer. E mui especialmente declara que o mistério estivera oculto em Deus, a fim de contrapor a temeridade daqueles que imaginam que seria indigno que fossem eles absolutamente ignorantes de tudo. Como se Deus não fosse detentor do direito de conservar seus propósitos guardados em seu próprio poder até que os quisesse comunicar aos homens! Que presunção, que demência não admitir que Deus é mais sábio que nós! Lembremo-nos, pois, de que nossa temeridade deve ser reprimida sempre que a infinita perfeição da presciência divina é colocada diante de nós. Eis igualmente a razão por que ele o chama de "as insondáveis riquezas de Cristo", significando que este tema, ainda que exceda a nossa compreensão, merece reverência e admiração.

Que a todas as coisas criou por meio de Jesus Cristo. Isso deve ser entendido não tanto em referência à primeira criação quanto em referência à restauração espiritual. Evidentemente, sem dúvida que é pela Palavra de Deus que todas as coisas foram criadas, como é expresso em muitos textos. O contexto, porém, demanda que se entenda o presente como sendo aquela renovação que está contida na bênção da redenção. A não ser, talvez, que alguém, ao contrário, componha o argumento, da criação para a renovação, da seguinte forma: "Por meio de Cristo, como Deus, o Pai criou

todas as coisas. Não é de estranhar, pois, se através do mesmo Mediador todos os gentios são agora restaurados à integralidade". Não faço nenhuma objeção a esse ponto de vista. O apóstolo usa um argumento similar em 2 Coríntios 4.6: Porque Deus que ordenou que das trevas brilhasse a luz, ele mesmo é quem brilhou em vossos corações." A partir da criação do mundo, ele conclui que iluminar as trevas é a função de Deus; mas o que era ali fisicamente visível, ele atribui ao Espírito quando fala do reino de Cristo.

10. Ao planejar que agora, aos principados e potestades etc. Há quem pense ser um absurdo concluir que essa é uma referência aos anjos, visto que tal ignorância não pertence àqueles a quem é permitido contemplar o esplendor do semblante de Deus. Preferem, ao contrário, que a referência recaia sobre os demônios, porém precipitadamente; pois que coisa haveria de espantoso na declaração do apóstolo acerca do evangelho ou da vocação dos gentios, caso ele dissesse que primeiro o fez notório aos demônios? No entanto procede o fato de que ele labuta com o fim de magnificar, o quanto possível, a misericórdia de Deus em favor dos gentios, bem como a importância do evangelho. E para fazer isso ele declara que na proclamação do evangelho se faz manifesta a multiforme graça de Deus, a qual jamais se fez conhecida mesmo dos anjos celestiais. Daí segue-se que a sabedoria de Deus, que manifestou-se unindo judeus e gentios na participação da salvação, seria mais que maravilhosa aos olhos dos homens.

Ele a chama πολυποίκιλον, visto que os homens estão habituados a medi-la erroneamente por meio de uma só idéia particular, ignorando o todo e as partes individualmente. Os judeus, por exemplo, imaginavam que a sabedoria de Deus

estivesse limitada à dispensação sob o regime da lei, com a qual estavam familiarizados e na qual foram instruídos. Ao publicar o evangelho a todos os homens, porém, e isso indistintamente, Deus produziu outro exemplo e indício de sua sabedoria. Não que fosse ela uma nova sabedoria, mas que era mais plena e multiforme do que nossa tacanha capacidade poderia discernir. Saibamos, pois, que o conhecimento, seja ele qual for, que tenhamos adquirido, não passa de uma ínfima porção. E se a vocação dos gentios é conhecida e reverenciada pelos anjos celestiais, quão vergonhoso seria caso fosse a mesma rejeitada ou menosprezada pelos homens sobre a terra!

A inferência que alguns extraem desse fato, ou seja, de que os anjos se encontram presentes em nossas assembléias e progridem juntamente conosco, não passa de especulação infundada. Devemos ter sempre em vista os propósitos para os quais Deus designou o ministério de sua Palavra. Se os anjos, que desfrutam da visão divina, não andam mediante a fé, tampouco necessitam eles da administração externa da Palavra. A pregação, pois, atende apenas a carência dos homens, tão-somente entre os quais é ela utilizada. As palavras de Paulo significam que a Igreja, a colheita de judeus e de gentios igualmente, é um espelho no qual os anjos contemplam a portentosa sabedoria de Deus, a qual anteriormente não conheciam. Contemplam uma obra totalmente nova para eles, cuja forma estava oculta em Deus. Dessa forma, e não por aprenderem tudo dos lábios dos homens, eles progridem.

11. Segundo o propósito eterno. Vemos aqui quão criteriosamente ele se guarda contra a objeção de que pode haver mudança no propósito divino. Pela terceira vez ele

reitera que o decreto era eterno e eternamente estabelecido, mas que fora ordenado em Cristo, visto que fora proposto nele. E assim ele declara que o tempo próprio para a publicação desse decreto pertence ao reino de Cristo. Literalmente, temos: "segundo o propósito que ele traçou". Tomo, porém, 'traçar' no sentido de 'propor', já que ele está falando não só da execução do decreto, mas também da destinação do mesmo, o qual, embora antecedesse a todas as eras, estava guardado no seio de Deus até à manifestação de Cristo.

12. Através de quem temos ousadia. O que o apóstolo pretende é que a honra de reconciliar o Pai com o mundo inteiro deve ser atribuída a Cristo. Ele enaltece esta graça a partir de seus efeitos; pois assim como a fé se fez comum também aos gentios, assim também ela os admite na presença de Deus. Mas sempre que Paulo nos liga a Deus através de Cristo, e a fé nele, faz-se presente um contraste implícito, o qual fecha todas as outras vias de acesso e exclui todas as outras formas de união. Mas aqui temos o mais notável e o mais valioso ensino, pois Paulo expressa elegantemente o poder e a natureza da fé e a confiança necessária para a genuína invocação de Deus. Não surpreende, pois, que os papistas questionem tanto conosco sobre os efeitos e as funções da fé, pois não conseguem entender o significado do termo *fé*, o qual poderiam aprender desta passagem, se não estivessem demasiadamente prejudicados por seus falsos conceitos.

Primeiramente, Paulo a chama "a fé de Cristo", significando que a fé deve contemplar o que nos está exibido em Cristo. Daí, segue-se que um mero e confuso conhecimento acerca de Deus não deve ser tomado como sendo fé, mas aquele que é direcionado para Cristo, com o

fim de buscar a Deus nele; e isso só se pode fazer quando o poder e o ofício de Cristo são compreendidos. Ele estabelece em primeiro lugar a confiança, e em seguida, como resultado desta, a ousadia, como sendo ambas geradas da fé. E então apresenta três passos a serem dados. Primeiramente, cremos nas promessas de Deus; em segundo lugar, ao descansarmos nelas, concebemos a confiança, de modo a termos uma mente saudável e tranqüila. Desse fato segue-se a ousadia, a qual nos capacita a banir o temor e a confiar-nos corajosa e prontamente a Deus.

Aqueles que separam a fé da confiança agem como pessoas que tentam apanhar o calor ou a luz do sol. Reconheço, deveras, que, à proporção da medida da fé, a confiança é pequena em alguns e maior em outros; mas a fé jamais será encontrada sem esses efeitos ou frutos. Uma consciência tremente, hesitante, presa pela dúvida será sempre uma prova segura de incredulidade; no entanto, uma consciência firme, consistente e vitoriosa contra as portas do inferno, será sempre uma prova segura de fé. Confiar em Cristo como Mediador e repousar com segurança no amor paternal de Deus; ousar audazmente abraçar a promessa de vida eterna e não tremer de medo da morte ou do inferno, isso é, como se diz, uma santa presunção.

Deve-se notar igualmente que ele diz: **acesso em confiança**. Porque os filhos de Deus diferem dos ímpios, nisto: enquanto que tais pessoas repousam supinamente no esquecimento de Deus, e nunca ficam inteiramente satisfeitas enquanto não mantêm a maior distância possível de Deus, seus filhos desfrutam de paz com o Pai, buscando maior aproximação dele com alegria e espontaneidade. Outrossim, inferimos desta passagem que a confiança é indispensável à

genuína invocação, transformando-se na chave que nos abre a porta do reino do céu. Aqueles que duvidam e hesitam nunca serão ouvidos, no dizer de Tiago [Tg 1.6-7]. Os sofistas da Sorbonne, quando prescrevem a hesitação, não sabem o que significa invocar a Deus.

13. Portanto vos peço que não desfaleçais. Veja agora o leitor por que ele mencionara antes suas cadeias. Era com o intuito de preveni-los a fim de que não se sentissem desencorajados quando ouvissem acerca de sua perseguição. Esse coração heróico, que escapou da prisão e da própria morte, dirige conforto aos que não enfrentavam nenhum perigo! Ele traz à memória dos efésios as **tribulações** dele, visto que eles trouxeram edificação a todos os santos. Quão poderosamente é confirmada a fé do povo, quando um pastor não hesita em selar sua doutrina por meio da resignação de sua própria vida! E conseqüentemente ele adiciona: **as quais são a vossa glória**. Sua pregação era tão gloriosa que todas as igrejas, entre as quais ele ensinara, tinham boas razões para gloriar-se de que sua fé era ratificada pelo melhor de todos os penhores.

[vv. 14-19]

Por essa causa dobro meus joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, de quem toda a família, no céu e na terra, toma o nome, para que, segundo as riquezas de sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior; que Cristo habite em vossos corações, pela fé, a fim de que, estando arraigados e fundamentados em amor, sejais capazes de compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a profundidade, e a altura, e conhecer o amor de Cristo, o qual excede a todo conhecimento, para que sejais cheios até à inteira plenitude de Deus.

14. Por essa causa. O apóstolo faz menção de suas orações em favor dos efésios, não só com o intuito de testificar seu amor por eles, mas também para que eles mesmos pudessem orar. Pois a Palavra será semeada em vão, a menos que o Senhor a fertilize com sua bênção. Portanto, que os pastores aprendam através do exemplo de Paulo, não só a admoestar e exortar o povo, mas também a buscar no Senhor o êxito para seus labores, e assim evitem ser infrutíferos. Todavia, não deve servir de escusa à ociosidade ao ouvirem que nada procederá de sua indústria e labor, a menos que o Senhor o abençoe, do contrário todo o seu cuidado e diligência serão inúteis. Devem, ao contrário, labutar com a máxima energia, semeando e regando, desde que peçam e busquem o crescimento que procede do Senhor.

À luz desse fato, são refutadas as calúnias dos pelagianos e papistas, os quais argumentam que, se nossas mentes são iluminadas exclusivamente pela graça do Espírito Santo, e se ele prepara nossos corações à obediência, então toda a doutrinação será de todo supérflua. Porquanto somos iluminados e renovados pelo Espírito a fim de que o ensinamento se torne forte e eficaz, de tal sorte que a luz não seja refletida nos olhos sem visão, nem a verdade cantada aos ouvidos moucos. Portanto, o Senhor só age sobre nós quando de tal maneira nos usa como seus próprios instrumentos. Por isso, é dever dos pastores ensinar diligentemente; é dever do povo atender solicitamente à instrução; e, ambas as partes, busquem refúgio no Senhor, para que não venham a cair exaustos em virtude de baldados esforços.

Ao dizer: **dobro meus joelhos**, o apóstolo indica o ato pelo sinal. Não que a oração requeira que se faça sempre de

joelhos, e, sim, porque esse sinal de reverência é comumente empregado, especialmente onde a oração não é superficial, mas um ato sublime e sério.

15. De quem toda a família. O relativo, 'de quem', pode aplicar-se a ambos, ao Pai e ao Filho. Não concordo com Erasmo que o restringe expressamente ao Pai. Pois aos leitores deve-se permitir a liberdade de escolha; na verdade, a outra interpretação parece muito mais provável. O apóstolo faz alusão àquela relação que os judeus mantinham reciprocamente através de sua comunhão com o pai Abraão, o qual era a cabeça de sua linhagem. Visto, porém, que o apóstolo deseja, ao contrário, remover a distinção existente entre judeus e gentios, ele diz não só que todos os homens foram introduzidos em uma só família e em uma só raça através de Cristo, mas que ainda foram transformados em uma só família [=*contribules*] com os anjos.

Não é prudente que alguém o interprete como aplicando-se a Deus, pois a objeção é óbvia, ou seja: que Deus antigamente ignorou os gentios e adotou os judeus como seu povo particular. Mas quando o aplicamos a Cristo, se ajusta ao que Paulo diz; pois todos vêm e juntos se harmonizam em um só a fim de que sejam irmãos em sujeição a um só Deus, o Pai. Entendamos, pois, que, sob os auspícios de Cristo, a relação entre judeus e gentios foi sacralizada, porque, ao reconciliar-nos com o Pai, ao mesmo tempo ele fez de todos nós um só. Os judeus não mais têm motivo para vangloriar-se de que são a posteridade de Abraão, ou que pertencem a essa ou àquela tribo, de modo que não podem repudiar o resto como sendo profano nem reivindicar a honra de serem o povo santo. Não há que reconhecer senão uma única família, tanto no céu como na terra, tanto entre os anjos como entre os

homens – se porventura pertencemos ao Corpo de Cristo. Pois fora dele nada se depara a não ser dispersão. Tão-somente ele é o vínculo de nossa união.

16. Para que vos conceda. Paulo deseja que os efésios sejam fortalecidos, embora já endereçara à piedade deles não pouco enaltecimento. Os crentes, porém, nunca progridem tanto que não mais necessitem de crescimento. A mais elevada perfeição do crente nesta vida consiste em desejar ele, solicitamente, progredir ainda mais. Tal confirmação declara ele ser obra do Espírito. Daqui segue-se que a mesma não procede da capacidade do próprio homem. Pois assim como o princípio de todo bem procede do Espírito de Deus, assim também o desenvolvimento. Que tal coisa é recebida da divina graça, faz-se evidente do uso que ele faz do verbo 'conceder'. Os papistas não admitirão tal coisa, pois dizem que as graças secundárias são dadas em pagamento, segundo cada um de nós as mereça, ao fazermos bom uso da graça primária. Reconheçamos, porém, com Paulo, que tudo isso é o dom da graça de Deus, não só o fato de termos começado bem nossa carreira cristã, mas também nosso avanço nela; não só o fato de termos nascido de novo, mas também o fato de crescermos dia a dia.

E para vindicar a graça de Deus com mais clareza, ele diz: **segundo as riquezas de sua glória**. Isso pode ser explicado de duas maneiras: ou, "segundo suas gloriosas riquezas", de modo que o genitivo, no costume hebraico, seja equivalente a um adjetivo; ou, "segundo sua rica e abundante glória". O termo 'glória' é assim usado no sentido de 'misericórdia', como em 1.6. Prefiro o segundo sentido.

No homem interior. Para Paulo, *homem interior* significa a alma e tudo quanto pertença à vida espiritual da

alma; assim como o exterior é o corpo, com tudo o que lhe pertença – saúde, honras, riquezas, vigor, beleza e coisas afins. "Ainda que o nosso homem exterior pereça, o interior, contudo, se renova dia a dia" [2 Co 4.16]; ou seja, se enquanto vivemos neste mundo nos deterioramos, a vida espiritual se torna mais e mais vigorosa. Paulo, pois, não deseja que os santos simplesmente se robusteçam de modo tal que venham a exceder em excelência e vigor físicos neste mundo, senão que, no tocante ao reino de Deus, suas almas sejam nutridas com o poder de Deus.

17. Que Cristo habite vossos corações. Ele explica a natureza da força do homem interior. Porque, já que o Pai pôs em Cristo a plenitude de todos os dons, assim também aquele em quem Cristo habita não pode sofrer de nenhuma carência. Equivocam-se aqueles que esperam poder receber o Espírito sem primeiro receber a Cristo; e é igualmente insensato e ridículo quem imagina que Cristo pode ser recebido sem o Espírito. É indispensável que se creia em ambos. Somos participantes do Espírito Santo à medida em que participamos de Cristo; porquanto o Espírito não pode ser encontrado em parte alguma, senão em Cristo, sobre quem está escrito ter ele repousado com esse mesmo propósito. Nem tampouco pode Cristo ser separado de seu Espírito; do contrário ele estaria, por assim dizer, morto e vazio de seu poder. Paulo define bem os que são dotados do poder espiritual de Deus como sendo aqueles em quem Cristo habita. Ele também realça aquela parte que constitui a real sede de Cristo, a saber: nossos corações. Seu intuito é mostrar que não basta estar ele presente em nossas línguas ou flutuar em nossos cérebros.

Ele habita, diz ele, **pela fé**. O apóstolo expressa também

o método pelo qual se obtém um benefício tão imensurável. Eis um singular louvor da fé, ou seja: que através dela podemos apropriar-nos do Filho de Deus e passa ele a ter sua habitação conosco. Pela fé não só reconhecemos que Cristo sofreu por nós e por nós ressuscitou dos mortos, mas também o recebemos, possuindo-o e usufruindo-o segundo ele mesmo se nos oferece. Isso tem de ser observado criteriosamente. A maioria considera a comunhão com Cristo e o crer em Cristo como sendo equivalentes; a comunhão, porém, que desfrutamos com Cristo é o efeito da fé. A substância mesma consiste em que Cristo deve ser visto através da fé, não, porém, à distância, mas deve ser recebido pelo amplexo de nossas mentes, de tal modo que venha ele a habitar-nos, e é assim que somos plenificados com o Espírito de Deus.

A fim de que, estando arraigados e fundamentados em amor. Ele contabiliza os frutos dessa habitação: *amor* – o conhecimento da graça divina e de seu amor, os quais nos são exibidos em Cristo. Daí, segue-se que esta é a genuína e substancial virtude da alma; de modo que, sempre que trata da perfeição dos santos, o apóstolo ensina que ela consiste de duas partes. Ele usa duas metáforas que expressam quão firme e constante deve ser nosso amor. Muitos possuem um tênue matiz de amor; mas esse tipo de amor facilmente murcha ou se esvai, visto que suas raízes não são profundas. Mas Paulo deseja que o amor esteja indelevelmente arraigado em nossa mente, para que o mesmo se assemelhe a um edifício bem alicerçado ou uma árvore profundamente plantada. O sentido simples e verdadeiro consiste em que devemos viver tão profundamente radicados em amor, e nosso fundamento tão solidamente posto em suas bases profundas,

de tal modo que nada seja capaz de abalá-lo. Mas os insensatos [opositores] inferem das palavras de Paulo que o amor é o fundamento e a raiz de nossa salvação. Paulo não está discutindo aqui, como facilmente se pode ver, em quê nossa salvação está fundamentada, e, sim, quão sólido e forte amor devemos possuir.

18. Sejais capazes de compreender. O segundo fruto consiste em que os efésios deveriam perceber a grandeza do amor de Cristo pelos homens. Tal apreensão ou entendimento emana da fé. Ao fazer de todos os santos seus companheiros, o apóstolo mostra que esse fato é a mais excelente bênção que se pode obter na presente vida, o que constitui a mais elevada sabedoria, a qual todos os filhos de Deus aspiram. O que vem a seguir é em si mesmo suficientemente claro, mas que até agora tem sido obscurecido por uma variada gama de interpretações. Agostinho é muito agradável com sua sutileza, a qual não tem nada a ver com o tema. Pois aqui ele busca não sei que mistério na figura da cruz – ele faz a largura ser o amor, a altura ser a esperança, o comprimento ser a paciência e a profundidade, a humildade. Toda essa sutileza nos agrada, mas o que tem isso a ver com o significado de Paulo? Não mais, certamente, do que a opinião de Ambrósio, que denota a forma de uma esfera. Pondo à parte os pontos de vista de outros, direi que todos haverão de reconhecer que tudo é simples e procedente.

Por essas dimensões, Paulo não quer dizer outra coisa senão o amor de Cristo, do qual fala mais adiante. O significado consiste nisto: aquele que conhece [o amor de Cristo] verdadeira e perfeitamente é, em todos os aspectos, um homem sábio. É como se dissesse: "Qualquer que seja a direção em que os homens olhem, nada encontrarão na

doutrina da salvação que não esteja relacionado com o amor de Cristo." Ele possui em seu conteúdo todos os aspectos da sabedoria. O significado ficará ainda mais claro se o parafrasearmos assim: "Para que sejais capazes de compreender o amor que é o comprimento, a largura, a profundidade e a altura, isto é, a completa perfeição de nossa sabedoria." A metáfora é extraída da matemática, que das partes denota o todo. Quase todos os homens são contaminados com a doença mórbida que busca ansiosamente o conhecimento sem proveito. Portanto, a presente admoestação é muitíssimo oportuna: o que nos é indispensável saber, e o que o Senhor quer que contemplemos, acima e abaixo, à direita e à esquerda, adiante e atrás. O amor de Cristo persiste para que meditemos nele dia e noite e para que vivamos completamente imersos nele. Aquele que retém somente isso possui o suficiente. Além desse amor não existe nada sólido, nada proveitoso; em suma, nada que seja de fato justo ou saudável. Vagueie pelo céu, pela terra e pelo mar, e você jamais irá além disso sem ultrapassar os limites lícitos da sabedoria.

O qual excede todo o conhecimento. É assim que lemos alhures: "E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus" [Fp 4.7]. Para que o ser humano se aproxime de Deus, deve antes elevar-se acima de si próprio e do mundo. Eis a razão por que os sofistas recusam admitir que podemos sentir-nos seguros na graça de Deus. Pois eles avaliam a fé pela percepção [=*apprehensione*] dos sentidos humanos. Mas Paulo sustenta que esse conhecimento [=*scientia*] é superior a todo e qualquer conhecimento [=*notitia*], e com razão; pois, se as faculdades humanas pudessem alcançá-lo, a oração de Paulo, para que Deus o concedesse, teria sido

dispensável. Lembremo-nos, pois, de que a certeza [proveniente] da fé é conhecimento [=*scientia*], mas que o mesmo é adquirido pelo ensinamento do Espírito Santo, e não pela acuidade de nosso próprio intelecto. Se o leitor deseja saber mais sobre essa questão, então consulte as *Institutas* [III.ii, parágrafos 14-16, 33-37].

Para que sejais cheios. Ele agora expressa, em uma só palavra, o que quis dizer através de diversas dimensões, ou seja: aquele que possui a Cristo, na verdade possui tudo quanto lhe seja necessário para a perfeição em Deus; pois é precisamente isso que a expressão – "a plenitude de Deus" – significa. O ser humano imagina que é em si mesmo completo, mas só porque se intumesce com matéria inútil ou com vento. Há alguns desvairados, perversos e ímpios, que interpretam "a plenitude de Deus" como sendo "plena divindade", como se o ser humano pudesse tornar-se igual a Deus.

[vv. 20-21]

Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a ele seja a glória na igreja, através de Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém.

O apóstolo agora se prorrompe em ações de graças, as quais contêm também uma exortação à esperança. Além do mais, suas ações de graças almejam incitar os efésios mais e mais a apreciarem o valor da graça de Deus.

Diz ele: **glória seja a Deus através de Cristo** – ou seja, em virtude de a misericórdia divina ser derramada sobre os gentios através dele. E acrescenta: **na igreja**, pelo quê

significa que a graça de Deus na vocação dos gentios deve ser celebrada entre os crentes por onde quer que a Igreja seja disseminada. A perpetuidade é introduzida aqui para realçar sua imensurabilidade.

Que é poderoso. Essa é uma referência ao futuro, e, portanto, à doutrina da esperança; e deveras não podemos expressar gratidão a Deus, justa e sinceramente, pelos benefícios recebidos, a menos que estejamos convencidos de que sua munificência para conosco será interminável. Ao dizer que Deus é poderoso, o apóstolo não tenciona apresentar o poder à parte (como se diz) da ação, e, sim, o poder que é exercido e o qual realmente percebemos. Os crentes devem sempre conectá-lo com a obra, quando diz respeito às promessas feitas a eles e à sua própria salvação. Porque, seja o que for que Deus tenha que fazer, inquestionavelmente o fará, se ele o tiver prometido. Isso o apóstolo confirma tanto pelos exemplos anteriores como pelos atuais, que a eficácia do Espírito exerceu neles.

"Segundo o que já percebemos em nós mesmos"; pois todo benefício que Deus nos concede é uma evidência de sua graça, de seu amor e de seu poder em nosso favor, de que devemos cultivar uma confiança muito mais poderosa para o futuro. Deve-se observar a expressão: **muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos**, para que não haja na fé genuína nenhum temor excessivo. Pois quanto mais numerosas forem as bênçãos que esperamos de Deus, muito mais ainda sua infinita liberalidade excederá sempre a todos os nosso desejos e nossos pensamentos.

Capítulo 4

[vv. 1-6]

Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis segundo a dignidade da vocação a que fostes chamados, com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, diligenciando em guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança de vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual está acima de todas as coisas, através de todos e em todos.

Estes três capítulos contêm somente preceitos morais. Porquanto o apóstolo os exorta a viverem em harmonia recíproca, e aproveita o ensejo para também tratar do governo da Igreja, como tendo sido idealizado pelo Senhor com o fim de manter o vínculo da unidade entre nós.

1. Eu, o prisioneiro no Senhor. O apóstolo requer (como já vimos alhures) maior autoridade [procedente] de suas cadeias, as quais aparentemente o faziam desprezível. Porquanto ela era o selo da sublime mensagem que ele recebera [para proclamar]. Tudo quanto pertence a Cristo,

mesmo que pela ótica do mundo seja degradante, deve ser recebido por nós com o mais profundo respeito. A prisão do apóstolo deve ser mais reverenciada do que todo o fausto e triunfos dos reis.

Que andeis segundo a dignidade da vocação. Essa é uma afirmação geral que prefacia tudo o que se segue. Ele discutira anteriormente a vocação; agora lhes recomenda que fossem dóceis para com Deus, e não se tornassem indignos de tão imensurável graça.

Ao descer a detalhes, ele coloca a humildade em primeiro plano. A razão está no fato de que ele abordava a unidade; e a humildade é o primeiro passo para alcançá-la. Ela também produz a mansidão, a qual nos faz pacientes. E ao sofrermos com nossos irmãos, conservamos a unidade que, de outra forma, seria quebrada mil vezes ao dia. Lembremo-nos, pois, que, ao cultivarmos a bondade fraternal, é mister que comecemos com a humildade. Donde procede a impudência, a soberba e as injúrias lançadas contra os irmãos? Donde procede as questiúnculas, os escárnios e as exprobrações, a não ser do fato de cada um amar excessivamente a si próprio e de querer agradar em demasia a si próprio? Aquele que se desfaz da arrogância e cessa de agradar a si próprio se tornará manso e acessível. E quem quer que persista em tal moderação ignorará e tolerará muitas coisas nos irmãos. Observemos criteriosamente esta ordem e arranjo. Será inútil prescrever a paciência, a menos que domestiquemos a mente humana e corrijamos sua disposição; será inútil ensinar a mansidão, a menos que tenhamos iniciado com a humildade.

Ao dizer: **em amor**, o apóstolo tem em mente o que ele diz alhures, ou seja: que a verdadeira natureza do amor está

na paciência. Onde o amor governa e floresce, edificaremos muitíssimo uns aos outros.

Além do mais, é com boas razões que ele recomenda a paciência, a saber: para que a unidade do Espírito possa seguir em frente. Inumeráveis ofensas surgem diariamente, as quais podem aquecer as discórdias entre nós, particularmente em virtude de o espírito humano digladiar impulsionado por sua natural impertinência. Há quem considere **a unidade do Espírito** como aquela unidade espiritual que o Espírito de Deus efetua em nós. É sem qualquer sombra de dúvida que tão-somente ele [o Espírito] nos constrói com uma só mente, e dessa forma nos faz um só. Minha interpretação da frase, porém, é mais no sentido de harmonia de mente. Essa unidade, diz ele, é composta por **o vínculo da paz**; porquanto as discórdias com freqüência despertam o ódio e ressentimento. Devemos viver em paz, caso desejemos que o espírito de bondade permaneça entre nós.

4. Há um só corpo. O apóstolo expressa mais claramente quão perfeita deveria ser a unidade dos cristãos, ou seja: que ela pudesse prosperar de tal forma, em todas as suas partes, que cresceríamos unidos em um só corpo e uma só alma. Essas palavras denotam o homem como um todo. Como a dizer: devemos ser unidos, não apenas em uma parte, mas no corpo e na alma. Ele apoia isso com o poderoso argumento de que todos nós somos chamados a uma só herança e uma só vida. Desse fato segue-se que não podemos obter vida eterna sem vivermos em mútua harmonia neste mundo. Pois Deus convoca a todos com sua única voz, para que sejam unidos no mesmo consentimento de fé e envidem esforços por socorrer uns aos outros. Se pelo menos esse pensamento fosse implantado em nossas mentes, de que há posto diante

de nós esta lei: que os filhos de Deus não podem suscitar mais desavença entre si do que é possível que o reino do céu se divida, quanto mais criteriosamente devemos cultivar a bondade fraternal! Quanto deveríamos odiar todas as discórdias, se porventura refletíssimos convenientemente que todos quantos se separam de seus irmãos, eles mesmos se fazem estranhos ao reino de Deus! E todavia, muito estranhamente, enquanto nos esquecemos de nossa mútua fraternidade, prosseguimos reivindicando que somos filhos de Deus. Aprendamos de Paulo que ninguém se encontra absolutamente preparado para aquela herança sem que antes sejam todos um só corpo e um só Espírito.

5. Um só Senhor. Em 1 Coríntios 12.5, Paulo simplesmente denota pelo termo 'Senhor' o governo de Deus. Aqui, porém, como logo depois fala expressamente do Pai, ele estritamente se refere a Cristo, que fora designado pelo Pai para ser nosso Senhor, e a cujo governo não podemos sujeitar-nos, a menos que sejamos uma só mente. Sempre que o leitor encontrar a expressão 'um só', neste texto, deve considerá-la como uma *ênfase*, como se o apóstolo quisesse dizer: "Cristo não pode ser dividido; a fé não pode ser lacerada; não há diversos batismos, senão um só, comum a todos; Deus não pode ser dividido em partes." Portanto, cabe-nos cultivar entre nós a santa unidade, composta de muitos vínculos. A fé e o batismo, Deus Pai e Cristo devem unir-nos, para que coalesçamos, por assim dizer, em um só homem. Todos esses argumentos em prol da unidade devem ser ponderados mais do que explicados. Sinto-me satisfeito em poder realçar o significado do apóstolo em termos breves e deixar o tratamento mais completo para meus sermões. A unidade da fé, que é aqui mencionada, depende daquela verdade eterna de Deus, sobre a qual a fé está fundamentada.

Um só batismo. Equivocam-se aqueles que inferem dessa cláusula que o batismo cristão é irrepetível, porque o apóstolo não quis dizer isso, senão que o batismo é comum a todos, de modo que, por meio dele, somos iniciados numa só alma e num só corpo. Pois se aquele argumento tem alguma força, um muito mais forte será aquele em que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só Deus; porque o batismo é um só, o qual é santificado pelo Nome triúno. Que réplica os arianos e sabelianos serão capazes de apresentar contra este argumento? O batismo possui uma força tal que nos faz um só; e, no batismo, o Nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo é invocado. Negarão, porventura, que uma só Deidade é o fundamento desta santa e mística unidade? Devemos necessariamente reconhecer que a ordenança do batismo prova as três Pessoas em uma só essência divina.

6. Um só Deus e Pai. Eis o argumento primordial, do qual todo o restante procede. Donde procede a fé? Donde o batismo? Donde o governo de Cristo, sob cujas diretrizes somos unidos, salvo porque Deus o Pai, emanando dele para cada um de nós, emprega esses meios para reunir-nos a si mesmo? As duas frases, ἐπὶ πάντων καὶ διὰ πάντων, podem ser tomadas ou no neutro ou no masculino. Ou o significado se aplicará suficientemente bem, ou, antes, em ambos os casos o significado será o mesmo. Pois ainda que Deus, com seu poder, sustente, e cuide, e governe todas as coisas, Paulo, no entanto, não está falando do governo universal, e, sim, somente do espiritual, o qual pertence à Igreja. Pelo Espírito de santificação, Deus flui abundantemente através de todos os membros da Igreja, envolve todos em seu governo e habita em todos. Deus, porém, não é inconsistente consigo mesmo, e por isso não pode estar senão unido a um só.

Essa é a unidade espiritual mencionada por Cristo em João 17.11. Isso é deveras verdadeiro, em um sentido geral, não só de todos os homens, mas também de todas as criaturas. "Nele vivemos, e nos movemos, e existimos" [At 17.28]. E outra vez: "Porventura não encho eu o céu e a terra?" [Jr 23.24]. Devemos, porém, atentar para o contexto. Paulo está agora tratando da conjunção mútua dos crentes, a qual não tem nada em comum seja com os ímpios seja com as criaturas irraiconais. Para isso devemos restringir-nos ao que ele diz acerca do governo e da presença de Deus. É por essa razão, também, que ele usa a palavra *Pai*, a qual se aplica somente aos membros de Cristo.

[vv. 7-10]

Mas a cada um de nós foi dada a graça segundo a medida do dom de Cristo. Por isso foi dito: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens. (Ora, isto – ele subiu –, o que é senão que também desceu às partes mais baixas da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para que pudesse encher todas as coisas.)

7. Mas a cada um. O apóstolo agora descreve a maneira na qual Deus guarda e preserva a conjunção mútua entre nós, a saber: ele a ninguém dá tal perfeição para que seja auto-suficiente ou para que satisfaça a si próprio à parte dos demais. Uma certa medida é distribuída a cada um; e é só por meio da comunicação recíproca que possuem o necessário para manter sua condição. Ele discute a diversidade dos dons em 1 Coríntios 12.4, mas quase tudo com o mesmo objetivo. Pois ali ele ensina que tal diversidade, longe de prejudicar a harmonia dos crentes, antes ajuda a promovê-la e a fortalecê-la.

Este versículo pode ser assim sumariado: "Deus não concede todas as coisas a nenhuma pessoa isoladamente, senão que cada um tem recebido uma certa medida, para que dependamos uns dos outros; e ao reunir o que lhes é dado individualmente, eles têm como socorrer uns aos outros."

Pelos termos *graça* e *dom* ele nos lembra que, sejam quais forem os dons que possuamos, não devemos ensoberbecer-nos por causa deles, visto que eles nos põem sob as mais profundas obrigações para com Deus. Além do mais, ele atribui a Cristo sua autoria; pois assim como antes de tudo começou com o Pai, assim também, como veremos, ele deseja unir a Cristo, a nós e a tudo o que temos.

8. Por isso foi dito. Com o fim de acomodá-la ao seu argumento, Paulo mudou um pouco esta citação de seu significado originário. Os perversos o acusam de ter abusado da Escritura. Os judeus vão ainda mais longe, e, para tornar suas acusações mais plausíveis, maliciosamente pervertem o significado natural desta passagem. O que se diz de Deus, eles transferem para Davi ou para o povo. "Davi, ou povo," dizem, "subiu às alturas quando, animado com muitas vitórias, se tornou superior a seus inimigos." Mas um criterioso exame do salmo revelará que ele deve aplicar-se estrita e unicamente a Deus.

O salmo todo pertence à natureza de um *epinicion*, o qual Davi canta a Deus por conta das vitórias que lhe foram concedidas; mas, aproveitando o ensejo oferecido pelas coisas operadas através de suas mãos, ele menciona de passagem as coisas grandiosas que o Senhor fizera em favor de seu povo. Seu objetivo é mostrar o glorioso poder e benevolência divina na Igreja; e, entre outras coisas, ele diz: "Subiste às alturas." A natureza carnal imagina que Deus jaz

inativo e apático, salvo se ele publicamente executa seus juízos. Na opinião dos homens, quando a Igreja é oprimida, Deus aparenta estar um tanto humilhado; mas quando estende seus braços vingadores para libertá-la, então parece reagir e sobe ao seu tribunal. Esse modo de expressar-se é suficientemente comum e familiar; e, em suma, o livramento da Igreja é aqui denominado *a exaltação de Deus*.

Mas ainda que Paulo via que Davi cantava seu triunfo, impulsionado por todas as vitórias que Deus operara para a salvação de sua Igreja, o fato é que o apóstolo mui apropriadamente acomodou este versículo, acerca da ascensão de Deus, à Pessoa de Cristo. O maior triunfo que Deus já granjeou foi aquele em que Cristo, depois de subjugar o pecado, vencendo a morte e pondo Satanás em fuga, subiu majestosamente ao céu para exercer seu glorioso reinado sobre a Igreja. Até aqui não vemos base alguma para a objeção de que Paulo desviou esta citação de seu significado original dado por Davi. Davi está contemplando a glória de Deus na existência contínua da Igreja; mas nenhuma ascensão de Deus mais triunfante ou mais memorável jamais ocorrerá além daquela em que Cristo subiu para assentar-se à direita do Pai, para subjugar a si todos os principados e potestades e transformar-se no Guardião e Protetor da Igreja.

Levou cativo o cativeiro. 'Cativeiro' é um substantivo coletivo para inimigos cativos; e portanto o apóstolo quer dizer simplesmente que Deus reduziu seus inimigos à sujeição; o que se consumou plenamente mais em Cristo do que de qualquer outra forma. Ele não só derrotou Satanás, o pecado, a morte e o inferno, mas também dos rebeldes ele fez para si, dia a dia, um povo obediente, ao dominar, por meio de sua Palavra, a devassidão de nossa carne. Em

contrapartida, seus inimigos (isto é, todos os ímpios) são mantidos em cativeiro por correntes de ferro, quando, pela ação de seu poder, ele mantém sua fúria dentro dos limites de sua [divina] permissão.

No que se segue há muito mais dificuldade. Pois onde o salmo declara que Deus *recebeu* dons, Paulo reverte o verbo receber para *dar*, e assim parece imprimir ao texto um significa contrário. Não há, porém, nenhuma absurdidade aqui; pois Paulo não estava acostumado a fazer da Escritura citações com exatidão verbal, mas que se contentava em indicar a passagem e em seguida extrair dela a substância. Ora, não há dúvida de que os dons que Davi menciona não eram recebidos por Deus visando a si próprio, e, sim, a seu povo. E, conseqüentemente, está expresso no salmo um pouco antes que o despojo fora dividido entre as famílias de Israel. Visto, pois, que o propósito em receber estava em dar, Paulo de modo algum afastou-se da substância, por mais que ele tenha mudado as palavras.

Todavia, sinto-me inclinado para uma opinião diferente, ou seja: que Paulo propositadamente mudou a terminologia, e não se desviou do salmo, mas adaptou sua linguagem para uma expressão propriamente sua visando à presente ocasião. Havendo citado do salmo umas poucas palavras sobre a ascensão de Cristo, ele adiciona sua própria linguagem – "e deu dons" –, visando a extrair uma comparação entre o menor e o maior. O apóstolo quer mostrar que a ascensão de Deus na Pessoa de Cristo foi muito maior do que os antigos triunfos da Igreja; porquanto é muito mais excelente para um vencedor distribuir todo o seu prêmio generosamente com todos, do que reunir os despojos da conquista.

A explicação de alguns, de que Cristo recebeu do Pai o que deveria distribuir conosco, é forçada e completamente estranha ao argumento. Nenhuma solução, ao meu ver, é mais natural do que esta, ou seja: havendo decidido citar sucintamente este passo do salmo, Paulo concedeu a si mesmo a liberdade de adicionar o que não se encontra no salmo, ainda que, não obstante, proceda realmente de Cristo – em que a ascensão de Cristo é mais excelente e grandiosa do que aquelas antigas glórias de Deus que Davi enumera.

9. Ora, isto – ele subiu. Aqui, novamente, os caluniadores criticam o raciocínio de Paulo como sendo leviano e infantil, quando ele tenta aplicar à real ascensão de Cristo o que fora expresso figurativamente acerca de uma manifestação da glória divina. Quem não sabe, dizem, que o termo 'subiu' é metafórico? Portanto, sua conclusão – **senão que também desceu** –, não é de nenhuma importância.

Minha resposta é que o apóstolo, aqui, não argumenta pelo prisma da lógica, quanto ao que necessariamente se segue ou se pode inferir das palavras do profeta. Ele sabia que o que Davi falou sobre a exaltação de Deus era metafórico. Tampouco, porém, se pode negar que ele sugere que Deus, em certo sentido, se humilhara por algum tempo, porquanto declara que Deus, agora, é exaltado. Paulo faz corretamente essa inferência. E quando Deus desceu mais baixo do que quando Cristo esvaziou-se? Se houve alguma ocasião em que, depois de aparentemente ser humilhado ingloriamente, Deus se exaltou magnificentemente, essa ocasião foi quando Cristo se ergueu de nossa frágil condição e foi recebido na glória celestial. Por isso não devemos inquirir minuciosamente sobre a explicação literal do salmo, visto que Paulo faz mera alusão às palavras do profeta, assim como alhures ele

acomoda um versículo de Moisés ao seu objetivo pessoal, em Romanos 10.6. Mas afora o fato de que Paulo não o aplica à Pessoa de Cristo imprópria e inadequadamente, o final do salmo revela suficientemente claro que o que ele diz ali pertence ao reino de Cristo. Sem mencionar outras coisas, ele contém uma clara profecia acerca da vocação dos gentios.

Às partes mais baixas. Há quem tolamente mude essa cláusula ou para o limbo ou para o inferno, enquanto que Paulo está apenas tratando da condição da presente vida. O argumento que extraem do grau comparativo é por demais frágil. Uma comparação é traçada, não entre uma e outra parte da terra, mas entre a totalidade da terra e do céu; como se quisesse dizer: "Daquela sublime habitação, ele desceu ao nosso profundo abismo."

10. Acima de todos os céus. É como se dissesse: "Para além deste mundo criado." Ao dizer-se que Cristo está no céu, não devemos concluir que ele habita entre os corpos e multidões de estrelas. O céu denota uma região mais elevada do que todas as esferas, a qual foi destinada ao Filho de Deus após sua ressurreição. Não que ela seja estritamente uma região fora do mundo, e, sim, que não podemos falar do reino de Deus exceto segundo nosso próprio modo. Os que consideram, porém, que as expressões: "acima de todos os céus" e "subiu ao céu" significam a mesma coisa, concluem que Cristo não se encontra separado de nós pela distância. Mas não ponderam que quando ele é colocado acima dos céus ou nos céus, exclui-se toda circunferência abaixo do sol e das estrelas, e portanto abaixo de toda a estrututa do mundo visível.

Para que pudesse encher todas as coisas. Encher às vezes significa 'aperfeiçoar', e esse significado não pode

estar presente aqui; porque, por sua ascensão ao céu, Cristo tomou posse do domínio que lhe fora dado pelo Pai, para que ordenasse e governasse todas as coisas pelo exercício de seu poder. Ao meu ver, porém, será mais judicioso conectar essas duas aparentes contradições, as quais, não obstante, são perfeitamente consistentes. Quando ouvimos falar da ascensão de Cristo, surge de imediato à nossa mente que ele foi removido para longe de nós; e na verdade assim é, no tocante ao corpo e presença humanos. Paulo, porém, nos diz que ele se encontra removido de nós quanto à presença corporal, de uma maneira tal que, não obstante, continua enchendo todas as coisas, e isso através do poder de seu Espírito. Sempre que a destra de Deus, que envolve céu e terra, se manifesta, a presença espiritual de Cristo se esterioriza e ele se faz presente através de seu infinito poder; ainda que seu corpo esteja circunscrito ao céu, segundo a afirmação de Pedro [At 3.21].

Vemos que a alusão a uma aparente contradição aperfeiçoa a cláusula. Ele subiu – mas aquele que anteriormente fora confinado a um pequeno espaço foi capaz de encher céu e terra. Ele, porém, não os enchia antes? Em sua divindade, confesso, ele o fez; mas ele não externou o poder de seu Espírito, nem manifestou sua presença, da mesma forma que o fez depois de entrar na posse de seu reino. "pois o Espírito até esse momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado" [Jo 7.39]. E novamente: "Convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei" [Jo 16.7]. Em uma palavra, assim que ele começou a tomar assento à destra do Pai, começou também a encher todas as coisas.

[vv. 11-14]

E ele deu uns para serem apóstolos; e outros, profetas; e outros, evangelistas; e outros, pastores e doutores; para a constituição dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo; até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, até ao homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo; para que não mais sejamos como crianças, inconstantes, levados ao redor por todo vento de doutrina, pela fraudulência dos homens, pela habilidade astuciosa, pelo artifício da impostura.

O apóstolo retorna à dispensação das graças que mencionara e declara com mais clareza o que havia tocado apenas de leve, ou seja, que dessa variedade nasce a unidade na Igreja, como a variedade de tons musicais produz uma doce melodia. Ele enaltece o ministério externo da Palavra a partir da utilidade que ele produz. A suma de tudo é que, visto que o evangelho é proclamado por determinados homens adrede designados para tal ofício, tal fato constitui a economia pela qual o Senhor deseja governar sua Igreja, para que a mesma permaneça a salvo neste mundo e finalmente alcance sua completa perfeição.

Ora, é possível que nos surpreendamos com o fato de que, quando o apóstolo fala dos dons do Espírito Santo, ele enumera os ofícios em vez dos dons. Respondo que, sempre que os homems são chamados por Deus, os dons são necessariamente conectados com os ofícios. Pois Deus não veste homens com máscara ao designá-los apóstolos ou pastores, e, sim, os supre com dons, sem os quais não têm eles como desincumbir-se adequadamente de seu ofício. Portanto, aquele que for designado apóstolo mediante a

autoridade de Deus não exibe um título vazio e inútil; pois ele é investido, ao mesmo tempo, tanto com a autoridade como com a capacidade. Examinemos agora os termos detalhadamente.

11. E ele deu. Primeiramente, ele declara que o fato de a Igreja ser governada pela proclamação da Palavra não constitui uma invenção humana, e, sim, consiste na designação de Cristo. Os apóstolos não inventaram a si próprios, mas foram escolhidos por Cristo; e, ainda hoje, os pastores genuínos não se precipitam temerariamente ao sabor de sua própria vontade, e, sim, são levantados pelo Senhor. Em suma, o apóstolo ensina que o governo da Igreja, por meio do ministério da Palavra, não é engendrado pelo homem, e, sim, é instituído pelo Filho de Deus. Sendo o próprio e inviolável decreto divino, ele [o ministério da Palavra] demanda nosso assentimento; e aqueles que o rejeitam, ou o menosprezam, injuriam e se rebelam contra Cristo, seu Autor. Foi Cristo mesmo quem deu os apóstolo ou pastores; pois se ele não os levantasse, não haveria nenhum. Outra inferência consiste no fato de que nenhum homem estará apto para tão excelente ofício, caso não seja ele formado e produzido por Cristo mesmo. O fato de termos ministros do evangelho, é um dom divino; o fato de distinguirem-se nos dons necessários, é um dom divino; o fato de que se desincumbem da responsabilidade que lhes foi confiada, é igualmente um dom divino.

Uns [para serem] apóstolos. O fato de o apóstolo atribuir um título e ofício a alguns, e outro, a outros, sua referência é sempre àquela diversidade dos membros da qual a plenitude de todo o corpo é formada, de sorte que ele remove a emulação e a inveja e a ambição. Pois quão corrompido se torna o correto uso dos dons, quando cada um se dedica a si

mesmo, quando cada um agrada a si mesmo, quando o menor cultiva inveja do maior! O apóstolo, pois, lhes diz que algo é dado a cada um, que o que cada um tem recebido não é conservado só para si mesmo, mas que deve ser posto para a utilização de todos. Já falamos em 1 Coríntios 12 sobre os ofícios que o apóstolo aqui passa em revista. Aqui ele só dirá qual a explicação que a passagem parece requerer. Mencionam-se cinco tipos de ofícios, ainda que neste ponto, estou consciente, há enorme diversidade de opiniões; pois há quem considere os dois últimos como sendo apenas um ofício. Omitindo, porém, as opiniões de outros, expressarei o meu parecer.

Tomo o termo 'apóstolos' não no sentido geral e segundo sua etimologia, e, sim, em sua significação peculiar, como sendo aqueles a quem Cristo particularmente selecionou e exaltou à mais elevada honra. Tais foram os doze, a cujo número Paulo foi mais tarde agregado. Seu ofício consistia em publicar a doutrina do evangelho por todo o mundo, plantar igrejas e erigir o reino de Cristo. Desse modo não tinham igrejas propriamente a eles confiadas; mas tinham o comum mandato de pregar o evangelho por onde quer que fossem.

Após eles vêm os *evangelistas*, que é um ofício idêntico, porém de uma categoria inferior. Nessa classe incluíam-se Timóteo e aqueles como ele; pois, enquanto Paulo o associa consigo em suas saudações, ele não o inclui no rol dos companheiros de apostolado, senão que reivindica esse título como peculiarmente seu. Portanto, o Senhor os usou como subsidiários aos apóstolos, a quem se aproximavam em categoria.

A essas duas classes Paulo adiciona *profetas*. Por esse título alguns entendem ser atribuído àqueles que possuíam o

dom de predizer eventos futuros, como Ágabo. Mas, de minha própria parte, como a doutrina é o presente tema, eu, antes, o explicaria como fiz em 1 Coríntios 14, significando eminentes intérpretes de profecias que, por um dom único de revelação, aplicavam aos propósitos em mãos. Quanto a mim, porém, não excluo o dom de predição, desde que esteja conectado ao ensino.

Há quem pense que *pastores* e *doutores* denotam um só ofício, visto que não há nenhuma partícula disjuntiva, como nas demais partes do versículo, para distingui-los. Crisóstomo e Agostinho são dessa opinião. Pois o que lemos nos comentários ambrosianos é demasiadamente infantil e indigno de Ambrósio. Em parte concordo com aqueles que dizem que Paulo fala indiscriminadamente de pastores e mestres como se fossem uma só e a mesma ordem; nem nego que o título *doutor*, em certa medida, pertença a todos os pastores. Tal fato, porém, não me move a confundir dois ofícios, os quais sinto diferir um do outro. Doutrinar é dever de todos os pastores, mas há um dom particular de interpretação da Escritura, para que a sã doutrina seja conservada e um homem possa ser doutor mesmo que não seja apto para pregar.

Pastores, ao meu ver, são aqueles a quem é confiada a responsabilidade de um rebanho particular. Não faço objeção a que recebam o título de doutores, desde que compreendamos que existe outra classe de doutores, que superintendem tanto a educação de pastores como a instrução de toda a Igreja. É possível que um homem seja ao mesmo tempo pastor e doutor, mas os deveres [=*facultates*] são diferentes.

Deve-se observar também que, dos ofícios que Paulo enumera, somente os dois últimos são de caráter perpétuo. Porquanto Deus adornou sua Igreja com apóstolos, evangelistas e profetas só por algum tempo, exceto que, onde a religião se encontra sucumbida, ele suscita evangelistas à parte da ordem da Igreja [=*extra ordinem*] para restaurar a pureza da doutrina àquela posição que perdera. Sem pastores e doutores, porém, não pode haver nenhum governo da Igreja.

Os papistas têm sobejas razões em queixar-se de que sua primazia, da que tanto blasonam, é aqui assaltada e insultada. A discussão é sobre a *unidade*. Paulo agrega não só as *razões* que a estabelecem entre nós, mas também os *símbolos* pelos quais é nutrida. Ele chega finalmente ao governo da Igreja. Se ele porventura estivesse consciente de uma primazia com uma sede única, não era seu dever exibir uma só cabeça ministerial colocada acima de todos os membros, sob cujos auspícios somos reunidos numa unidade? Indubitavelmente, ou a omissão de Paulo é inescusável, deixando fora o argumento mais apropriado e poderoso, ou temos de reconhecer que essa primazia é estranha à designação de Cristo. De fato, ele claramente aniquila essa primazia fictícia, quando atribui superioridade exclusivamente a Cristo e sujeita-lhe os apóstolos e todos os pastores, de uma forma tal que são colegas e correligionários uns dos outros. Não há passagem da Escritura que mais poderosamente transtorna essa hierarquia tirânica, na qual uma cabeça terrena é estabelecida. Cipriano seguiu a Paulo e definiu breve e claramente qual é a legítima monarquia da Igreja. Há, diz ele, um só episcopado, aquela parte à qual aderem indivíduos coletivamente [=*in solidum*]. Esse episcopado ele o reivindica exclusivamente para Cristo. Ele delega a indivíduos

a participação de sua administração, e isso coletivamente, para que um só não se exalte acima dos demais.

12. Para a constituição dos santos. Em minha versão segui a Erasmo, não porque aceito sua opinião, mas para que os leitores possam decidir sua preferência, ao compararem sua versão com a Vulgata e com a minha. A Vulgata traz *consummationem* [=*aperfeiçoar*]. O termo grego de Paulo é καταρτισμός, o qual significa literalmente *a mútua adaptação* [=*coaptationem*] de coisas que devem ter simetria e proporção; assim como, no corpo humano, há uma combinação apropriada e regular dos membros; de modo que o termo é também usado para 'perfeição'. Mas como a intenção de Paulo aqui é expressar um arranjo simétrico e metódico, prefiro o termo *constituição* [=*constitutio*]. Pois, estritamente falando, o latim indica uma comunidade, ou reino, ou província, como constituída, quando a confusão dá lugar ao estado regular e legítimo.

À obra do ministério. Deus mesmo poderia ter realizado essa obra, caso o quisesse; no entanto a delegou ao ministério de homens. A intenção aqui é antecipar a seguinte objeção: "Não pode a Igreja ser constituída e adequadamente ordenada sem a operação humana?" Paulo ensina que requer-se um ministério, porque essa é a Vontade de Deus.

Em vez do que escrevera – "a constituição dos santos" –, ele agora insere: **a edificação do corpo de Cristo**, mas com o mesmo sentido. Nossa verdadeira plenitude e perfeição consiste em estarmos unidos no Corpo de Cristo. Ele não poderia ter exaltado o ministério da Palavra mais sublimemente do que atribuindo-lhe este efeito. O que é mais excelente do que formar a verdadeira Igreja de Cristo a fim

de que ela seja estabelecida em sua correta e perfeita integridade? Essa obra, porém, tão admirável e divina, o apóstolo declara, aqui, ser estabelecida pelo ministério da Palavra. Desse fato faz-se evidente que os que negligenciam esses meios e ainda esperam ser aperfeiçoados em Cristo, não passam de seres perversos. Tais são os fanáticos, que inventam para si mesmos revelações secretas do Espírito, bem como os soberbos que acreditam que lhes é suficiente a leitura privativa das Escrituras, não tendo qualquer necessidade do ministério da Igreja.

Se a Igreja é edificada unicamente por Cristo, prescrever o modo como ela deve ser edificada é também prerrogativa dele. Mas Paulo claramente afirma que, em consonância com o mandamento de Cristo, não somos devidamente unidos ou aperfeiçoado senão pela proclamação externa, ao suportarmos o governo e doutrinação dos homens. Eis a regra universal, a qual abrange tanto os mais eminentes como os mais humildes. A Igreja é a mãe comum de todos os piedosos, a qual suporta, nutre e governa, no Senhor, tanto a reis como a seus súditos; e tal coisa é feita através do ministério. Os que negligenciam ou fazem pouco desta ordem pretendem ser mais sábios do que Cristo. Ai de sua soberba! Não negamos que podemos ser aperfeiçoados unicamente pelo poder de Deus, sem a assistência humana. Neste ponto, porém, estamos tratando sobre qual é a vontade de Deus e a designação de Cristo, e não do que o poder de Deus pode fazer. Ao empregar a operação humana na realização da salvação dos homens, Deus não está conferindo aos homens nenhuma honra ordinária. E a melhor forma de promover a unidade é congregar [o povo] para o ensino comunitário, seguindo o critério de um líder.

13. Até que todos cheguemos. Ele agora expande seu enaltecimento anterior do ministério. Já havia dito que através do ministério humano a Igreja é governada e ordenada, a fim de que a mesma seja aperfeiçoada em todos os aspectos. Para evitar que alguém concluísse que isso é necessário só por um único dia, o apóstolo lhes afirma que a sua duração é até ao fim. Ou, em palavras mais claras, ele nos diz que o emprego do ministério não é de caráter temporal, como se fosse uma escola preparatória [=*paedagogia*], mas constante, durante todo o nosso viver neste mundo. Os entusiastas imaginam que o ministério se torna inútil tão logo somos conduzidos a Cristo. Os soberbos, aqueles que querem saber mais do que lhes convém, o desprezam como coisa infantil e elementar. Paulo, contudo, protesta dizendo que devemos perseverar nesse curso até que todas as nossas deficiências sejam supridas; isto é, que devemos progredir até à morte sob o senhorio exclusivo de Cristo, para que não sejamos envergonhados em sermos os discípulos da Igreja, à qual Cristo confiou esse dever.

Na unidade da fé. Mas, não deve a unidade da fé reinar entre nós desde o início? Ela reina, sim, reconheço, entre os filhos de Deus, mas não tão perfeitamente que os mantenha reunidos. A fraqueza de nossa natureza é de tal porte, que é preciso que a cada dia alguém se aproxime mais dos outros e todos se aproximem mais de Cristo. A expressão 'encontrar-se' sugere aquela união mais estreita que ainda aspiramos, e que jamais alcançamos até que nossa natureza carnal, que está sempre envolvida em infindáveis resquícios de ignorância e descrença, seja desfeita.

O que se segue – **no conhecimento do Filho de Deus** – considero como sendo uma explicação. Pois o apóstolo

queria explicar qual é a natureza da verdadeira fé e quando ela existe, ou seja, quando o Filho de Deus é conhecido. Pois é a ele só que a fé deve buscar, dele só depender, nele só repousar e terminar. Se ela tentar ir além, então desaparecerá, pois não mais será fé, e, sim, uma ilusão. Lembremo-nos de que a fé genuína está então contida em Cristo, que ela não sabe, nem deseja saber, nada mais além dele.

Ao homem perfeito. Essa cláusula deve ser lida como uma aposição, como se o apóstolo quisesse dizer: "Qual é a perfeição mais sublime dos cristãos? E por que isso é assim?" A humanidade perfeita está em Cristo. Os insensatos não buscam sua perfeição em Cristo como deviam. Entre nós deve haver o seguinte princípio: que tudo quanto se encontra fora de Cristo é nocivo e destrutivo. Qualquer pessoa que esteja em Cristo, em todos os aspectos é ela perfeita.

Medida da estatura significa a idade completa ou madura. *Nenhuma menção é feita à senilidade, porquanto em tal* progresso não há lugar para ela.

14. Para que não mais sejamos como crianças. Como havia falado da idade plenamente desenvolvida, em direção à qual prosseguimos ao longo de todo o curso de nossa vida, então nos fala que, durante tal progresso, não devemos portar-nos como crianças. Ele assim estabelece um período interveniente entre a infância e a maturidade. Crianças são aqueles que ainda não deram um passo no caminho do Senhor, senão que hesitam, que não determinaram ainda que rumo devem tomar, mas que se movem às vezes numa direção e às vezes noutra, sempre duvidosos, sempre ziguezagueando. Mas os que estão plenamente fundamentados na doutrina de Cristo, embora ainda imperfeitos, possuem tanta sabedoria e vigor que têm como escolher o que é melhor, bem como

prosseguem firmemente no curso certo. Assim a vida dos crentes, almejando constantemente alcançar seu estado designado [por Deus], se assemelha ao período da adolescência. Portanto, ao dizer que nesta presente vida jamais somos pessoas adultas, tal fato não deve ser levado para o outro extremo, como se não houvesse, por assim dizer, nenhum progresso para além da infância. Após havermos nascido em Cristo, temos que crescer a fim de não mais sermos crianças no entendimento. Daí patentear-se que tipo de cristianismo existe sob o domínio do papado, onde os pastores usam o máximo de seu poder para manter o povo em absoluta infância.

Inconstantes, levados ao redor. Fazendo uso de duas elegantes metáforas, o apóstolo ilustra a miserável hesitação daqueles que não descansam inabalavelmente na Palavra do Senhor. A primeira é tomada de pequenas embarcações, batidas pelas ondas do mar aberto, sem conseguir manter o curso certo, sem ser guiadas pela habilidade nem pelo plano, e, sim, levadas ao léu pela tempestade. Em seguida ele os compara com as palhas ou outros elementos leves, os quais são rodopiados pela força do vento a soprar em círculo ou em direções opostas. Assim são movidas as pessoas inconstantes cujas bases não se encontram na eterna verdade de Deus. Eis o justo castigo aplicado contra todos aqueles que olham mais para os homens do que para Deus. Paulo, em contrapartida, declara que a fé que repousa na Palavra de Deus permanece inabalável contra todas as investidas de Satanás.

Por todo vento de doutrina. O apóstolo faz uso de uma bela metáfora – *vento* – para qualificar as doutrinas dos homens, pelas quais somos afastados da simplicidade do evangelho. Deus nos deu sua Palavra na qual, quando fincamos

bem as raízes, permanecemos inamovíveis; os homens, porém, fazendo uso de suas invenções, nos extraviam em todas as direções.

Ao adicionar: **pela fraudulência dos homens**, a intenção do apóstolo é dizer que sempre haverá impostores que ameaçam e atacam nossa fé; porém, se porventura estamos armados com a Verdade de Deus, eles fracassarão. Ambas as partes deste fato devem ser criteriosamente observadas, a saber: quando novas seitas ou dogmas ímpios surgem, muitos ficam alarmados. Mas Satanás jamais descansa enquanto não envida esforço para obscurecer, com suas mentiras, a santa doutrina de Cristo, e a vontade de Deus é que nossa fé seja provada com tais conflitos. Em contrapartida, ao ouvirmos que o melhor e mais eficaz antídoto contra todos os erros consiste em levar avante essa doutrina que temos aprendido de Cristo e seus apóstolos, certamente que isso não constitui uma consolação de pouca importância.

Daqui se faz evidente quão imensa e maldita é aquela impiedade do papado que consiste em remover da Palavra de Deus toda a certeza e em negar qualquer outra firmeza da fé além da dependência posta na autoridade dos homens. Ensinam que, se alguém é atingido pela dúvida, é inútil consultar a Palavra de Deus; ele deve conformar-se com os decretos da Igreja. Nós, porém, que abraçamos a lei, os profetas e o evangelho, não tenhamos dúvida de que receberemos o fruto de que Paulo fala – toda a fraudulência dos homens não nos causará dano. Eles nos atacam, sim, mas não prevalecerão. Reconheço que devemos sair em busca da sã doutrina da Igreja, porquanto Deus a confiou à sua responsabilidade. Mas quando os papistas, sob a máscara da Igreja, sepultam a doutrina, dão suficiente prova de que pertencem à sinagoga de Satanás.

O termo grego, κυβεία, o qual traduzi por *astúcia*, é extraído dos jogadores de dados, que usam muitos truques fraudulentos, muitas artes de ilusionismo. Ele acrescenta πανουργία, significando que os ministros de Satanás são hábeis no uso de fraude; e o apóstolo prossegue dizendo que eles são sempre vigilantes em seu intuito de seduzir. Tudo isso deve despertar e aguçar nossa prudência, não negligenciando os benefícios provindos da Palavra de Deus, a fim de não cairmos nos laços de nossos inimigos e termos que enfrentar o severo castigo devido à nossa indolência.

[vv. 15-16]

Falando, porém, a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, efetua o crescimento do corpo para edificação de si mesmo em amor.

15. Falando, porém, a verdade. Ele já havia ensinado que não devemos ser crianças, destituídos de razão e de são juízo. Para confirmá-lo, ele agora nos manda que cresçamos na verdade. Isso é o que eu já havia dito, ou seja: embora não tenhamos ainda chegado à idade adulta, estamos, de alguma forma, no último período da infância [=*pueri maiores*]. A verdade de Deus deve estar em nós de uma forma tão sólida, que todos os obstáculos e ataques de Satanás jamais nos moverão de nossa posição; entretanto, como na presente vida não atingiremos pleno e completo vigor, é mister que façamos progresso até à morte.

O apóstolo chama a atenção para a meta desse progresso, ou seja: que só Cristo pode ser o Líder entre nós e que tão-somente nele podemos ser fortes e grandes. Além disso,

vemos aqui que ninguém é excetuado; todos são forçados, cada um em seu posto, a sujeitar-se ao corpo.

O que, pois, é o papado senão um corcunda deformado que destrói toda a simetria da Igreja, quando um só homem, levantando-se contra a Cabeça, se exime do número dos membros? Os papistas negam tal fato, e pretendem que o papa é apenas uma cabeça ministerial. Mas não vão escapar usando esse sofisma. A tirania de seu ídolo é completamente contrária a essa ordem que Paulo aqui recomenda. Sumariando, só Cristo deve crescer, e todos os demais devem decrescer, a fim de que a Igreja seja bem ordenada. Seja qual for o crescimento que obtemos, ele deve ser regulado na proporção em que permanecemos em nosso próprio lugar e sirva para enaltecer a Cabeça.

Quando nos concita a prestar atenção à verdade em amor, ele usa a preposição 'em'; 'com', no estilo hebraico. Pois ele não quer que indivíduos se devotem a si mesmos, senão que associem diligência pela verdade com preocupação pela comunhão mútua, a fim de progredirem pacificamente. À luz da autoridade de Paulo, essa harmonia deve ser de tal natureza, que os homens não negligenciarão a verdade, nem a desconsiderarão com o fim de fazer uma combinação segundo seu próprio arbítrio. Isso refuta a perversidade dos papistas, os quais descartam a Palavra de Deus e tentam forçar-nos a fazer o que eles querem.

16. De quem todo o corpo. Ele confirma, mediante as melhores razões, que todo o nosso desenvolvimento deve levar-nos a enaltecer de forma muito mais sublime a glória de Cristo. É ele quem nos supre de todas as coisas; é ele quem nos guarda incólumes, de modo a não sentirmos segurança alguma exceto nele. Pois assim como toda árvore

produz seiva proveniente das raízes, assim também ele ensina que todo o vigor que possuímos provém de Cristo. Há três coisas a serem notadas aqui. A primeira consiste no que já declarei. Toda a vida ou saúde que se difunde através dos membros emana da Cabeça; de sorte que os membros são apenas assistentes. A segunda consiste em que, mediante distribuição, a limitada participação de cada um demanda comunicação entre si. A terceira consiste em que, sem o amor mútuo, o corpo não pode desfrutar de saúde. E assim ele diz que, através dos membros, como que através de condutos, da Cabeça flui tudo quanto é necessário para a nutrição do Corpo. Também diz que, enquanto essa conexão está em vigor, o Corpo é vivo e saudável. Além do mais, ele atribui a cada membro seu próprio modo de ser.

Finalmente, o apóstolo mostra que a Igreja é edificado pelo amor: **para a edificação de si mesmo**. Isso significa que nenhum crescimento é de utilidade quando não corresponde a todo o corpo. A pessoa que deseja crescer isoladamente está equivocada. Pois que proveito traria [ao corpo] se uma perna ou um braço se desenvolvesse desmedidamente, ou uma boca fosse grande demais? Seria ele simplesmente afligido como se tivesse presente um tumor maligno. Portanto, caso queiramos ser considerados em Cristo, que nenhum de nós seja tudo para si mesmo, senão que, tudo quanto venhamos a ser, sejamos em relação uns aos outros. Isso só pode ser realizado pelo amor; e onde o amor não reina, também não existe edificação para a Igreja, senão mera dispersão.

[vv. 17-19]

Portanto digo isso, e testifico no Senhor, que não mais andeis como também andam os demais gentios, na vaidade de sua

mente, entenebrecidos em seu entendimento, alienados da vida de Deus por causa da ignorância que há neles, por causa da cegueira de seu coração; os quais, tendo-se tornado insensíveis, entregaram-se à lascívia para cometerem com avidez toda sorte de impureza.

17. Portanto digo isso. Depois de tratar do governo que Cristo ordenou para a edificação de sua Igreja, o apóstolo agora lhes assegura quais frutos seu ensino deve produzir na vida dos cristãos; ou, se se preferir, começa explicando minuciosamente a natureza daquela edificação que deve proceder da doutrina.

Ele primeiro os lembra da vaidade dos incrédulos, argumentando a partir dos opostos. Pois aqueles que têm sido instruídos na escola de Cristo e iluminados pela doutrina da salvação, e que seguissem ainda a vaidade dos incrédulos, sem ser-lhes diferentes em nada, possuindo a cegueira de quem nenhuma luz da verdade viu resplandecer, seria completo absurdo. Por isso ele mui apropriadamente conclui do que havia dito, que a vida deles deve demonstrar que não se tornaram discípulos de Cristo em vão. Para tornar sua exortação ainda mais enérgica, ele lhes roga, em nome de Deus, dizendo-lhes que, se desprezassem esta instrução, um dia teriam que prestar contas.

Como também andam os demais gentios. O apóstolo tem em mente aqueles que não haviam ainda se convertido a Cristo. Mas, ao mesmo tempo, ele assegura aos efésios quão necessário era que se arrependessem, visto que, por natureza, se assemelham às pessoas perdidas e condenadas. É como se dissesse: "A condição miserável e chocante dos outros gentios vos incita a uma mudança de mente." Sua intenção é diferenciar os crentes dos descrentes, e salientar, como

veremos, as causas dessa diferença. Quanto aos descrentes, ele condena sua mente dominada pela vaidade. E que nos lembremos de que ele fala em termos gerais de todos quantos não haviam ainda nascido do Espírito de Cristo.

O apóstolo declara que a mente humana é vaidosa. Ora, a mente é a parte que retém a primazia na vida humana; é a sede da razão; ela preside a vontade e restringe os desejos viciosos. De tal modo que ela é chamada de 'Rainha' pelos teólogos da Sorbonne. Mas Paulo a faz consistir de nada senão de vaidade; e, como se não o houvera expresso com suficiente veemência, ele não atribui melhor título à sua filha – διάνοια. É assim que interpreto essa palavra; porque, embora signifique *pensamento* [=*cogitatio*], contudo, como está grafada no singular, ela se refere à própria faculdade. Platão, próximo do final do sexto livro de *A República*, destina-lhe uma posição intermédia entre νοήσις καὶ πίστις; mas seu ensino se encontra confinado demais à geometria para dar margem a que se aplique a esta passagem. Havendo anteriormente asseverado que os homens nada vêem, Paulo agora acrescenta que eles são cegos em seu raciocínio, principalmente nas questões mais sublimes.

Ora, onde ficam as bases para que os homens se ensoberbeçam de seu livre-arbítrio, cujo governo é aqui estigmatizado com tal miséria? A experiência, porém, aparentemente, é francamente contrária a essa tese; pois os homens não são cegos demais para que não possam nada ver, nem tão fúteis que sejam carentes de todo juízo. Eis minha resposta: no tocante ao reino de Deus e a tudo quanto se acha relacionado à vida espiritual, a luz da razão humana difere pouquíssimo das trevas; pois, antes de ser-lhe mostrado o caminho, ela é extinta; e sua perspicácia não é mais digna do

que a cegueira, pois quando vai em busca do resultado, ele não existe. Pois os princípios verdadeiros são como as centelhas; essas, porém, são apagadas pela depravação da natureza antes que sejam postas em seu verdadeiro uso. Por exemplo, todos sabem que existe um Deus e que devemos cultuá-lo; mas tal é o vício e a ignorância que reinam em nós, que desse confuso conhecimento passamos imediatamente para um ídolo, e assim o adoramos no lugar de Deus. E até mesmo no culto devido a Deus, nos desviamos, particularmente na primeira tábua da lei.

Quanto à segunda objeção, nosso juízo deveras concorda com o governo divino no que concerne às ações externas; a concupiscência, porém, a fonte de todos os males, está oculta de nós. Além disso, notamos que Paulo não fala meramente da cegueira natural, a qual nos é inerente desde o ventre materno; mas refere-se também a uma cegueira muito mais grave, pela qual, como veremos, Deus pune as transgressões anteriores. Finalmente, a razão e o entendimento que os homens possuem os fazem inescusáveis aos olhos de Deus; porém, desde que lhes é permitido viver segundo sua própria disposição, outra coisa não podem fazer senão andar ao léu, escorregar e tropeçar em seus propósitos e ações. Daí tornar-se óbvio que estimativa e valor o falso culto tem aos olhos de Deus, quando o mesmo procede do abismo da vaidade e do labirinto da ignorância.

18. Alienados da vida de Deus. "A vida de Deus" pode ser cosiderada de duas maneiras: ou o que é considerado vida aos olhos de Deus (como a glória de Deus, Jo 12.43), ou aquela vida que Deus comunica a seus eleitos pela operação do Espírito de regeneração. Seja qual for a escolha do leitor, o significado é o mesmo e não se contradiz. Nossa vida

ordinária como seres humanos nada é senão uma imagem vazia de vida, não só porque ela rapidamente passa, mas também porque, enquanto vivemos, nossas almas, não aderindo a Deus, estão mortas. Sabemos que há três graus de vida neste mundo. A primeira é a vida universal, que consiste só de impulso e sensibilidade, a qual compartilhamos com os animais. A segunda é a vida humana, a qual possuímos como filhos de Adão. E a terceira é aquela vida supernatural, a qual só os crentes obtêm. E todas elas são de Deus, de sorte que se pode chamar a cada uma *vida de Deus*. Quanto à primeira, Paulo, em seu sermão em Atos 17.28, diz: "Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos." E o Salmo 104.30: "Envias o teu Espírito, e são criados; e assim renovas a face da terra." Quanto à segunda, temos Jó 10.12: "Vida e misericórdia me tens concedido, e a tua providência me tem conservado o espírito."

A regeneração dos crentes, porém, é aqui chamada, *par excellence*, a vida de Deus, visto que, então, Deus vive propriamente em nós e desfrutamos sua vida, quando ele nos governa mediante seu Espírito. De tal vida, todos os homens mortais que não se tornam novas criaturas em Cristo, Paulo declara que estão destituídos. Enquanto, pois, permanecemos na carne, isto é, em nós mesmos, quão miserável será nossa condição! Desse fato podemos avaliar todas as virtudes morais, como são chamadas; pois, que sorte de ações produzirá essa vida que Paulo afirma não ser a vida de Deus? Antes que o bem possa proceder de nós, devemos, antes de tudo, ser renovados pela graça de Cristo. Esse será o início de uma genuína, por assim dizer, vida vital.

É mister que atentemos para a razão que é imediatamente adicionada: **Por causa da ignorância**. Porque, como o

conhecimento de Deus é a genuína vida da alma, assim, ao contrário, a ignorância é a sua morte. E para que não se cresse que a ignorância é um mal acidental (como os filósofos julgam que os erros vêm de outra fonte), Paulo mostra que suas raízes estão na cegueira do coração humano; e assim ele sugere que a cegueira habita em sua própria natureza. A primeira cegueira, pois, que ocupa a mente humana, é o castigo do pecado original; porque Adão, após sua rebelião, ficou privado da verdadeira luz divina, na ausência da qual nada há senão tremenda escuridão.

19. Os quais, tendo se tornado insensíveis. Havendo discutido sobre os pecados naturais, o apóstolo agora traz a lume o pior de todos os males, engendrado nos homens por seus próprios males que, tendo-se embrutecido e a sensibilidade extinta de suas consciências, entregaram-se a todo gênero de iniqüidade. Somos por natureza corruptos e inclinados ao mal; não só isso – somos totalmente devotados ao mal! Aqueles que vivem destituídos do Espírito de Cristo são complacentes consigo mesmos e têm as rédeas frouxas, até que, de ofensa em ofensa, atraem sobre si mesmos a ira de Deus. Não obstante o Senhor ferretoar suas consciências, não alcança êxito algum; antes, elas se tornam cada vez mais insensíveis ante toda e qualquer admoestação. À vista de tal obstinação, merecem ser irremediavelmente rejeitados por Deus.

O sinal dessa rejeição está na insensibilidade que já mencionamos. Inatingíveis por qualquer temor de juízo, quando ofendem a Deus, prosseguem tranqüilos, e, itimoratamente, se deleitam, se regalam e se gabam. Não sabem o que é pudor; não sabem o que é cuidar de sua própria honra. O tormento de uma consciência culposa, torturada pelo

horror do juízo divino, pode comparar-se ao pórtico do inferno; mas uma falsa segurança e a pândega são um mortal sorvedouro. Como diz Salomão: "Quando o ímpio chega ao abismo, ele o despreza" [Pv 18.3]. Paulo, portanto, está certo em exibir aquele terrível exemplo de vingança divina, em que os homens, desamparados por Deus, tendo suas consciências adormecidas, destruído todo o temor do juízo divino e descartada toda a sensibilidade, se lançam com a violência dos brutos a todo gênero de perversidade. Isso não é universal. Deus, por sua infinita benevolência, ainda restringe muitos dos réprobos, para que o mundo não seja enredado em fatal confusão. Conseqüentemente, essa franca luxúria, essa irrefreável intemperança, não se manifesta em todos. Basta, porém, que a vida de alguns apresente tal aspecto [=*speculum*], para que também temamos que algo semelhante nos suceda.

Tomo *lascívia* no sentido de desregramento com que a carne se precipita na intemperança e licenciosidade, quando não é controlada pelo Espírito de Deus. *Impureza* expressa todo gênero de pecados grosseiros. Finalmente, o apóstolo adiciona: *com avidez*. O termo grego às vezes significa *cobiça*, e é assim explicado por alguns nesta passagem; mas não de forma bem apropriada. Os desejos depravados e ímpios não se satisfazem, e por isso Paulo junta, em forma de apêndice, a *avidez*, que é o oposto de moderação.

[vv. 20-24]

Mas não foi assim que aprendestes a Cristo; se é que, de fato, o tendes ouvido e nele fostes instruídos, segundo é a verdade em Jesus, no sentido de que, quanto à forma de vida passada, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos

renoveis no espírito de vossa mente, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e santidade procedentes da verdade.

O apóstolo agora mostra as antíteses da vida cristã, com o fim de tornar evidente quão indigno é que o cristão se associe com as impurezas dos gentios. Visto que os gentios andam em trevas, não são capazes de distinguir entre o certo e o errado; mas aqueles em quem a verdade de Deus brilha devem viver de uma forma muito diferente. Não surpreende, pois, que aqueles para quem a ilusão dos sentidos é sua norma de vida se envolvam em imundas concupiscências; a doutrina de Cristo, porém, nos ensina a renunciar nossas disposições naturais. Aquele cuja vida não faz diferença alguma da vida dos incrédulos, na verdade nada aprendeu de Cristo; pois o conhecimento de Cristo não pode ser dissociado da mortificação da carne.

Além disso, a fim de despertar ainda mais sua atenção e solicitude, o apóstolo não só afirma que haviam ouvido de Cristo, senão que fala ainda com mais veemência: **e nele fostes instruídos**; como se quisesse dizer que essa doutrina não fora realçada de forma superficial, mas fora com propriedade apresentada e explicada.

21. Segundo é a verdade. Nesta cláusula, o apóstolo reprova aquele evanescente conhecimento do evangelho, com que muitos vãmente se enchem sem ter qualquer experiência da novidade de vida. Acreditam que são excessivamente sábios; o apóstolo, porém, declara que tal opinião não passa de conceito falso e equivocado. Ele apresenta um duplo conhecimento de Cristo, o qual é verdadeiro e genuíno, e o outro que não passa de simulacro e espúrio. Não que na realidade haja dois gênero de conhecimento, senão que a

maioria das pessoas se persuade de que elas conhecem a Cristo, enquanto que nada conhecem senão o que é carnal. Assim como em 2 Coríntios Paulo diz: "Se alguém está em Cristo, nova criatura é" [2 Co 5.17], também aqui ele nega que haja algum conhecimento de Cristo, genuíno e sincero, a não ser aquele que é acompanhado pela mortificação da carne.

22. Que vos despojeis. O apóstolo exige que o cristão experimente o arrependimento, ou a novidade de vida, o que ele associa com a auto-renúncia e com a regeneração procedente do Espírito Santo. Partindo do primeiro, ele nos ordena a despojarmo-nos, ou a despirmo-nos, do velho homem. Ele usa com freqüência a metáfora do vestuário, e sobre isso fizemos alusão em outra parte [Rm 13.14]. O velho homem, segundo ensinamos no sexto capítulo de Romanos [6.6] e outras passagens, significa a disposição natural que trazemos do ventre de nossa mãe. Através de duas pessoas, Adão e Cristo, o apóstolo nos apresenta aquilo que podemos chamar de *duas naturezas*. Como primeiro nascemos de Adão, a depravação da natureza que herdamos dele é chamada *velho homem*; e como em Cristo nascemos segunda vez, a correção dessa natureza pecaminosa é chamada *novo homem*. Em suma, aquele que deseja despir-se do velho homem terá que renunciar sua natureza. Aqueles que supõem que o apóstolo, ao usar os termos 'velho' e 'novo', faz alusão ao Velho e ao Novo Testamentos, não passam de maus filósofos.

Com o fim de fazer ainda mais evidente que essa exortação dirigida aos efésios não era supérflua, o apóstolo os lembra de sua vida pregressa. Como se dissesse: "Antes que Cristo se vos revelasse, o que reinava em vós era o velho homem; e, portanto, se quereis desfazer-vos dele, tereis que renunciar vossa vida pregressa."

Que se corrompe. Ele descreve o velho homem pelo prisma dos frutos, ou seja, dos desejos depravados, os quais atraem os homens à destruição; pois seu verbo, 'se corrompe', se relaciona com 'a velhice', pois a velhice está às portas da corrupção [=*decomposição do corpo*]. Requer-se prudência, pois, para entender-se concupiscência só no sentido de luxúrias grosseiras e visíveis, como fazem os papistas, cuja maldade é patente a todos os homens; mas é mister que se compreenda nas entrelinhas também aquelas coisas que, em vez de serem censuradas, são às vezes aplaudidas, tais como a ambição, a astúcia, bem como tudo o que procede ou do egoísmo ou da suspeita.

23. E vos renoveis. A segunda parte da norma de uma vida piedosa e santa consiste em vivê-la, não pelo vigor de nosso próprio espírito, e, sim, pelo poder do Espírito de Cristo. Qual, pois, é o sentido de *no espírito de vossa mente*? Tomo-o simplesmente como se o apóstolo quisesse dizer: "Sede renovados, não só a respeito dos apetites ou desejos inferiores, os quais são manifestamente pecaminosos, mas também daquela parte da alma considerada a mais nobre e excelente." E aqui outra vez o apóstolo apresenta aquela rainha que os filósofos quase adoram. Há um contraste implícito entre o espírito de nossa mente e o divino e celestial Espírito, o qual gera em nós uma outra e nova mente. Quanto existe em nós que é saudável ou não corrompido pode-se facilmente deduzir do seguinte: que Deus nos ordena a corrigir principalmente a razão ou mente, na qual não parece haver nada além de virtude e excelência.

24. E que vos revistais do novo homem. Podemos explicá-lo assim: "Revesti-vos do novo homem, que consiste simplesmente em ser renovado no espírito ou interiormente.

E sede plenamente renovados, começando com a mente, que parece ser a parte mais inatingível por qualquer pecado." O que é adicionado acerca da criação pode referir-se ou à primeira criação do homem ou à transformação efetuada pela graça de Cristo. Ambas as explicações são procedentes. Adão foi inicialmente criado à imagem de Deus, para que pudesse refletir, como por um espelho, a justiça divina. Mas aquela imagem, havendo sido apagada pelo pecado, tem que ser agora restaurada em Cristo. A regeneração dos santos, na verdade, outra coisa não é, à luz de 2 Coríntios 3.18, senão a reforma da imagem de Deus neles. Mas a graça de Deus, na segunda criação, é muito mais rica e poderosa do que na primeira. Todavia, a Escritura apenas leva em conta que nossa mais elevada perfeição consiste em nossa conformidade e semelhança com Deus. Adão perdeu a imagem que originalmente recebera; portanto, é necessário dizer que ela nos será restaurada por meio de Cristo. Por isso o apóstolo ensina que o propósito na regeneração é guiar-nos de volta do erro àquele fim para o qual fomos criados.

Em justiça. Se o leitor considerar *justiça*, em termos gerais, como sendo retidão, a santidade será algo mais elevado, como sendo aquela pureza pela qual somos consagrados a Deus. Sinto-me mais inclinado a fazer a seguinte distinção: *santidade* pertence à primeira tábua da lei, e *justiça*, à segunda, como no cântico de Zacarias: "de conceder-nos que, livres da mão de inimigos, o adorássemos sem temor, em santidade e justiça perante ele, todos os nossos dias" [Lc 1.74,75]. Platão também ensina corretamente que ὁσιότης [=*santidade*] tem a ver com o culto divino, enquanto que a outra parte, a justiça, tem a ver com os homens. O genitivo, de fato, é posto no lugar de um adjetivo, e refere-

se tanto à justiça quanto à santidade. O apóstolo nos exorta que é mister sinceridade na prática de ambas, visto que temos a ver com Deus, a quem nenhuma pretensão enganará.

[vv. 25-28]

Por isso, pondo de lado a falsidade, fale cada um a verdade com seu próximo, porque somos membros uns dos outros. Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira, nem deis lugar ao diabo. Aquele que furtava, não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado.

25. Por isso, pondo de lado a falsidade. Dessa categoria de doutrina, ou seja, da justiça do novo homem, flui todas as exortações piedosas, como um ribeiro de uma fonte. Pois se todos os preceitos para a vida fossem coletados, fariam muito pouco sem este princípio. Os filósofos têm outro método; na doutrina da piedade, porém, esse é o único caminho para conferir vida a alguém. Agora, pois, seguem-se exortações particulares, as quais Paulo extrai da doutrina geral. E antes de tudo ele põe a genuína justiça e santidade na veracidade do evangelho. Ele agora argumenta do geral para o particular, dizendo que devemos ser fiéis uns aos outros. *Mentira* [=*falsidade*], aqui, é usado para todo gênero de fraude, engano, ou astúcia; e *verdade*, para simplicidade. Ele exige sincera comunhão entre eles em todos os seus negócios. E adiciona também esta confirmação: **porque sois membros uns dos outros**. Pois seria uma monstruosidade que os membros não desfrutassem de harmonia entre si, e ainda mais agindo fraudulentamente uns contra os outros.

26. Irai-vos. Não se tem certeza se o apóstolo tinha ou não o Salmo 4 em mente. Pois essas palavras ocorrem na tradução grega. Mas alguns preferem 'tremei-vos'. O verbo

hebraico רָגַז significa ser agitado pela ira ou pelo temor. À luz do contexto do salmo, o sentido será apropriado. "Ó homem, até quando tornareis a minha glória em vexame, e amareis a vaidade, e buscareis a mentira?" [v. 2]. Pois em Gênesis 45.24 a palavra é 'contender' ou 'discutir'. Portanto, ele quer que se preocupem em contender com seus próprios espíritos e assim cessem com os furiosos distúrbios.

Em minha opinião, Paulo faz mera alusão à passagem pela seguinte razão. Há três erros com os quais, ao ficarmos irados, ofendemos a Deus. O primeiro é quando nos iramos por causas sem importância, e às vezes por nada, ou nos comovemos por injúrias ou ofensas pessoais. O segundo é quando vamos longe demais, e nos deixamos levar pelo excesso emocional. O terceiro é quando nossa ira, que deveria ser direcionada contra nós próprios ou contra nossos pecados, se volta contra nossos irmãos. Mais apropriadamente, pois, Paulo, quando desejava descrever a limitação da ira, empregava a notória passagem: *Irai-vos, e não pequeis*. Isso fazemos, se porventura buscamos em nós mesmos o objeto de nossa ira, e não nos outros, se porventura derramamos nossa indignação contra nossos próprios erros. Quanto aos outros, que nos iremos contra seus erros em vez de nos irarmos contra suas pessoas; nem devemos ceder-nos ao excesso de ira por ofensas pessoais; mas que seja o zelo pela glória de Deus o que inflame nossa ira. Finalmente, que nossa ira seja aplacada, para que não suceda que ela se mescle com os violentos afetos carnais.

Não se ponha o sol. Nem sempre isso é possível, senão que às vezes damos vasão ao ímpeto mal e à ira pecaminosa, que é a propensão natural do coração humano para o mal. Paulo, pois, traz a lume um segundo antídoto, ou seja: que

pelo menos subjuguemos prontamente nossa ira, e não deixemos que sua constância nos caleje. O primeiro é: "Irai-vos, e não pequeis"; mas, como a grande debilidade da natureza humana torna isso muitíssimo difícil, o antídoto seguinte consiste em não acalentarmos excessivamente a ira em nossas mentes, ou não deixarmos que ela, com o tempo, se torne muito forte. Portanto, a seguir ele ordena: "não se ponha o sol sobre a vossa ira"; com isso querendo dizer que, se acontecer de nos irarmos, que envidemos esforço para apaziguá-la antes que o sol se ponha.

27. Nem deis lugar. Estou a par de como alguns explicam essa cláusula. Erasmo, usando o termo 'caluniador', mostra patentemente que ele compreendia bem da malícia humana. Mas não tenho dúvida de que Paulo estava nos advertindo a nos precavermos para que Satanás não tomasse posse de nossas mentes, como um inimigo que toma posse de uma fortaleza e faz o que bem lhe apraz. Sentimos todos os dias quão incurável é a doença do ódio prolongado, ou, pelo menos, quão penoso é curá-lo. Qual é a causa desse mal, senão que, em vez de resistir o diabo, entregamos-lhe a posse de nossos corações? Portanto, antes que nosso coração se encha com a peçonha do ódio, a ira deve ser expulsa em tempo hábil.

28. Aquele que furtava. Isso tem a ver não só com os furtos mais graves, os quais são punidos pelas leis, mas também com aqueles que são de natureza mais secreta, os quais não se expõem ao juízo humano, todo gênero de depravação movidos pelo qual nos apoderamos de alguma propriedade alheia. Mas o apóstolo não nos incita simplesmente a abster-nos de qualquer apreensão injusta e indébita de bens alheios, mas também a prestar assistência a nossos irmãos, quanto estiver em nosso poder fazê-lo. "Vós,

que furtáveis, não só deveis ganhar a vida com o labor lícito e inofensivo, mas também deveis repartir com o próximo." Primeiramente, ele nos prescreve esta norma, para que não supramos nossas necessidades às expensas de nossos irmãos, mas também para sustentarmos a vida com o labor honesto. E assim o amor nos leva a fazer muito mais. Ninguém pode viver exclusivamente para si mesmo e negligenciar o próximo. Todos nós temos de devotar-nos à ação de suprir as necessidades do próximo.

Todavia, é possível que se pergunte se Paulo está a obrigar a todos os homens a trabalhar com as próprias mãos. Isso seria algo muito desagradável. Respondo que o significado dos termos é muito simples, se devidamente considerados. Ele proíbe o furto a todas as pessoas; mas muitos preferem a pobreza. Ele antecipa essa escusa, dizendo-lhes que trabalhassem com as próprias mãos. Como se dissesse: "Nenhuma condição, por mais dura ou desagradável que seja, justifica qualquer injúria ao próximo; ou, ainda mais, a ninguém isenta do socorro devido às necessidades de seus irmãos."

Ele amplia esta última cláusula. Ela contém um argumento do maior para o menor – **o que é bom**. Como há muitas ocupações que pouco valem para socorrer os homens em seus deleites lícitos, o apóstolo recomenda-lhes que escolham aquelas que tragam benefício a si e a seu próximo. Nem precisamos admirar-nos disso, pois se aquelas classes voluptuosas de ocupações que só podem trazer corrupção eram denunciadas pelos pagãos, dentre eles Cícero, como sendo em extremo vergonhosas, um apóstolo de Cristo as incluiria para que figurassem entre as ocupações lícitas recomendadas por Deus?

[vv. 29-31]

Não saia de vossa boca nenhuma palavra torpe; e, sim, unicamente a que for boa para edificação, e, assim, transmita graça aos que ouvem. E não entristeçais o Espírito de Deus, por meio de quem fostes selados para o dia da redenção. Longe de vós toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, bem como toda malícia.

29. Nenhuma palavra torpe. Primeiramente, ele elimina toda expressão torpe da linguagem dos crentes, compreendendo por essa nomenclatura tudo aquilo que provoca excitamento erótico que costuma infeccionar a mente humana com a luxúria. Não satisfeito com a remoção dos vícios, o apóstolo lhes ordena que adequassem sua linguagem à edificação, como em Colossenses: "Sejam vossas palavras temperadas com sal" [Cl 4.6]. Aqui ele usa uma frase diferente**: o que é bom para a edificação**; o que significa simplesmente: "o que é útil". O genitivo, 'de utilidade', não deixa dúvida no idioma hebraico de ser aplicado como um adjetivo, para que seja "útil para a edificação". Mas quando considero quão freqüente e quão intensivamente a metáfora sobre a edificação ocorre em Paulo, prefiro a explicação anterior. "A edificação de praxe", interpreto como sendo o progresso de nossa edificação, pois edificar é progredir, avançar. Ele acrescenta como isso é feito, ou seja: transmitindo **graça aos que ouvem**, significando pelo termo 'graça', conforto, admoestação e tudo quanto coopera na salvação.

30. E não entristeçais. Visto que o Espírito Santo reside em nós, cada parte de nossa alma e de nosso corpo deve ser-lhe consagrada. Se, porém, nos entregarmos a todo gênero de impureza, é como se o expulsássemos de seus aposentos.

Para expressar isso de uma forma mais familiar, ele atribui ao Espírito Santo afeições humanas, ou seja, alegria e tristeza. Diz ele: "Diligenciai para que o Espírito resida em vós alegremente, como numa aprazível e festiva residência, e não lhe propicieis qualquer ocasião para tristeza." Há quem explique isso de forma diferenciada, ou seja, que entristecemos o Espírito Santo nos outros, quando ofendemos, usando linguagem torpe, ou de alguma outra forma, irmãos piedosos que são guiados pelo Espírito de Deus. Pois os ouvidos santos não só repelem o que é contrário à piedade, mas também se sentem feridos com profunda tristeza quando o ouvem. O que se segue, porém, demonstra que a intenção de Paulo era diferente.

Por meio de quem fostes selados. Visto que Deus nos selou pela instrumentalidade de seu Espírito, o ofendemos quando não seguimos sua liderança, mas nos poluímos com toda sorte de paixões depravadas e ímpias. Não há linguagem que expresse adequadamente a seriedade desta afirmação: que o Espírito se regozija e folga em nós, quando somos-lhe obedientes em todas as coisas, e que nem pensamos nem falamos coisa alguma senão o que é puro e santo; e, em contrapartida, que ele se entristece quando damos lugar a tudo quanto é indigno de nosso chamamento. Ora, que qualquer homem reconheça que chocante impiedade há em punçar o Espírito Santo com tal sentimento como a compeli-lo a afastar-se, por fim, de nós. O mesmo modo de falar é usado em Isaías 63.10, mas num sentido distinto; pois o profeta simplesmente diz que haviam provocado o Espírito de Deus, assim como costumamos falar para despertar a mente humana. *Por meio de quem fostes selados.* Pois o Espírito

de Deus se assemelha a um selo, por meio do qual somos distinguidos dos réprobos, e o qual é impresso em nossos corações para assegurarmo-nos da graça da adoção.

Ele adiciona: **Para o dia da redenção**, ou seja, até que Deus nos conduza à posse da herança prometida. Usualmente, ele é chamado *o dia da redenção*, porque então seremos em toda a extensão libertados de todas as nossas aflições. Já discorremos suficientemente, em outras partes, sobre cada frase, especialmente sobre a segunda, em Romanos 8.23, e sobre a anterior, em 1 Coríntios 1.30. Ainda que o termo 'selado' possa ser explicado de forma diferenciada aqui, ou seja, que é como se Deus houvesse impresso seu Espírito em nós como sua marca, para que pudesse reconhecer entre seus filhos aqueles a quem ele vê a exibir esta marca.

31. Toda amargura. Como antes condenara a ira, o apóstolo reitera o mesmo juízo, porém o conecta com as coisas [=*accidentia*] pelas quais ele é usualmente acompanhado, tais como ruidosas disputas e gritarias. Entre ὀργήν e θυμόν há pouca diferença, exceto que o primeiro se refere às vezes ao poder, e o último à ação. Mas aqui não há diferença, exceto que o primeiro é uma acusação mais abrupta. Com um bom motivo ele destaca *malícia*, para que os outros venham a ser corrigidos. Por esse termo ele quer dizer que a depravação da mente, a qual é oposta ao espírito humano e à probidade, e a qual é usualmente chamada malignidade.

[v. 32]

Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou.

32. Antes, sede uns para com os outros benignos. Ele contrasta amargura com benignidade, a qual é uma natureza afável que reflete no semblante, na linguagem e nas maneiras. E como essa virtude jamais reinará entre nós, a menos que συμπάθεια também floresça, o apóstolo nos recomenda a misericórdia. Esta nos guiará não só à simpatia para com as aflições de nossos irmãos, como se eles fossem nós próprios, mas também para que sejamos imbuídos de genuíno espírito de humanidade, de que somos não menos afetados por tudo quanto sucede a eles do que se estivéssemos em sua situação. O oposto disso é crueldade, quando os homens se tornam tão empedernidos e bárbaros que vêem o sofrimento alheio sem qualquer reação humana.

Perdoando-vos uns aos outros. Alguns interpretam essa cláusula como *beneficência.* Erasmo, por conseguinte, a traduz como 'generoso' [=*largientes*]. E o significado do termo permitirá isso; mas o contexto nos induz a preferir outro conceito, ou seja: que devemos predispor-nos a perdoar. Às vezes sucede que os homens são bondosos e compassivos, e no entanto, quando são injustamente injuriados, não têm facilidade de perdoar as injúrias. Àqueles, cuja benignidade de coração em outros aspectos se dispõem ao humanitarismo, e que não são capazes de vencer a ingratidão dos homens, o apóstolo os exorta a exercitar o perdão recíproco. Para tornar essa exortação ainda mais forte, ele evoca o exemplo de Deus, que nos perdoou, através de Cristo, muito mais do que qualquer mortal pode perdoar seus irmãos. Veja-se Colossenses 3.5-11.

Capítulo 5

[vv. 1-2]

Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, assim como também Cristo nos amou, e se entregou por nós como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave.

1. Sede, pois, imitadores. O apóstolo insiste e confirma a mesma declaração, dizendo que os filhos devem ser como seus pais. Ele nos lembra que somos os filhos de Deus, e que, portanto, devemos, até onde pudermos, representá-lo no campo da beneficência. E assim descobrimos que a divisão de capítulos é algo particularmente mal sucedido, visto que afirmações estreitamente relacionadas se encontram separadas. Portanto, procuremos compreender este argumento: se de fato somos filhos de Deus, então devemos ser seus imitadores. Cristo também declara que não podemos ser filhos de Deus, a menos que demonstremos benevolência para com os indignos [Mt 5.44-45].

2. E se entregou por nós. O fato de Cristo não poupar sua própria vida, esquecendo de si próprio, para que

pudéssemos ser redimidos da morte, é a mais notável prova da mais elevada categoria de amor. Se porventura desejamos ser partícipes desse benefício, então devemos ser igualmente movidos de amor pelo nosso próximo. Não que algum de nós tenha atingido tal perfeição, mas porque devemos almejar e nos esforçar dentro de nossa própria esfera.

Ele adiciona: **sacrifício de aroma suave.** Primeiramente, é um enaltecimento da graça de Cristo. Em segundo lugar, também nos introduz diretamente ao presente tema. Na verdade não existe qualquer linguagem que seja capaz de expressar plenamente o fruto e eficácia da morte de Cristo. Confessamos que ela é o único preço pelo qual somos reconciliados com Deus. Esta doutrina da fé [cristã] pertence à mais elevada categoria. Mas, quanto mais ouvimos que Cristo agiu em nosso favor, mais devedores a ele nos sentimos. Além disso, é possível deduzirmos das palavras de Paulo que, a menos que amemos uns aos outros, nenhuma de nossas realizações será aceita por Deus. Se a reconciliação dos homens, efetuada por Cristo, foi um sacrifício de aroma suave, então nós, de nossa parte, devemos converter-nos para com Deus num agradável perfume, à medida que seu santo perfume for sendo derramado sobre nós. A isso aplica-se o dito de Cristo: "Deixa tua oferta diante do altar, e vai e concilia-te com teu irmão" [Mt 5.24).

[vv. 3-7]

Mas a fornicação e toda sorte de impureza, ou cobiça, nem sequer se nomeie entre vós, como convém a santos; nem torpeza, nem linguajar fútil ou gracejos, coisas essas inconvenientes; antes, pelo contrário, graça. Sabei, pois, isto: nenhum incontinente, ou impuro, ou avarento, que é idólatra, tem qualquer herança no reino de Cristo e de Deus. Ninguém

vos engane com palavras fúteis; porque, por essas coisas, vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. Portanto, não sejais participantes com eles.

3. Mas a fornicação. Este capítulo conta com muitos paralelos em Colossenses, os quais o leitor inteligente poderá comparar sem meu auxílio. O apóstolo enumera três coisas aqui, das quais ele deseja que os cristãos mantenham distância e ignorem; aliás, que nem mesmo seus nomes sejam ouvidos, como se fossem coisas totalmente desconhecidas. Por *impureza* o apóstolo quer dizer toda e qualquer obcenidade e as luxúrias imundas. Esse termo difere de *fornicação*, como o gênero da espécie. Em terceiro lugar, ele introduz a *cobiça*, que outra coisa não é senão uma cupidez imoderada. A esse preceito ele adiciona a declaração autoritativa de que ele não exige deles outra coisa senão que *se tornem santos*, e com isso ele exclui do rol da comunhão dos santos todos os cobiçosos e fornicários e impuros.

A esses três termos ele adiciona outros três. Entendo pelo termo *torpeza* tudo aquilo que é indecente ou inconsistente com a modéstia da pessoa piedosa. Entendo pela expressão *linguajar fútil* aquela conversação que é ou fora de propósito, insípida e infrutífera, ou até mesmo ímpia e nociva por sua futilidade. Além do mais, como a conversação displicente às vezes vem a lume revestida de *gracejos* e de sagacidade, ele expressamente condena a jocosidade, a qual é tão agradável que aparenta ser uma virtude louvável, mas que faz parte do *linguajar fútil*. O termo grego εὐτραπελία é com freqüência usado pelos escritores pagãos num bom sentido, pois essa jocosidade cortante e picante com a qual os homens capazes e inteligentes podem naturalmente viciar-se. Mas como é excessivamente difícil ser espirituoso sem ser mordaz, e

como a perspicácia por natureza contém boa dose de afetação que de forma alguma se harmoniza com a piedade, Paulo mui oportunamente nos chama a atenção para ela. Ele declara que todas as três não são de forma alguma convenientes, ou seja, são inconsistentes com as atividades dos cristãos.

Antes, pelo contrário, graça. Outros preferem "ações de graças"; mas prefiro a interpretação de Jerônimo. Pois Paulo tinha que contrastar algo de caráter geral em nossa linguagem com aqueles vícios. Pois se ele tivesse dito: "Enquanto se deleitam com palavras displicentes ou abusivas, vós dais graças a Deus", teria sido por demais limitado. O termo grego εὐχαριστία nos permite traduzi-la por *graça*. E assim o significado será: "Todas as palavras devem ser saturadas de genuína suavidade e graça; e isso será assim se juntarmos o útil ao agradável."

5. Sabeis, pois, isto. Para que não fossem atraídos pelas fascinações desses vícios que foram reprovados pelo apóstolo, e para que os efésios não recebessem suas admoestações com hesitação e displicentemente, ele os desperta com ameaças fortes e severas, para que esses vícios não nos fechem o reino de Deus. Apelando à sua própria consciência, o apóstolo notifica que não houve nenhuma dúvida quanto a esse fato. É facilmente respondível se porventura parecer severo e inconsistente com a benevolência divina o fato de que todos os que têm incorrido na culpa de fornicação ou cobiça estão excluídos da herança do reino do céu. O apóstolo não nega o perdão aos caídos que se recobram, senão que pronuncia sentença sobre os pecados deles. Após dirigir-se aos coríntios na mesma linguagem, ele adiciona: "Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados

em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus" [1 Co 6.11]. Onde há arrependimento e, portanto, reconciliação com Deus, os homens cessam de ser o que foram. Mas que todos os fornicários, ou impuros, ou avarentos, e a todos quantos são como tais, saibam que nada têm em comum com Deus, e estão privados de toda e qualquer esperança de salvação.

Diz ele, **o reino de Cristo e de Deus,** visto que Deus o deu ao seu Filho para que o obtenhamos através dele.

Nem avarento, que é idólatra. A avareza, como o apóstolo diz alhures, é o culto dos ídolos [Cl 3.5] – não aquele que é tão amiúde condenado na Escritura, mas um outro gênero. Todos os avarentos, necessariamente, negam a Deus e põem as riquezas em seu lugar; tal é a cega demência de sua miserável cupidez. Mas por que Paulo atribui exclusivamente à avareza o que não menos pertence às demais paixões carnais? Por que o avarento é estigmatizado por esse desafortunado epíteto, mais do que a ambição ou a fútil autoconfiança? Minha resposta consiste em que essa enfermidade é amplamente difundida e contamina as mentes de muitos como uma epidemia, mas que não é reconhecida como tal, senão que, ao contrário, é louvada e tida na estima popular. Paulo a ataca com mais severidade com o fim de eliminar de nossos corações essa falsa opinião.

6. Que ninguém vos engane. Sempre houve cães ímpios que rejeitaram e motejaram das ameaças dos profetas. Ainda vemos esses tais em nossos próprios dias. Aliás, em todas as épocas Satanás emprega bruxos dessa estirpe, os quais, por seus ímpios escárnios, se esquivam do juízo divino, e os quais insensibilizam, como por encantamento, as consciências não fundamentadas no temor de Deus. "Esse é um erro trivial",

dizem eles. "A fornicação, para Deus, não passa de um jogo. Sob a lei da graça, Deus não é tão cruel. Ele não nos criou para sermos nossos próprios executores. A fragilidade da natureza nos justifica." E assim por diante. Paulo, ao contrário, brada que devemos guardar-nos desse sofisma por meio do qual as consciências são enleadas para sua ruína.

Por essas coisas vem a ira de Deus. Se você tomar o tempo presente, aqui, como futuro, segundo o idioma hebraico, então teremos uma declaração do juízo final. Concordo, porém, com aqueles que tomam o verbo *vir* indefinidamente no sentido de "costuma vir", como se lhes lembrasse os juízos ordinários de Deus, os quais estavam ocorrendo diante de seus próprios olhos. De fato, se não fôssemos cegos e indolentes, veríamos que Deus testifica com exemplos de castigos suficientemente numerosos, que ele é o justo vingador de tais crimes, castigando privativamente a indivíduos e mostrando publicamente sua ira contra cidades, e reinos, e nações.

E deve-se notar que o apóstolo diz **sobre os filhos da desobediência** ou **rebeldes**. Ele está agora se dirigindo a crentes, não tanto para amedrontá-los com os perigos que enfrentavam, e, sim, para despertá-los a fim de que aprendessem a ver refletido nos réprobos, como em espelhos, os terríveis juízos divinos. Pois Deus não se apresenta a seus filhos como um Ser terrível, de modo que venham a evitá-lo, senão que de uma maneira paternal os atrai para si tanto quanto pode fazê-lo. Desse fato o apóstolo conclui que os efésios não devem envolver-se na nociva comunhão dos ímpios, cuja ruína é prevista.

[vv. 8-14]

Pois, outrora, éreis trevas; agora, porém, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz (porque o fruto da luz consiste em toda bondade, e justiça, e verdade); provando sempre o que é agradável a Deus. E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as. Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha. Mas todas as coisas, quando reprovadas pela luz, se tornam manifestas; porque tudo quanto se manifesta é luz. Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.

8. Pois, outrora, éreis trevas. Ele acrescenta confirmações aos preceitos, com o fim de imprimir-lhes mais autoridade. Tendo discorrido sobre os incrédulos, e advertido os efésios a não se tornarem participantes de seus crimes e de sua destruição, então confirma, por uma especial razão, que eles devem ser muitíssimo diferentes deles, em sua vida e ações. Ao mesmo tempo, para que não fossem ingratos a Deus, ele desperta sua lembrança sobre sua própria vida pregressa. Diz ele: "Deveis ser muito diferentes do que fostes outrora; pois Deus vos transformou de trevas em luz." Ele chama 'trevas' a totalidade da natureza humana antes da regeneração; pois onde o fulgor de Deus não brilha, não há nada senão pavorosa escuridão. Além disso, *luz* é o nome dado àqueles que são iluminados pelo Espírito de Deus; pois imediatamente depois, no mesmo sentido, ele os chama *filhos da luz*, e extrai a inferência de que devem andar na luz, visto que, pela misericórdia divina, haviam sido resgatados das trevas. Observe-se que nos é dito para sermos *luz no Senhor*, porque, enquanto estamos fora de Cristo, tudo se encontra sob o domínio de Satanás, a quem conhecemos como o príncipe das trevas.

9. Pois o fruto da luz. O apóstolo introduz este parêntese para realçar o caminho no qual devem andar os filhos da luz. Ele não fornece uma descrição completa, mas só toca de leve em umas poucas partes de uma vida santa e piedosa como exemplo. Para compreender tudo sob um só tópico, ele lhes recorda a vontade de Deus; como se quisesse dizer: "Todos quantos desejam viver retamente e fora da possibilidade de errar, então que resolvam obedecer a Deus e tomar sua vontade como norma." Viver exclusivamente por meio de seus mandamentos é, como ele mesmo diz em Romanos 12.1, um culto racional a Deus, e como diz em outro lugar: "Obedecer é melhor que sacrificar" [1 Sm 20.22]. É surpreendente que a palavra "Espírito" [πνεύματος] tenha penetrado em muitos manuscritos gregos, já que "o fruto da luz" se adequa melhor. A intenção de Paulo, na verdade, não é afetada; pois ainda teremos: "Os crentes devem andar como que na luz, porquanto são filhos da luz." Isso é feito quando não vivem de acordo com sua própria vontade, mas se devotam inteiramente à obediência a Deus; porquanto nada empreendem senão por meio de sua ordem. Além disso, tal obediência é testificada por seus frutos, como *bondade, justiça, verdade,* e assim por diante.

11. E não sejais cúmplices. Como os filhos da luz habitam no meio das trevas, isto é, no meio de uma geração perversa e fraudulenta, há boas razões para que sejam advertidos a não se envolverem nas ações ímpias. Não é bastante que nós, de nossa livre vontade, não empreendamos nada que seja ímpio, mas é indispensável que sejamos pressurosos em unir-nos ou assistir àqueles que jazem no erro. Em resumo, devemos abster-nos de toda associação, ou acordo, ou conselho, ou aprovação, ou auxílio de qualquer sorte; pois em todas essas direções temos solidariedade. E

para que ninguém imaginasse que cumprira seu dever, não sendo conivente, o apóstolo expressamente nos ordena a reprovar tais obras; e isso é o oposto de toda e qualquer dissimulação. Quando ele percebe que Deus é ofendido publicamente, cada pessoa será acusada de culpa, mas bem poucos se guardarão contra a pretensão da aprovação; quase todos dissimularão. Mas antes que a verdade de Deus seja impedida de permanecer inabalável, que centenas de mundos pereçam!

O verbo *reprovar* está relacionado com a metáfora das trevas. Pois ἐλέγχειν, estritamente falando, significa trazer a lume o que antes era desconhecido. Portanto, visto que os ímpios se refestelam em seus vícios, os quais desejam que permaneçam encobertos, ou sejam tidos na conta de virtudes, Paulo ordena que os mesmos sejam reprovados. Ele os qualifica de *infrutíferos*; não só porque são inúteis, mas também porque são, em si mesmos, nocivos.

12. Porque, o que eles fazem em oculto. Ele deseja mostrar a razão da reprovação dos ímpios. Ele diz que, enquanto estiverem ocultos dos olhos humanos, se permitirão cometer qualquer pecado, por mais repugnante seja ele para ser mencionado. Como se diz no provérbio popular: "A noite não sente vergonha." Por que é assim, senão que, imersos nas trevas da ignorância, não percebem sua própria impiedade, nem atinam que são vistos por Deus e pelos anjos? Seus olhos, porém, são abertos pela Palavra de Deus à semelhança de uma tocha que alumia. Então começam a enrubecer-se e a envergonhar-se. Por meio de suas advertências, os santos iluminam os incrédulos cegos e arrancam de seus esconderijos e trazem para a luz do dia os que estavam imersos na ignorância.

É como se o apóstolo dissesse: "Quando os incrédulos mantêm suas casas fechadas e se retraem da vista dos homens, *é vergonhoso até mesmo para pronunciar* como indigna e impiamente eles se precipitam de ponta cabeça em toda espécie de licenciosidade." Eliminariam de si todo pudor e dariam rédeas a si próprios, se porventura as trevas não os encorajassem e quando o que é feito em secreto é feito impunemente? Mas quando vocês os reprovam, é como trazer à luz tudo o que fazem, e isso para que se sintam envergonhados de sua própria degradação. Tal pudor é fruto da consciência de que a degradação está presente, e esse é o primeiro passo para o arrependimento. Encontramos esse fato também em 1 Coríntios 14.23-25: "Se, pois, toda a igreja se reunir num mesmo lugar, e todos falarem em línguas, e entrarem indoutos ou incrédulos, não dirão porventura que estais loucos? Mas, se todos profetizarem, e algum incrédulo ou indouto entrar, por todos é convencido, por todos é julgado; os segredos do seu coração se tornam manifestos; e assim, prostrando-se sobre seu rosto, adorará a Deus, declarando que Deus está verdadeiramente entre vós." Ou poderia estar apenas usando de uma metáfora. Erasmo, ao permutar a palavra 'reprovar', corrompeu todo o sentido; pois o objetivo de Paulo é mostrar que não será debalde se as obras dos incrédulos forem reprovadas.

13. Mas todas as coisas, quando reprovadas. Pois o particípio, lido aqui na voz média, pode ser traduzido tanto passiva quanto ativamente. A Vulgata prefere o sentido passivo. Se isso for seguido, a palavra *luz* será equivalente, como anteriormente, a "cheio de luz" [=*lucidus*], e o significado será que as obras más, que estiveram ocultas, se sobressairão claramente quando se fizerem manifestas pela

Palavra de Deus. Se a tomarmos ativamente, haverá ainda duas possíveis explicações. Primeira: Tudo quanto se manifesta é luz. Segunda: O que manifesta todas as coisas ou quaisquer coisas é luz; tomando o singular como condição para o plural. Não há problema, segundo Erasmo temia, sobre o artigo; pois os apóstolos não são comumente muito rígidos sobre a aplicação de cada artigo, e mesmo entre escritores elegantes isso seria lícito. Julgo que esse foi o significado de Paulo; pois sigo o contexto. Ele os exortara a reprovar as más obras dos incrédulos, e assim resgatá-los das trevas; e agora acrescenta que o que lhes prescreve é a própria função da luz, ou seja, *tornar manifesto*. É a luz, diz ele, que faz todas as coisas manifestas. Portanto, segue-se que seriam indignos do nome, se porventura não trouxessem à luz o que jazia envolto em trevas.

14. Pelo que diz. Os intérpretes se vêem em apuros para descobrirem a passagem da Escritura que Paulo parece citar e que não se encontra em parte alguma. Direi o que penso. Primeiramente ele introduz Cristo falando por meio de seus ministros; pois esta é a mensagem costumeira que deve a cada dia ser ouvida pelos pregadores do evangelho. Que outro objetivo têm eles além de levantar os mortos para a vida? Como se diz: "Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão" [Jo 5.25]. Consideremos agora o contexto. Paulo havia dito que os incrédulos devem ser reprovados, para que, sendo trazidos para a luz, comecem a reconhecer sua perversidade. Portanto, ele apresenta Cristo como que falando, porquanto esta Voz é constantemente ouvida na pregação do evangelho: "Desperta, tu que dormes." No entanto, não tenho dúvida de que o apóstolo está fazendo alusão às profecias que prediziam o reino de Cristo; tais como

aquela de Isaías: "Levanta-te, resplandece, porque é chegada a tua luz, e é nascida sobre ti a glória do Senhor" [Is 60.1]. Diligenciemo-nos, portanto, até onde estiver em nós, para despertar os dormentes e os mortos, para que os conduzamos à luz de Cristo.

Ao adicionar: **e Cristo te iluminará**, o apóstolo não quer dizer que, quando somos levantados dentre os mortos, sua luz começa a brilhar sobre nós, como se pudéssemos frustrar sua graça. Mas Paulo simplesmente mostra que, quando Cristo nos ilumina, nos erguemos dentre os mortos para a vida; e ele diz isso para confirmar a primeira afirmação, ou seja: que os incrédulos devem ser lembrados de sua cegueira a fim de que sejam salvos. Onde alguns manuscritos [=*codices*] lêem ἐπιφαύσει, em vez de ἐφάψεται, isto é, "ele tocará", é um erro evidente, e eu o rejeito sem muita bulha.

[vv. 15-20]

Portanto, vede precisamente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Por essa razão, não sejais insensatos, mas compreendei qual é a vontade do Senhor. E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando a vós mesmos com salmos e hinos e cânticos espirituais, cantando e compondo melodias ao Senhor em vossos corações, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

15. Portanto, vede. Se os crentes espantassem as trevas de outros por meio de seu próprio esplendor, quão menos seriam eles cegos quanto ao seu próprio sistema de vida! Que trevas ocultarão aqueles sobre quem Cristo, o Sol da Justiça, resplandeceu? Devem viver como se estivessem num

teatro abarrotado, pois vivem diante dos olhos de Deus e dos anjos. Que fiquem eles, digo eu, amedrontados diante dessas testemunhas, ainda que estejam ocultas de todos os mortais. Pondo de lado a metáfora das trevas e luz, o apóstolo lhes ordena que regulassem suas vidas com precisão, *como sábios*, isto é, aqueles que têm sido educados pelo Senhor na escola da verdadeira sabedoria. Pois este é o nosso entendimento, que temos Deus por nosso Guia e Preceptor, para ensinar-nos sua própria vontade.

16. Remindo o tempo. Ao fazer alusão ao tempo, ele confirma sua exortação. Ele diz que *os dias são maus*, isto é, tudo está cheio de escândalo e corrupção; de modo que é difícil para os piedosos, que caminham por entre tantos espinhos, permanecer ilesos. Visto que a época é tão corrupta, o diabo parece ter-se apoderado dele tiranicamente; de modo que o tempo não pode ser dedicado a Deus sem que seja, de alguma forma, remido. E qual será o preço de sua redenção? Fugindo das infindáveis seduções que facilmente nos perverteriam; desembaraçando-nos das solicitudes e deleites do mundo; e, numa palavra, nos esquivando de todos os obstáculos. Sejamos solícitos em aproveitar as oportunidades, de todas as maneiras; mais ainda, deixando as numerosas ofensas e árduos labores, os quais muitos têm por hábito usar como pretensa desculpa para a indolência, nós, ao contrário, agucemos nossa vigilância.

17. Por essa razão, não sejais insensatos. Aquele que se exercita dia e noite na meditação da lei facilmente triunfará sobre as dificuldades que Satanás, amiúde, coloca em seu caminho. Donde vem que alguns andam ao léu, outros caem, outros tropeçam, outros voltam atrás, senão porque permitiram a si próprios ser gradualmente cegados por

Satanás, e se privaram da vontade de Deus, a qual devemos constantemente manter na lembrança? E observe-se que Paulo define *sabedoria* como *entender qual é a vontade do Senhor*. "De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho?", pergunta Davi. "Observando-o segundo a tua palavra" [Sl 119.9]. Ele fala de jovens, mas essa é também a sabedoria dos idosos.

18. E não vos embriagueis com vinho. Ao proibi-los de se embriagarem, ele proíbe toda bebida excessiva e imoderada. De modo que é como se ele dissesse: "Não sejais intemperantes no beber." Ao mesmo tempo ele os adverte no tocante ao mal que vem em decorrência da embriaguez, ou seja, ἀσωτία, palavra esta pela qual entendo como sendo desregramento e dissolução de todo gênero; pois traduzi-la por 'luxúria' é enfraquecer o sentido. Ele quer dizer, pois, que os beberrões logo perdem a modéstia e não mais conseguem conter-se pelo pudor; que onde o vinho reina, o desregramento prevalecerá; e, conseqüentemente, que todos aqueles que cultivam algum respeito pela moderação ou decência, devem fugir e abominar a bebedice.

Os filhos deste mundo estão acostumados a beber certa quantidade com a intenção de excitar a hilaridade. Contra esse gênero de alegria carnal, o apóstolo estabelece aquela santa alegria com a qual o Espírito de Deus nos alegra. Ele também relata os seus efeitos opostos. O que a bebedice gera? Gera licenciosidade perversa, de modo que os homens se regozijam na folia desenfreada e indecorosa.

E ao quê a alegria espiritual conduz quando estamos cheios dela? *A hinos e salmos, a louvores a Deus e a ações de graças*. Esses são verdadeiramente frutos agradáveis e deleitosos. "O Espírito", aqui, significa alegria no Espírito

Santo. Nas palavras, *enchei-vos*, há uma alusão ao abismo da bebida, com as quais é ela indiretamente contrastada. *Falando a vós mesmos* significa *entre vós mesmos*. Porquanto ele não manda que cada um de per si cantasse intimamente, mas quando acrescenta: *cantando em vossos corações*, é como se dissesse: "De todo o coração, e não somente na língua, como os hipócritas." A diferença entre hinos e salmos, ou entre salmos e cânticos, não é fácil de determinar. Mas digo algo sobre isso em Colossenses 4. O adjetivo "espiritual' se adequa ao argumento; pois a maioria dos cânticos freqüentemente usados é quase sempre sobre temas frívolos, e se encontram longe da pureza.

20. Dando sempre graças. A intenção do apóstolo consiste em que este é um prazer ao qual jamais sejamos impelidos pelo hábito mecânico; deve ser um exercício do qual jamais nos cansemos. Os inumeráveis benefícios que recebemos de Deus produzem estimulante motivo de alegria e ações de graças. Ao mesmo tempo, ele adverte os crentes no sentido de que revelarão ímpia e desditosa indolência, caso todos eles, ao longo de toda sua vida, não ponderem sobre e pratiquem os louvores de Deus.

[vv. 21-27]

Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo. As esposas estejam em sujeição aos seus próprios esposos, como ao Senhor. Porque o esposo é a cabeça da esposa, como Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele mesmo o salvador do corpo. Demais, como a igreja está sujeita a Cristo, assim as esposas sejam também em tudo sujeitas a seus esposos. Esposos, amai vossas esposas, assim como Cristo também amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água

pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito.

21. Sujeitando-vos. Deus de tal forma nos vinculou uns aos outros, que nenhuma pessoa deve desvencilhar-se da sujeição. E onde reina o amor, existe uma mútua servitude. Não excetuo nem mesmo os reis e governantes, pois eles governam para que possam servir. Portanto é plenamente correto que o apóstolo exorte a todos a que se sujeitem uns aos outros.

Como, porém, nada é mais oposto ao espírito humano do que a submissão recíproca, ele desperta nossa lembrança para o temor de Cristo, o único que pode domesticar nossa impetuosidade, para que não nos desvencilhemos do jugo, e subjuga nosso orgulho, para que não nos envergonhemos de servir a nosso próximo. Não afeta muito o significado de Paulo, caso tomemos o temor de Cristo num sentido passivo ou num sentido ativo, isto é, se nos submetemos ao nosso próximo em virtude do temor de Cristo; ou porque as mentes de todos os piedosos devam encher-se desse temor sobre o reinado de Cristo. Em alguns manuscritos [=*codices*] se lêem "o temor de Deus". Isso pode ter sofrido mudança em decorrência de alguém concluir que a outra frase, o temor de Cristo (ainda que seja, de fato, mais apropriado), fosse por demais abrupta.

22. Esposas. Ele agora traz a lume os vários grupos; pois, além do universal vínculo de sujeição, alguns são mais estreitamente vinculados uns aos outros, segundo suas respectivas vocações. A sociedade consiste de grupos, os quais são como que jugos, nos quais há obrigação mútua das partes. O primeiro jugo consiste no matrimônio entre esposo

e esposa; o segundo jugo prende os pais e os filhos; o terceiro conecta patrões e empregados. Portanto, na sociedade há seis diferentes classes, para cada uma das quais Paulo estabelece seus deveres peculiares. Ele começa com as esposas, a quem ordena que sejam submissas a seus esposos, da mesma forma como o são a Cristo. Não significando que a autoridade seja igual, senão que as esposas não podem obedecer a Cristo a menos que se entreguem à obediência a seus esposos.

A razão vem a seguir. Cristo determinou a mesma ordem entre esposo e esposa, como a que ele mantém com sua Igreja. Esta comparação deve ser-nos mais indelével do que se ele falasse meramente da designação divina. Pois ele declara duas coisas. Deus pôs o esposo acima da esposa; e uma imagem dessa preeminência [=*praefectura*] se encontra em Cristo, que é a Cabeça da Igreja, como o esposo o é da esposa.

23. Sendo ele mesmo o salvador do corpo. Há quem pense que o pronome se refere a Cristo; outros, porém, que se refere ao esposo. Ele se aplica melhor, em minha opinião, a Cristo, mesmo em relação ao presente tema. A semelhança deve também ser conservada nisto: como Cristo preside sobre sua Igreja para a salvação dela, assim nada é mais proveitoso ou saudável para a esposa do que sujeitar-se ela a seu esposo. Recusar tal sujeição, na qual eles podem salvar-se, é decidir-se pela destruição.

A partícula 'mas', que se segue, pode ser explicada como uma antecipação, que é peculiar a Cristo no papel de Salvador da Igreja. Não obstante, que as esposas saibam que seus esposos, ainda que não reivindiquem igualdade com Cristo, têm autoridade sobre elas, segundo o exemplo de Cristo. A outra interpretação, porém, é mais correta;

pois a conjunção ἀλλά não me impressiona muito; Paulo a usa como "além do mais" [=*caeterum*].

25. Esposos, amai vossas esposas. Em contrapartida, dos esposos requer-se amor; ao apresentar-lhes o exemplo de Cristo, porém, o apóstolo subentende que este não seria um amor ordinário. Se eles têm a honra de levar a imagem de Cristo, e em certo sentido representam sua Pessoa, então devem imitá-lo também em suas funções.

E a si mesmo se entregou por ela. Tal expressão visa a expressar a veemência do amor que os esposos devem a suas esposas; ainda que o apóstolo, no momento, aproveita a ocasião para enaltecer a graça de Cristo. Que os esposos imitem a Cristo neste aspecto: que ele não hesitou em morrer pela Igreja. O fato de ele redimir a Igreja por meio de sua morte é um poder que é exclusivamente dele, o qual não é concedido aos homens.

Agora, porém, ele adiciona: **para que a santificasse**, isto é, para que ele a separasse para si mesmo; pois é nesse sentido que considero o verbo 'santificar'. Isso é realizado pelo perdão dos pecados e pela regeneração proveniente do Espírito.

26. Por meio da lavagem de água pela palavra. Ele agora acrescenta o símbolo externo para a santificação interior e secreta. Pois este é uma confirmação visível dela, como se quisesse dizer que o penhor da santificação nos é apresentado pelo batismo. Não obstante, aqui requer-se uma interpretação sólida, a fim de que os homens, como sucede com freqüência, em sua pervertida superstição, não façam um ídolo do sacramento. Quando Paulo afirma que somos lavados por meio do batismo, o que ele tem em mente é que

Deus ali nos declara lavados, e ao mesmo tempo realiza o que o batismo prefigura. Porque, a menos que a realidade [=*rei veritas*] ou, o que é a mesma coisa, a representação [=*exhibitio*] fosse conectada com o batismo, seria impróprio dizer que o batismo é a lavagem da alma. Concomitantemente, devemos precaver-nos de transferir para o sinal, ou para o ministro, o que pertence exclusivamente a Deus – ou seja, imaginar que o ministro é o autor da lavagem, ou que a água limpa as impurezas da alma, o que somente o sangue de Cristo pode efetuar. Em síntese, devemos precaver-nos de aplicar alguma porção de nossa confiança ao elemento ou ao homem; pois o propósito legítimo e próprio do sacramento é levar-nos pela mão diretamente a Cristo e firmar-nos nele.

Há quem tente enfraquecer esse atributo do batismo, caso seja atribuído demasiada virtude ao sinal ao ser ele chamado a lavagem da alma. Mas estão errados; pois, em primeiro lugar, o apóstolo não diz que é o sinal que limpa, senão que declara que tal coisa é exclusivamente obra de Deus. É Deus quem limpa, e o louvor por este ato não deve ser transferido para o sinal ou mesmo compartilhado com o sinal. Mas não há qualquer exagero em dizer que Deus usa o sinal como instrumento. Não que o poder de Deus esteja encarcerado no sinal, mas ele no-lo distribui por meio destes expedientes, em virtude da fragilidade de nossa capacidade. Alguns se sentem ofendidos, pensando que é subtraído do Espírito Santo o que lhe é peculiar, o que por toda parte lhe é atribuído na Escritura. Mas estão equivocados; pois Deus assim age por meio do sinal, para que toda a eficácia dependa de seu Espírito. Nada mais é atribuído ao sinal além de ser ele um instrumento, por si mesmo destituído de qualquer valor, exceto até onde ele deriva seu poder de outra fonte.

Igualmente infundado é seu temor, de que, por meio desta interpretação, a soberania de Deus seja restringida. A poderosa graça de Deus não é confinada ao sinal, e Deus pode, caso o queira, livremente concedê-la sem o auxílio do sinal. Além disso, muitos recebem o sinal sem serem de fato participantes da graça; pois o sinal é comum a todos, tanto aos bons quanto aos maus; mas o Espírito é concedido tão-somente aos eleitos, e o sinal, como já disse, não possui eficácia alguma sem o Espírito. O particípio grego, καθαρίσας, está no tempo passado, como se dissesse: "Após ter-se lavado." Mas, como o latim não tem nenhum particípio ativo no tempo passado, decido antes desconsiderar o tempo, e não o traduzo "tendo sido lavado" [=*mundatam*]; o qual teria modificado algo da maior importância, isto é, que a Deus pertence, exclusivamente, a função de purificar.

Pela palavra. Isso vai além de uma adição supérflua; porque, se a Palavra é suprimida, toda a virtude dos sacramentos fica perdida. O que mais são os sacramentos, senão selos da Palavra? Esta simples consideração é suficiente para expulsar toda e qualquer superstição. Por quais razões esses homens supersticiosos se embriagam pelos sinais, senão porque suas mentes não são direcionadas para a Palavra, a qual os guiaria a Deus? Certamente que, quando olhamos para tudo, menos para a Palavra, não vemos nada saudável, não vemos nada puro. Mas uma demência flui de outra, e finalmente os sinais, que foram santificados pela autoridade divina para a salvação dos homens, se tornaram profanos e se degeneraram em grosseira idolatria. A única diferença, pois, entre os sacramentos dos santos e as invenções dos incrédulos está na Palavra.

Ora, a Palavra, aqui, significa a promessa que explica a

força e uso do sinal. Daí o fato de não haver no papado nenhum uso legítimo dos sinais. Na verdade blasonam de terem a Palavra, mas para eles ela não passa de uma sorte de encantamento; pois a sussurram numa língua desconhecida, como se a dirigissem à matéria morta, e não aos homens. Não se faz ao povo nenhuma explicação do mistério; e isso é suficiente para fazer do sacramento um elemento morto. "Pela palavra" é equivalente a "na palavra".

27. Para a apresentar a si mesmo. O apóstolo declara qual é o propósito do batismo e de nossa lavagem. É para que vivamos santa e irrepreensivelmente para Deus. Porque Cristo nos lava, não para que voltemos a revolver-nos em nossa corrupção, mas para que retenhamos, ao longo de nossa vida, a pureza que uma vez recebemos. Isso é descrito em linguagem metafórica e apropriada ao seu argumento.

Sem mácula nem ruga. Como a formosa figura da esposa é uma das causas do amor, assim Cristo adorna a Igreja, sua esposa, com santidade como um penhor de seu beneplácito. Esta metáfora alude ao matrimônio; mas em seguida ele descarta a figura, e diz claramente que Cristo reconciliou a Igreja consigo mesmo, para que ela fosse santa e irrepreensível. A genuína beleza da Igreja consiste nessa castidade conjugal, ou seja, na santidade e inocência.

Pelo termo "apresentar", Paulo insinua que a Igreja deve ser santa, não na opinião dos homens, e, sim, aos olhos do Senhor. Pois ele diz: "para a apresentar a si mesmo", não: "para a exibir aos outros", ainda que os frutos dessa pureza secreta se revela nas obras externas. Os pelagianos usavam esta passagem para provar a perfeição da justiça nesta vida; mas foram sabiamente refutados por Agostinho. Porquanto Paulo não declara o que fora feito, e, sim, por qual propósito

Cristo purificou a Igreja. Ora, quando se diz que uma coisa é feita para que a outra venha em seguida, é estultícia e errôneo inferir que essa última coisa, que deve vir em seguida, já foi feita. Todavia não negamos que a santidade da Igreja já teve início; mas é ruim estabelecer a perfeição onde há progresso diário.

[vv. 28-33]

Assim também os esposos devem amar as suas esposas como aos seus próprios corpos. Aquele que ama a sua esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a sua própria carne; antes, a nutre e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja; porque somos membros de seu corpo, de sua carne e de seus ossos. Por essa causa deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne. Grande é este mistério; falo, porém, a respeito de Cristo e da igreja. Não obstante, que cada um de vós ame profundamente sua esposa como a si mesmo; e que a esposa veja bem para que respeite a seu esposo.

28. Aquele que ama a sua esposa. O apóstolo agora extrai um argumento da própria natureza, com o fim de exortar os esposos a amarem a suas esposas. Há em cada homem, diz ele, por sua própria natureza, amor por si próprio. Nenhum homem, porém, pode amar a si próprio sem amar a sua esposa. Portanto, o homem que não ama a sua esposa não passa de um monstro. Ele prova o menor: o matrimônio foi instituído por Deus com o propósito de que o homem e a mulher se tornassem um só; e para que essa unidade fosse a mais santa possível, ele diz que ela é enaltecida pela consideração que Cristo tem por sua Igreja. Eis a súmula, e seu argumento é, em certa extensão, válido para toda a sociedade humana. Para mostrar o que o homem deve ao homem, Isaías diz:

"Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante?" [Is 58.7]. Tal coisa, porém, se refere à nossa natureza comum. Entre um homem e sua esposa existe uma relação muito mais estreita; pois são não somente unidos por uma semelhança da natureza, senão que, pelos laços do matrimônio, são unificados em um só ser. Todo aquele que considera seriamente o propósito do matrimônio não pode fazer outra coisa senão amar a sua esposa.

29. Como também Cristo o faz com a igreja. Ele avança, estabelecendo os direitos do matrimônio sobre Cristo e sua Igreja; um exemplo mais poderoso não poderia ser apresentado. E, primeiramente, ele fala do singular amor de um esposo por sua esposa como exemplificado por Cristo; e um exemplo dessa unidade que pertence ao matrimônio é declarado existir entre Cristo mesmo e a Igreja. Eis aqui uma extraordinária passagem sobre a comunhão mística que temos com Cristo.

30. O apóstolo diz que **somos membros dele, de sua carne e de seus ossos**. Antes de tudo, não há aqui nenhum exagero, senão que é a pura verdade. Em segundo lugar, ele não diz simplesmente que Cristo participou de nossa natureza, senão que quer expressar algo mais profundo καὶ ἐμφατικώτερον.

Ele faz referência às palavras de Moisés em Gênesis 2.24. Então, qual é o sentido? Como Eva foi formada da substância de seu esposo, Adão, e tornou-se, assim, parte dele, então, se somos os legítimos membros de Cristo, crescemos em um só Corpo pela comunicação de sua substância. Em resumo, Paulo descreve nossa união com Cristo, um símbolo

e penhor dos quais nos é transmitido na santa Ceia. Há quem assevere que ela é uma distorção dessa passagem para referir a Ceia do Senhor, quando nenhuma menção se faz da Ceia, mas somente ao matrimônio; mas quem pensa assim está equivocado. Embora se ensine que a morte de Cristo é comemorada na Ceia, não se admite uma comunicação tal como asseveramos à luz das palavras de Cristo. Citamos esta passagem contra tais intérpretes. Paulo declara que somos membros e ossos de Cristo. Ficaríamos surpresos, pois, se na Ceia ele oferecesse seu corpo para ser usufruído por nós, para nutrir-nos para a vida eterna? Daí ensinarmos que a única representação na Ceia é aquela cuja verdade e efeito são ensinados por Paulo.

31. Por esta causa. Ele junta duas coisas. Pois ele de tal forma trata da união espiritual entre Cristo e sua Igreja que ao mesmo tempo a estende à lei comum do matrimônio. A citação de Moisés se relaciona com a regra geral do matrimônio. Ele imediatamente acrescenta que isso se cumpriu em *Cristo e a Igreja*. Ele prontamente aproveita a oportunidade para proclamar os benefícios de Cristo, mas adapta seu ensino ao presente tema. É incerto se Moisés introduz Adão ao usar essas palavras, ou se junta a doutrina da história da criação em sua pessoa. Nem importa muito que se faça isso; pois em ambos os casos ela será um oráculo de Deus, ordenando os deveres que os esposos têm para com suas esposas.

Quando ele diz: **deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua esposa**, equivale dizer: "É preferível que ele deixe a seu pai do que não unir-se à sua esposa." O vínculo matrimonial não despreza os outros deveres de humanidade, nem as determinações divinas são tão inconsistentes umas

com as outras, que um homem não possa ser um bom e fiel esposo sem cessar de ser um filho dedicado. É uma questão de grau. Moisés esboça a comparação para expressar melhor a justa e sacra união entre esposo e esposa. Pois a obrigação de um filho para com seu pai é uma inviolável lei da natureza. E quando os laços de um esposo para com sua esposa têm a preferência, sua força é melhor entendida. Aquele que quer ser um bom esposo não cessará de demonstrar que é filho de seu pai; mas preferirá o matrimônio como o mais santo de todos os laços.

E os dois se tornarão uma só carne. Isto é, eles serão um só ser, ou, fazendo uso de uma frase comum, se constituirão uma só pessoa; o que certamente não seria verdade com respeito a qualquer outra relação. Tudo depende disto: que a esposa foi formada da carne e ossos de seu esposo. Tal é a união entre nós e Cristo, que em certo sentido ele se despeja em nós. Pois somos ossos de seus ossos e carne de sua carne, não porque, como nós, ele seja homem, mas porque, pelo poder de seu Espírito, ele nos enxerta em seu Corpo, para que dele derivemos nossa vida.

32. Eis um grande mistério. O apóstolo conclui com o milagre da união espiritual entre Cristo e a Igreja. Pois ele exclama que esse é um grande mistério. Pelo quê ele deixa implícito que nenhuma linguagem pode fazer-lhe justiça. É debalde que os homens se atormentem para compreender, com o entendimento da carne, sua forma e caráter; pois aqui Deus exerce o infinito poder de seu Espírito. Aqueles que se recusam a admitir neste tema, além do que sua própria capacidade pode alcançar, não passam de insensatos. Quando negam que a carne e o sangue de Cristo nos são oferecidos [=*exhiberi*] na Ceia do Senhor, dizem: "Definem a forma, ou

não nos convencerá." Sinto-me, porém, tão constrangido pela profundidade deste mistério, que, como Paulo, não me envergonho de reconhecer com espanto minha ignorância. Quão mais satisfatório é esse fato do que subestimar, por meu senso carnal, o que Paulo declara ser um profundo mistério! A própria razão nos ensina isso; pois tudo quanto é supernatural está evidentemente além da compreensão de nossas mentes. Portanto, labutemos mais para sentirmos Cristo vivendo em nós do que para descobrirmos a natureza de tal comunicação.

Quão espantosa é a acuidade dos papistas, que concluem dessa palavra 'mistério' que o matrimônio é um dos sete sacramentos, como se pudessem transformar água em vinho. Enumeram sete sacramentos, enquanto que Cristo não instituiu mais que dois; e, para provar que o matrimônio é um deles, produzem esta passagem. Sobre que fundamento? Porque a Vulgata usa a palavra *sacramentum*, como uma tradução da palavra 'mistério', usada por Paulo. Como se esta palavra, nos escritores latinos, não denotasse freqüentemente 'mistério', ou como se Paulo não usasse a palavra nesta mesma epístola, ao falar da vocação dos gentios. Mas a presente questão consiste em se o matrimônio foi instituído como um solene símbolo da graça de Deus, para declarar-nos e representar-nos algo de caráter espiritual, tal como o batismo e a Ceia do Senhor. Eles não têm base alguma para tal asserção, a menos que tenham sido enganados pela duvidosa significação da palavra, ou, antes, por sua ignorância da língua grega. Pois se alguém lhes houvera dito que a palavra usada pelo apóstolo é 'mistério', nenhum equívoco jamais haveria ocorrido.

Vejamos, pois, o martelo e a bigorna com que fabricaram

esse sacramento. Mas têm demonstrado também sua indolência, não atentando para a correção que é imediatamente adicionada: **falo, porém, a respeito de Cristo e da igreja**. Ele queria embargar uma admoestação, no caso de alguém entendê-lo como que falando do matrimônio; como se ele tivesse falado mais claramente do que se tivesse pronunciado a frase sem qualquer exceção. O grande mistério consiste em que Cristo infunde na Igreja sua própria vida e poder. Quem, porém, faria disso um sacramento? Portanto, vemos que esta asneira é oriunda da mais grosseira ignorância.

33. Não obstante, que cada um. Havendo digressionado um pouco do argumento, embora a própria digressão haja ajudado seu propósito, ele adota o método usualmente seguido em breves preceitos, e sumaria o que deseja ver neles: que os esposos amem suas esposas, e que as esposas respeitem a seus esposos; pelo termo *respeito*, deve-se entender aquela reverência que as fará submissas. Pois não existe submissão voluntária sem que seja precedida de reverência.

Capítulo 6

[vv. 1-4]

Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isso é justo. Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira; mas criai-os na disciplina e na correção do Senhor.

1. Filhos, obedecei. O apóstolo usa o termo 'obedecei', em vez de 'honrai'. Por que, porém, ele restringe o gênero à espécie? É porque a obediência é a evidência daquela honra que os filhos devem a seus pais. Ele, pois, a exige o mais energicamente possível. É igualmente uma questão muito difícil; pois a mente humana recua da submissão, e só com dificuldade suporta ver-se forçada sob o comando de outro. A experiência revela quão rara é essa virtude; pois é possível encontrar um entre mil que seja obediente a seus pais? Há, pois, uma sinédoque no ensino de Paulo aqui, mas esta é uma parte muito importante, e é completada por todas as outras.

No Senhor. Além da lei da natureza [=*naturae legem*], a qual é recebida por todas as nações, o apóstolo ensina que a obediência dos filhos é decretada pela autoridade de Deus.

Daí segue-se que os pais devem ser obedecidos, só até onde os deveres para com Deus não sofram detrimento, porquanto estes devem vir em primeiro lugar. Se a determinação divina é a regra pela qual a submissão dos filhos deva ser exigida, seria totalmente errôneo que, por ela, fossem eles desviados de Deus mesmo.

Pois isso é justo. *Isso* é adicionado para restringir a fúria que, já dissemos, parece ser natural em quase todos os homens. Ele prova que tal submissão é justa, porque o Senhor a ordenou; pois não é lícito disputar ou pôr em dúvida a determinação daquele cuja vontade é a mais justa regra da bondade e retidão. Além do mais, não surpreende que o apóstolo derive a obediência da honra; pois Deus não tem interesse em cerimônias. O preceito: "Honra a teu pai e a tua mãe", compreende todos os deveres pelos quais a afeição sincera e o respeito dos filhos a seus pais podem ser expressos.

2. Que é o primeiro mandamento. As promessas anexadas aos mandamentos se destinam a atrair-nos, para que pudéssemos obedecer com mais disposição. Portanto, Paulo usa um condimento, por assim dizer, para tornar a submissão que ele ordena aos filhos mais agradável e receptível. Ele não diz simplesmente que Deus ofereceu um prêmio àquele que obedecer a seu pai e a sua mãe, mas que tal proposta é peculiar a este mandamento. Se cada um dos mandamentos tivesse suas próprias promessas, não teria havido nenhuma força na recomendação feita aqui. Mas este é o primeiro mandamento. Paulo nos diz que aprouve a Deus confirmar [o mandamento] por meio de uma promessa extraordinária como se ela fosse um selo. Existe certa dificuldade aqui; pois o segundo mandamento contém igualmente uma promessa:

"Porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso que... usa de misericórdia para com milhares dos que me amam e guardam os meus mandamentos" (Êx 20.5-6). Mas isso é de caráter universal, aplicando-se indiscriminadamente a toda a lei, e não pode dizer-se que está anexado a esse mandamento. A asserção de Paulo ainda se mantém sendo verdadeira, ou seja, que nenhum outro mandamento, senão este que ordena a obediência devida pelos filhos a seus pais, se distingue por uma promessa.

A promessa é de *longa vida*. Com isso entendemos que a presente vida não deve ser menosprezada entre os dons divinos. Disto e de temas afins os leitores poderão ler nas *Institutas* [III.x.]. Aqui só observarei brevemente que o prêmio prometido à obediência dos filhos é muito apropriado. Aqueles que se mostram bondosos para com seus pais, de quem receberam a vida, se asseguram, da parte de Deus, de que tudo estará bem com eles em sua vida.

3. Sobre a terra. Moisés expressamente menciona a terra de Canaã [Êx 20.12]. Pois os judeus não poderiam ser felizes ou ter uma vida deleitável fora dela. Mas, como a mesma bênção divina é hoje derramada sobre o mundo inteiro, Paulo apropriadamente deixou de fazer menção de um lugar, a particular discriminação só durou até à vinda de Cristo.

4. E vós, pais. Os pais, por sua vez, são exortados a não irritar seus filhos com imoderada severidade. Tal atitude excitaria o ódio e os levaria a lançar de si o jugo [paterno] de uma vez para sempre. Conseqüentemente, em Colossenses ele adiciona: "para que não fiquem desanimados" [Cl 3:21]. O tratamento bondoso e liberal conserva a reverência dos filhos para com seus pais, e aumenta a prontidão e a alegria

de sua obediência, enquanto que uma severidade austera e inclemente suscita sua obstinação e destrói seu respeito. Mas Paulo prossegue, dizendo: "que eles sejam amavelmente criados". Pois a palavra ἐκτρέφειν inquestionavelmente comunica a idéia de *gentileza* e *afabilidade*. Em contrapartida, porém, para que não haja excesso de indulgência, como às vezes sucede, ele encurta as rédeas, por assim dizer, e acrescenta: **na disciplina e na correção do Senhor**. Pois Deus não quer que os pais sejam excessivamente brandos com seus filhos, ao ponto de corrompê-los, poupando-os demais. Que sua bondade seja temperada, a fim de conservá-los na disciplina do Senhor, e corrigi-los também quando se desviarem. Essa idade requer freqüente admoestação e firmeza com as rédeas, no caso de se soltarem.

[vv. 5-9]

Servos, sede obedientes aos que segundo a carne são vossos senhores, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo; não servindo à vista, como para agradar a homens; mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus; servindo de boa vontade como ao Senhor, e não aos homens, sabendo que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer seja livre. E vós, senhores, desempenhai vossos deveres recíprocos para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles quanto vosso, está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas.

5. Servos, sede obedientes. Ele exorta os servos de uma maneira muito enérgica, porquanto o sofrimento e a amargura de sua condição a fazem mais difícil de ser suportada. E ele não fala de mera obediência externa, e, sim, do *temor*

espontâneo; porque é algo mui raro alguém espontaneamente render-se ao controle exercido por outrem. Ora, ele não está falando de servos assalariados como os temos hoje, mas de servos dos tempos antigos, cuja servidão era de caráter perpétuo, a menos que, mediante a benevolência de seus senhores, fossem libertados. Seus senhores lhes retribuíam com dinheiro, a fim de utilizá-los em determinadas tarefas, e pela lei tinham sobre eles poder de vida e de morte. É a esses que ele ordena que obedecessem a seus senhores, a fim de que não concluíssem que a liberdade carnal lhes houvera sido granjeada pelo evangelho.

Mas, como alguns dos piores homens eram coagidos pelo medo do castigo, o apóstolo faz distinção entre servos cristãos e servos ímpios, através de sua *atitude*. **Com temor e tremor**, diz ele; ou seja, com criterioso respeito que emana de um coração singelo. Visto, porém, ser muito difícil granjear tanta deferência em relação a um mero homem, sem a imposição de uma necessidade superior, o apóstolo lhes ordena que olhassem para Deus. Daí se depreende que não basta que sua obediência satisfaça aos olhos humanos; porquanto Deus requer a verdade e a sinceridade do coração. Ele declara que, enquanto servem fielmente a seus senhores, na verdade estão obedecendo a Deus; como se dissesse: "Não supondes que foi pela vontade humana que fostes lançados na escravidão. É Deus quem colocou sobre vós tal fardo, quem vos contratou para os vossos senhores. Aquele que conscientemente se esforça por entregar ao seu senhor o que lhe é devido, se desincumbe de seus deveres, não apenas em relação ao homem, mas também em relação a Deus."

Ele contrasta *boa vontade* com a esmagadora indignação que se avoluma no espírito dos escravos. Ainda que não ousem

exteriorizar sua revolta ou os sinais de sua obstinação, sua aversão em relação a autoridade é tão forte que é com a mais profunda indisposição e relutância que obedecem a seus senhores.

Quem quer que leia os relatos acerca do caráter e costumes dos escravos, esparsos pelos escritos antigos, logo perceberá que o volume de exigências aqui apresentadas não excede ao das moléstias que prevaleciam no seio dessa classe, as quais era impreterível que fossem curadas. Este ensino, porém, se aplica também a empregados e empregadas de nossa própria época. É Deus quem determina e regula a sociedade. Visto que a condição dos empregados [de hoje] é muito mais tolerável, eles devem considerar-se muito menos escusáveis caso não se esforcem, de diversas maneiras, a comportar-se como Paulo lhes diz.

Ao qualificá-los de **senhores segundo a carne**, o apóstolo ameniza o tom abrupto de *servidão*. Pois ele quer dizer que a liberdade espiritual, a qual devem especialmente buscar, permanecia intocável.

Ele menciona ὀφθαλμοδουλεία, visto que a bajulação é algo comum entre quase todos os servos; no entanto, tão logo seus senhores lhes viram as costas, entregam-se sobejamente às queixas, ou até mesmo ao ridículo. Paulo, pois, ordena que os piedosos mantenham a maior distância possível dessas enganosas pretensões.

8. Sabendo que cada um, se fizer alguma coisa boa. Que poderosa consolação! Se porventura tiverem que conviver com senhores mal-agradecidos ou cruéis, Deus aceitará seus serviços prestados a homens indignos como prestados a ele próprio. Quando os servos ponderam sobre o

orgulho e arrogância de seus senhores, amiúde concluem que seu labor é de nenhum proveito, e a tendência é tornarem-se indolentes. Paulo, porém, lhes diz que sua recompensa está guardada com Deus pelos serviços que parecem ser mal remunerados pelos homens embrutecidos; e que, portanto, não há razão alguma para que deixem de seguir seu curso predeterminado. Adiciona que nenhuma distinção deve ser posta entre um homem escravo e um homem livre. O mundo está habituado a pôr menos valor nos labores dos escravos. Ele afirma que com Deus não se dá o mesmo, senão que, para ele, são tão preciosos como os deveres dos reis. Porque a posição externa é desprezada e cada um é julgado segundo a integridade de seu coração.

9. E vós, senhores. As leis conferiam aos senhores grande liberdade. Tudo quanto, pois, havia sido sancionado pelo código civil era considerado por muitos como inerentemente justo. Sua crueldade às vezes chegava a tal ponto que os imperadores romanos foram forçados a restringir sua tirania. Mas, mesmo que não houvesse ainda quaisquer editos imperiais que fossem promulgados em defesa dos escravos, Deus nada permitia aos senhores além do que seja consistente com a regra do amor. Quando os filósofos queriam temperar a excessiva severidade para com os escravos com a perfeita eqüidade, ensinavam que os senhores deveriam tratá-los não de forma diferenciada dos servos assalariados. Mas iam só até à esfera da utilidade, ou seja, o que era vantajoso ao chefe de família e conveniente à sociedade. Paulo evoca um princípio muito diferente. Ele estabelece o que é legítimo segundo a determinação divina e o quanto são, também, devedores a seus servos.

Primeiramente ele diz: "Procedei da mesma forma", o

que traduzi: "Desempenhai vossos deveres recíprocos". Pois o que ele diz em Colossenses: τὸ δίκαιον καὶ τὴν ἰσότητα [= aquilo que é justo e igual], é o que, nesta passagem, ele chama *as mesmas coisas* [=τὰ αὐτὰ]. E o que é isso senão a lei da analogia, como a chamam? A condição de senhores e servos não é deveras igual; mas há um certo direito mútuo entre eles; ou seja, os servos são vinculados a seus senhores; e desse modo, em contrapartida, uma vez lembrada a diferença de classe, os senhores estão sob certas obrigações para com seus servos. Tal analogia é erroneamente avaliada, visto que os homens não a põem à prova pela lei do amor, a qual é o único padrão legítimo. Eis o que Paulo quer dizer pelo termo "as mesmas coisas"; pois todos nós estamos suficientemente preparados para demandar o que é devido a nós mesmos; mas quando chega nossa vez de pôr em prática nossos próprios deveres, cada um se apresenta para reivindicar sua isenção. Entretanto, é principalmente entre os poderosos e aristocratas que a injustiça de tal natureza predomina.

Deixando as ameaças. Cada sorte de insulto, emanando do orgulho dos senhores, é compreendida numa única palavra; como se ele os proibisse de oprimir e de aparentar violência, bem como de parecer estar constantemente ameaçando seus servos devido a alguma coisa ruim neles, quando os mandam fazer algo. As ameaças e toda sorte de desumanidade têm origem quando os senhores tratam os servos como se fossem gado, como se houvessem eles nascido única e exclusivamente para servi-los. Sob esse único exemplo, ele proíbe todo e qualquer tratamento insultuoso e desumano.

Senhor deles e vosso. Eis uma advertência em extremo necessária. Pois não há nada que não ousaremos contra aqueles que se encontram sujeitos a nós, se eles não têm a

menor chance de resistir-nos e nenhum meio de obter seus direitos, se não lhes surge nenhum vingador, nenhum protetor, ninguém que se mova de compaixão ao ouvir seus lamentos. Ocorre aqui, em síntese, como comumente se diz, que *a impunidade é a mãe da libertinagem*. Paulo aqui, porém, os lembra de que, enquanto os senhores dominam sobre seus servos, eles também têm o mesmo Senhor no céu, a quem deverão prestar contas.

Para com ele não há acepção de pessoas. Respeitar as pessoas em demasia cega os nossos olhos, de modo a não ficar lugar algum para os direitos ou a justiça; mas Paulo afirma que tal coisa é de nenhum valor aos olhos de Deus. Pelo termo 'pessoa' o apóstolo quer dizer qualquer coisa acerca de um homem que é irrelevante para o caso real, e que levamos em conta como critério em nossa avaliação em questão de parentesco, beleza, posição, riqueza, amizade e tudo quanto granjeia o nosso favor, enquanto que as qualidades opostas produzem menosprezo e às vezes até mesmo o nosso ódio. Como essas sensações irrelevantes provenientes da visão de uma pessoa têm a maior influência possível nos julgamentos humanos, aqueles que são investidos com autoridade agradam a si mesmos, como se Deus aprovasse tais corrupções. "Quem é aquele que faria Deus respeitá-lo, ou que defenderia seus interesses contra os meus?" Paulo, ao contrário, assevera que os senhores estão equivocados se pensam que seus servos serão de pouca ou nenhuma importância diante de Deus, só porque aos olhos do mundo eles são assim considerados. Pois Deus não leva em conta o aspecto externo de uma pessoa, e a causa do mais desprezível dos homens não será absolutamente menos considerada por ele do que a do mais altivo monarca.

[vv. 10-13]

Finalmente, meus irmãos, sede fortes no Senhor e na força de seu poder. Vesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as astúcias do diabo. Porque a nossa luta não é contra a carne e o sangue, mas contra os principados, contra as potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra a iniqüidade espiritual nas regiões celestiais. Por isso, tomai para vós toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, tendo vencido tudo, permanecer inabaláveis.

10. Finalmente. O apóstolo resume suas exortações gerais, e antes de tudo os intima a serem fortes, a armar-se de coragem e vigor; pois sempre existe abundância de elementos a debilitar-nos, e estamos sempre despreparados para enfrentá-los. Visto, porém, que somos fracos, uma exortação seria sem efeito, a menos que o Senhor estivesse presente e estendesse sua mão a socorrer-nos; sim, a menos que ele nos suprisse com a plenitude de seu poder. E é por isso que o apóstolo adiciona: **no Senhor**. Como se quisesse dizer: "Vós não podeis retorquir que vos falte habilidade; pois a única que vos peço é que sejais fortes no Senhor." E então, à guisa de explicação, ele adiciona: **na força de seu poder**, o que faz aumentar grandemente a nossa confiança, particularmente quando ela revela o auxílio que Deus costuma conferir aos crentes. Se o Senhor nos socorre com seu extraordinário poder, então não temos qualquer razão de mostrar-nos irresolutos na batalha. Mas alguém diria: "De que serviu ordenar aos efésios que fossem fortes no poder do Senhor, se tal coisa, indubitavelmente, não estava em seu domínio?" Minha resposta consiste em que há aqui duas cláusulas que devem ser consideradas. Ele os exorta a terem

coragem, e então os lembra de pedirem a Deus os recursos de que careciam; e ao mesmo tempo promete que, se fizessem tal pedido, o poder de Deus lhes seria proporcionado.

11. Vesti-vos de toda a armadura. Deus nos tem munido com mais de uma espécie de auxílio, desde que não sejamos indolentes em fazer uso do que nos é oferecido. Todavia, quase todos nós pecamos ao fazermos uso, de forma displicente e hesitante, da graça que nos é oferecida; justamente como faz um soldado, ao ver-se frente a frente com o inimigo, toma seu capacete, todavia esquece de sobraçar seu escudo. Com o fim de corrigir essa [falsa] segurança, ou, antes, essa indolência, Paulo toma por empréstimo uma comparação extraída da arte militar, e nos concita a vestirmo-nos com toda a armadura de Deus. Pelo quê ele quer dizer-nos que devemos estar preparados de todos os lados, de modo a não carecermos de nada. O Senhor nos oferece armas para repelir todo gênero de ataque. Resta-nos aplicá-las ao nosso próprio uso, e não deixá-las dependuradas no armário ou na parede. Para fazer-nos mais vigilantes, ele nos diz que devemos não só engajar-nos na guerra em campo aberto, mas que também temos um inimigo astuto e insidioso, que nos ataca secretamente por meio de embustes; pois esse é o sentido da palavra μεθοδείας [= *'astúcia'*] que ele usa.

12. Porque a nossa luta não é. O apóstolo põe diante dos efésios o perigo, expressando-lhes a natureza do inimigo, o que ele ilustra fazendo uso de comparação: **não contra carne e sangue**. Sua intenção é fazer-nos ver que nossas dificuldades são maiores do que se tivéssemos que lutar contra os homens. Ali resistimos a força humana, espada contra espada, o homem contende com o homem, a força é rebatida pela força, e habilidade contra habilidade; mas, aqui,

o caso é muitíssimo diferente, porquanto nossos inimigos são em tal proporção, que não há poder humano capaz de resistir. Eis a suma da comparação. Pela expressão "carne e sangue" o apóstolo quer dizer *os homens*, os quais são assim nomeados para contrastá-los com os assaltantes espirituais. É como se dissesse: "Nossa luta não é corporal."

Lembremo-nos desta afirmação quando as injúrias humanas nos levarem à represália. Pois nossa natureza nos leva à selvageria contra os próprios homens; mas esse estulto desejo será refreado, como por uma rédea curta, pela consideração de que os homens que nos importunam nada são além de dardos lançados pela mão de Satanás. Enquanto estamos ocupados em repeli-los, nos expomos a ser feridos de todos os lados. Lutar contra a carne e o sangue não só será inútil, mas também muito prejudicial. Devemos ir diretamente ao inimigo, que nos ataca e nos fere de seu esconderijo, que mata antes mesmo de ser visto.

Mas, voltemos a Paulo. Ele põe diante de nós um inimigo formidável, não para infundir-nos medo, mas para aguçar nossa diligência e solicitude. Pois há um procedimento mediano a ser observado. Quando o inimigo é negligenciado, ele faz tudo o que pode para sujeitar-nos através da indolência e para em seguida desencorajar-nos usando a arma do terror; de modo que, antes mesmo de sermos atingidos, somos dominados e derrotados. Ao falar do poder do inimigo, Paulo se esforça por manter-nos mais zelosos. Ele já o denominara de *diabo*, mas agora usa uma série de epítetos, para que seus leitores pudessem entender que esse não é um inimigo a ser tratado com descaso.

Ele o chama de *principados* e *potestades*, com o fim de alertar-nos vivamente; todavia não para encher-nos de

consternação, como eu já disse, mas para despertar em nós a prudência. E então o chama de κοσμοκράτορας, ou seja, *príncipe do mundo*; e à guisa de explicação ele adiciona **deste mundo tenebroso**. Sua intenção é mostrar-nos que o diabo reina no mundo, porquanto o mundo outra coisa não é senão tenebrosidade. Daí segue-se que a corrupção do mundo cede espaço ao reino do diabo. Pois ele não pode residir numa criatura de Deus que seja pura e saudável. Toda corrupção procede da pecaminosidade humana. Pelo termo 'trevas', como é bem notório, o apóstolo quer dizer a nossa descrença e ignorância de Deus, com as suas conseqüências. Como o mundo inteiro jaz coberto de trevas, o diabo é o príncipe deste mundo.

Ao denominá-lo de *iniqüidade*, o apóstolo não só acusa a malignidade e a depravação do diabo, mas também nos lembra que temos muita carência de vigilância para não sermos por ele vencidos. Pela mesma razão, o adjetivo, *espiritual,* é aplicado; pois, quando o inimigo é invisível, maior é o perigo. Ele põe ênfase também na seguinte frase: **nas regiões celestiais**; pois quanto mais alto é o lugar donde somos atacados e assaltados, mais sofrimento e dificuldade se nos proporcionam. E, conseqüentemente, nossa vida é ameaçada de cima.

Nos tempos de outrora, os maniqueus usavam e abusavam desta passagem para provar sua desvairada noção de dois princípios; mas tal coisa é facilmente refutável. Supunham o diabo como sendo ἀντίθεον [= um deus antagônico], a quem o Deus justo não subjugaria sem imensurável esforço. Pois Paulo não atribui aos demônios um principado, do qual se apoderam sem o devido consentimento e o exercem em

oposição a Deus, e, sim, o atribui àquele que, como a Escritura alhures ensina, Deus, em justa vingança, pemite que ajam contra os perversos. A questão aqui é a seguinte: não propriamente que espécie de poder eles exercem em oposição a Deus, e, sim, quão assustadores eles se nos tornam, com o fim de manter-nos sempre em guarda. Nem tampouco essas palavras pretendem favorecer a crença de que o diabo criou e mantém para si mesmo a região intermédia nos ares. Paulo não lhes designa um território fixo, do qual se apoderam e o qual controlam, mas simplesmente indica que estão imbuídos de hostilidade e se encontram nas regiões mais elevadas.

13. Por isso, tomai para vós. O apóstolo não insinua que devamos jogar fora nossas lanças em virtude de nosso inimigo ser por demais poderoso, mas que devemos cobrar ânimo para a batalha. De fato, a exortação contém a promessa de vitória. Pois, ao dizer: **para que possais**, ele insinua que certamente ficaremos firmes simplesmente vestindo-nos de toda a armadura de Deus e lutando valentemente até o fim. De outra sorte, poderemos ser arruinados pelo número e variedade das disputas.

Portanto, ele acrescenta: **no dia mau, e tendo vencido tudo**. Pela primeira expressão o apóstolo os desperta da tranqüilidade, para que se preparem para os conflitos árduos, dolorosos e perigosos, e, ao mesmo tempo, os anima com a esperança de vitória; pois eles venceriam em meio aos perigos mais sutis. Na segunda cláusula, ele estende essa confiança a todo o curso da vida. Perigo nenhum prevalecerá onde prevalece o poder de Deus; nem fracassará em meio à jornada aquele que estiver suficientemente armado para lutar contra Satanás.

[vv. 14-20]

Estai, pois, firmes, cingindo os vossos lombos com a verdade, e vestindo-vos com a couraça da justiça. Calçai os vossos pés com a preparação do evangelho da paz; além disso, sobraçando o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isso vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos, e também por mim; para que me seja dada, ao abrir ousadamente minha boca, a palavra, para fazer conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias; para que em Cristo eu seja ousado, como me cumpre fazê-lo.

14. Estai, pois, firmes. Agora o apóstolo especifica quais as armas que ele lhes ordenou que usassem. Não devemos, contudo, inquirir com demasiada minudência o significado de cada palavra; pois toda a intenção do apóstolo consistia em fazer alusão ao equipamento de um soldado. Não há nada mais frívolo que o árduo esforço de alguns em tentar descobrir por que a justiça se assemelha a uma couraça, em vez de um cinturão. O propósito de Paulo era tocar de leve no que era primordialmente requerido de um homem cristão e adaptá-lo à comparação que já havia apresentado.

Ele compara a *verdade*, pela qual ele quer dizer uma mente sincera, a um cinto. Ora, um cinto era, nos tempos antigos, uma das partes mais importantes da armadura militar. Ele visa, pois, à fonte da sinceridade; pois a pureza do evangelho deve expurgar de nós toda mácula e purificar nossos corações de toda e qualquer pretensão.

Em segundo lugar, ele recomenda *justiça*, e manifesta o

desejo de que ela seja uma couraça a proteger nosso tórax. Há quem acredite que isso se refere à justiça gratuita, ou à imputação da justiça, a qual consiste da remissão dos pecados. Para minha mente, porém, isso seria irrelevante aqui; pois Paulo está tratando da pureza de vida. Ele quer que sejamos adornados, primeiro com a integridade, e a seguir com uma vida devota e santa.

15. Ele alude, se não me engano, às botas do soldado; pois elas eram sempre consideradas como parte da armadura, e jamais eram usadas nas lides domésticas. O significado consiste em que, como os saldados cobriam suas pernas e pés contra o frio e outras intempéries, assim devemos estar calçados com o evangelho, caso queiramos passar incólumes pelo mundo. É evidente que o chame **o evangelho da paz**, em virtude de seus efeitos; pois ele é o embaixador de nossa reconciliação com Deus, e é tão-somente ele que tranqüiliza a nossa consciência. O que, porém, significa a palavra 'preparação'? Há quem a explique como sendo uma determinação para que alguém seja preparado pelo evangelho. Eu a interpreto, porém, como sendo o efeito do evangelho, para que nos desfaçamos de muitos obstáculos e sejamos preparados tanto para a jornada quanto para a batalha. Somos, por natureza, morosos e apáticos. Demais, uma via íngreme e ruim, contendo muitos obstáculos, retarda nossa chegada, e somos desencorajados pelas ínfimas oposições. Nesses registros, Paulo apresenta o evangelho como o melhor instrumento para empreender e levar a cabo a expedição. A circunlocução de Erasmo: "para que sejais preparados" [= *ut sitis parati*], não é realmente apropriada.

16. Sobraçando o escudo da fé. Embora a fé e a Palavra de Deus sejam inseparáveis, Paulo lhes designa dois ofícios.

Digo que ambas são inseparáveis, porque a Palavra é o objeto da fé e não pode ser aplicada para o nosso uso senão pela fé. E, igualmente, a fé nada é e nada pode fazer sem a Palavra. Paulo, porém, ignorando uma distinção por demais sutil, permitiu-se falar livremente da armadura militar. Em 1 Tessalonicenses 5.8, ele aplica o nome de armadura tanto à fé quanto ao amor. Daqui faz-se evidente que ele só queria dizer que aquele que toma posse das virtudes aqui descritas está verdadeiramente armado de todas as formas.

E no entanto não é sem razão que ele compare à fé e à Palavra de Deus os principais instrumentos de guerra, ou seja: espada e escudo. No combate espiritual, esses dois mantêm a mais elevada posição. Por meio da fé, repelimos todos os ataques do diabo; e por meio da Palavra de Deus, o próprio inimigo é completamente esmagado. Em outras palavras, se a Palavra de Deus é eficaz em nós mediante a fé, então estaremos mais que suficientemente armados, tanto para repelir quanto para pôr em fuga o inimigo. Portanto, aqueles que tiram de um cristão a Palavra de Deus, porventura não o despojam de sua indispensável armadura, para que pereça sem ter como lutar? Não existe sequer um homem que não está na obrigação de ser um soldado de Cristo. Mas quem pode lutar desarmado e indefeso?

Com o qual podereis apagar todos os dardos. Ele fala imprecisamente. Pois podia ter-se valido de 'pegar' ou 'tirar' ou algo parecido. *Apagar*, todavia, é muito mais expressivo; pois se aplica bem ao adjetivo que ele emprega; como se dissesse: "Os dardos de Satanás são não só pontiagudos e penetrantes, mas, o que é ainda mais terrível, eles são ardentes. A fé não só embota seu gume, mas também apaga sua chama mortal." Porque, "esta é a vitória que vence o mundo: a vossa fé", diz João [1 Jo 5.4].

17. Tomai também o capacete da salvação. Na passagem de Tessalonicenses que citei [1 Ts 5.8], ele chama "a esperança da salvação" de capacete, o que tomo no mesmo sentido. A cabeça é protegida pelo melhor capacete que existe, quando, sublimada pela esperança, olhamos para o céu, para aquela salvação que nos é prometida. Portanto, a salvação só é um capacete mediante a esperança.

18. Com toda oração. Tendo vestido a armadura nos efésios, Paulo agora lhes ordena que lutem em oração. Esse é um método genuíno. Invocar a Deus é o principal exercício da fé e da esperança; e é assim que obtemos da parte de Deus todas as bênçãos. Oração e súplica contêm uma leve diferença, sendo que súplica é a *espécie* e oração, o *gênero.*

Ele os exorta a perseverarem em oração, ao dizer-lhes: **com toda perseverança**. Pois com isso ele nos ensina que devemos avançar alegremente, para não desfalecermos. Com imbatível ardor, somos impelidos a prosseguir em nossas orações, mesmo que de imediato não obtenhamos o que desejamos. Se alguém preferir 'solicitude', não faço objeção.

O que, porém, ele quis dizer com **em todo tempo**? Uma vez tendo falado da aplicação contínua, a teria reiterado? Creio que não. Quando tudo resulta prosperamente, quando estamos satisfeitos e alegres, dificilmente nos ocorre que devemos orar; de fato, jamais recorreremos a Deus, a menos que sejamos arrastados pela aflição. Paulo, pois, deseja que não deixemos passar tempo algum sem que nos lembremos de orar; de modo que, orar continuamente é o mesmo que orar na prosperidade e na adversidade.

Por todos os santos. Não há sequer um momento em nossa vida em que nossas necessidades não devam impelir-

nos à oração. Mas há outra razão para orarmos sem cessar, a saber: é que as necessidades de nossos irmãos devem sensibilizar-nos. E quando é que alguns dos membros da Igreja não se encontram em aflição e carentes de nossa assistência? Se porventura, em algum tempo, nos sentimos frios em relação à oração ou mais negligentes do que deveríamos permitir, visto que não sentimos a pressão de alguma necessidade imediata, pensemos imediatamente quantos de nossos irmãos se encontram fatigados por variadas e pesadas aflições, estão prostrados por profunda ansiedade, ou reduzidos ao pior abatimento. Caso não nos despertemos de nossa letargia, então é porque possuímos um coração de pedra. Aqui pode suceder de alguém perguntar se devemos orar somente pelos crentes. Minha resposta é que, embora Paulo esteja confiando os santos aos efésios, ele não exclui os demais. E todavia na oração, assim como em outros ofícios do amor, nossa primeira preocupação, inquestionavelmente, é direcionada para os santos.

19. E por mim. Ele concita os efésios a que se lembrassem de orar por ele especificamente. Daí inferirmos que não existe pessoa que seja tão ricamente dotada com dons que não necessite desse gênero de assistência por parte de seus irmãos, enquanto estiver neste mundo. Que melhor exemplo de tal necessidade haveria além do próprio Paulo? No entanto solicita as orações de seus irmãos, e não hipocritamente, mas partindo de um ardente desejo por seu auxílio. Ora, atentemos bem para o motivo por que deseja que orem por ele, ou seja: para que pudesse abrir sua boca. O que é isso? Estava ele emudecido ou premido pelo medo de confessar o evangelho? De modo algum; mas receava que o seu esplêndido início se desvanecesse no futuro.

Além disso, ele ardia com tal zelo em proclamar o evangelho que nunca se sentia satisfeito consigo mesmo. Aliás, se levarmos em conta o peso e a importância de seu tema, todos reconheceremos que estamos muito longe de ser iguais a ele.

Conseqüentemente, ele acrescenta: **como me cumpre fazê-lo**; significando que testificar do evangelho como ele merece é uma obra de rara virtude. Pesem cada palavra, aqui, criteriosamente. Ele diz: **com ousadia**; com isso ele quer dizer que a timidez emperra nossa liberdade na pregação de Cristo pública e destemidamente; enquanto que uma pública e franca confissão é demandada dos ministros de Cristo. Paulo não pede para si agilidade no debate ou habilidade no manejo da língua para poder escapar de seus inimigos por meio de ambigüidades. Ele deseja a liberdade de abrir a boca para fazer uma clara e veemente confissão; pois quando a boca está apenas meio aberta, ela expressa dúvida e sons confusos. **Ao abrir minha boca**, ou seja, com perfeita liberdade, sem a menor sombra de timidez.

Tal coisa, porém, parece ser um sinal de descrença por parte de Paulo, ao pôr em dúvida sua própria firmeza e ao implorar a intercessão de terceiros. Não, propriamente. Ele não procede como os incrédulos que buscam um antídoto que contraria a vontade de Deus, ou que é inconsistente com sua Palavra. O único socorro em que ele confia consiste naqueles em quem ele divisa a permissão do Senhor e, portanto, confiáveis e aprovados. O Senhor manda que os crentes orem uns pelos outros. Portanto, não é um conforto de somenos importância cada um deles ouvir que o cuidado de sua salvação está jungido aos demais, e descobrir que Deus mesmo nos informa que as orações daqueles que vivem entre

nós não são derramadas em vão. Seria lícito recusar o que o próprio Senhor tem oferecido? Cada crente, indubitavelmente, deve viver satisfeito com a promessa de Deus, de que tão prontamente como ele orou será também ouvido. Mas, se porventura, pela liberalidade de sua benevolência, aprouvesse a Deus acrescentar que ele ouvirá as orações de terceiros que se encontram em nosso meio, tal benevolência seria porventura rejeitada, e não antes acolhida de bom grado?

Portanto, lembremo-nos de que não foi com base na desconfiança ou na dúvida que o apóstolo buscou refúgio nas intercessões de seus irmãos, senão que ele ardentemente anseia por elas, uma vez que o seu desejo era que não perdesse nada do que o Senhor lhe concedera. Os papistas se tornam ridículos ao deduzirem do exemplo de Paulo que é nosso dever orar pelos mortos. Porquanto Paulo estava escrevendo aos efésios [vivos], a quem podia comunicar aquilo a que tenho me reportado. Entretanto, que comunicação temos nós com os mortos? Bem que poderiam eles argumentar que devemos convidar os anjos para nossas festas e entretenimentos, visto que o amor humano é nutrido por tais ofícios.

[vv. 21-24]

Mas, para que também venhais saber a minha situação e o que faço, Tíquico, amado irmão e fiel ministro no Senhor, vos informará de tudo; a quem vos enviei com esse expresso propósito, para que possais saber qual é minha situação, e para que ele console os vossos corações. Paz seja com os irmãos, e amor com fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo. A graça seja com todos aqueles que amam sinceramente a nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

21. Mas, para que também venhais saber. As notícias desencontradas ou falsas freqüentemente perturbam não só as mentes débeis, mas às vezes até mesmo as pessoas ponderadas e firmes. Com o fim de prevenir tal perigo, Paulo envia *Tíquico*, da parte de quem os efésios receberiam informação completa. À luz desse fato percebemos a piedosa solicitude que Paulo nutria pelas igrejas. Quando a morte se punha constantemente diante de seus olhos, nem mesmo o temor da morte, nem a ansiedade acerca de si mesmo, o tolhia de fazer provisão para as igrejas mais distantes. Outro teria dito que tinha mais que fazer com seus próprios problemas. Outros teriam que sair no encalço de sua assistência pessoal, em vez de alguém esperar da parte dele o menor lenitivo. Não, porém, Paulo. Ele envia homens em toda direção em busca do fortalecimento das igrejas que ele mesmo fundara.

Ele enaltece a pessoa de Tíquico, para que suas afirmações desfrutassem de maior credibilidade. Mas é incerto se ele o chama **fiel ministro no Senhor** com respeito ao ministério público da Igreja, ou à lealdade pessoal que ele lhe demonstrava. Tal incerteza é oriunda do fato de essas duas expressões se acharem conectadas: "amado irmão e fiel ministro no Senhor". A primeira se relaciona a Paulo, e assim também pode ser o caso da segunda. Eu, ao contrário, a interpreto como se referindo ao ministério público; pois não creio ser provável que tenha Paulo enviado um homem qualquer que não desfrutasse de reputação no seio da Igreja, cuja presença não impressionasse os efésios.

23. Paz seja com os irmãos. Tomo a palavra *paz* como nas saudações, significando prosperidade. Entretanto não faço objeção se porventura alguém preferir vê-la em termos de harmonia, já que, imediatamente após, ele menciona *amor*.

De fato, o contexto parece fluir melhor. Ele deseja que os efésios desfrutem de concórdia e tranqüilidade entre si; e isso, diz ele imediatamente, pode ser obtido pela benevolência e concórdia na fé. Pois o amor faz com que os homens vivam dentro dos limites da paz; e a fé e o amor, tanto quanto a própria paz, são dádivas divinas derramadas sobre nós através de Cristo; ou melhor, para que emanem de Cristo juntamente com o Pai, seu Autor.

24. A graça seja com todos. O significado é o seguinte: "Conceda Deus seu favor a todos quantos amam a Jesus Cristo com uma consciência pura!" O termo grego, o qual extraio da tradução de Erasmo – *sinceramente* –, literalmente é 'honestidade'. Isso merece atenção por conta da beleza da metáfora. A intenção de Paulo era sugerir que, quando o coração de alguém está vazio de toda e qualquer hipocrisia, estará igualmente livre de toda e qualquer corrupção. Demais disso, esta oração deve ser considerada como um oráculo, para que saibamos que Deus nos é favorável quando, com sincero coração, amamos a seu Filho, em quem ele nos mostra um testemunho e um penhor de seu amor para conosco. Que não haja, porém, nenhum resquício de hipocrisia. Pois a maioria, plenamente indisposta a professar o evangelho, inventa uma sombra de Cristo e a adora com falsa homenagem. Não deve haver tantos exemplos hoje da necessidade de testemunhar que exija de Paulo sincera pureza no amor de Cristo.